

Organizadoras

*Edivania Granja da Silva Oliveira*

*Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira*

**MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS:**  
Saberes e Fazeres nas Escolas Indígenas

**PANKARARU**



**INSTITUTO  
FEDERAL**

Sertão Pernambucano

# **MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: Saberes e Fazeres nas Escolas Indígenas Pankararu**

ISBN 978-85-64794-13-9



**INSTITUTO FEDERAL**  
Sertão Pernambucano



**DEDC**  
Departamento de Educação  
POLO AFONSO



**PÁTRIA AMADA**  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL



**MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: SABERES E FAZERES  
NAS ESCOLAS INDÍGENAS PANKARARU**



Organizadores  
Edivania Granja da Silva Oliveira  
Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira

# **MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: SABERES E FAZERES NAS ESCOLAS INDÍGENAS PANKARARU**

**Petrolina/PE  
2019**

©2019 IF Sertão-PE. Todos os direitos reservados. Esta publicação poderá ser reproduzida na íntegra ou em partes, desde que citada a fonte.

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano**

**Maria Leopoldina Veras Camelo**

Reitora

**Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira**

Pró-reitoria de Ensino

**Ricardo Barbosa Bitencourt**

Pró-reitoria de Extensão e Cultura

**Luciana Cavalcanti Azevêdo**

Pró-reitoria de Pesquisa Inovação e Pós-graduação

**Jean Carlos Coelho de Alencar**

Pró-reitoria de Orçamento e Administração

**Alexandre Roberto de Souza Correia**

Pró-reitoria de Desenvolvimento Institucional

---

Memórias e vivências: saberes e fazeres nas Escolas Indígenas Pankararu/  
Edivania Granja da Silva Oliveira, Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira  
(Orgs.)

VII, 248p.: il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-64794-13-9

1. Educação Indígena 2. Cultura Indígena 3. Educação Escolar Pankararu  
4. Ação Saberes Indígenas na Escola 5. IF Sertão PE I. Título II. Oliveira,  
Edivania Granja da Silva III. Vieira, Maria do Socorro Tavares Cavalcante.

CDD 370

## **SUMÁRIO**

### **PREFÁCIO**

#### **Conhecimentos Pankararu, expressões das sociodiversidades indígenas para a humanidade**

Edson Silva.....10

### **PARTE 01 – Fazer e Saber da Educação Escolar Pankararu**

#### Capítulo 01

#### **IF Sertão-PE: implantação do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola**

Maria Leopoldina Veras.....14

#### Capítulo 02

#### **Patrimônio Pedagógico Pankararu**

Ricardo Barbosa Bitencourt.....17

#### Capítulo 03

#### **POVO PANKARARU - Saberes, Sabores e Aprendizagens**

Edivania Granja da Silva Oliveira e Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira.....18

#### Capítulo 04

#### **Experiência da Coordenação da Ação**

Francisco de Assis da Silva.....27

#### Capítulo 05

#### **Experiência Professor Pesquisador Indígena**

José da Cruz.....28

#### Capítulo 06

#### **Experiências do(as) Professor(as) Indígenas e Orientador(as) do Programa**

Fernando Monteiro dos Santos, Maria Jacielma Monteiro do Nascimento, Maria José da Silva Santos, Maria Nazaré dos Santos e Rita de Cássia dos Santos.....33

#### Capítulo 07

#### **Experiências Didáticas com Discentes do Curso de Licenciatura em Química**

Jéssica Mileny de Andrade Souza e Yanka Micaelle Menezes Lima.....53

### **Parte 02 – Narrativas Indígenas Pankararu**

#### Capítulo 08

Ana Paula da Silva.....56

Capítulo 09	
<b>Andresa Jadine dos Santos</b> .....	57
Capítulo 10	
<b>Celma Rosalina Barros</b> .....	61
Capítulo 11	
<b>Cláudia Monteiro da Silva</b> .....	62
Capítulo 12	
<b>Cícera Jordânia de Melo</b> .....	63
Capítulo 13	
<b>Divaneire Maria da Silva</b> .....	65
Capítulo 14	
<b>Dicla Meire de Andrade</b> .....	67
Capítulo 15	
<b>Eliana Maria de Jesus Silva</b> .....	68
Capítulo 16	
<b>Elianca M. da S. Aguiar</b> .....	75
Capítulo 17	
<b>Edjane Barros de Souza</b> .....	77
Capítulo 18	
<b>Elcione Xavier dos Santos</b> .....	79
Capítulo 19	
<b>Érica Maria dos Santos</b> .....	82
Capítulo 20	
<b>Francisca Maria da Silva</b> .....	85
Capítulo 21	
<b>Francisca Maria Monteiro</b> .....	86
Capítulo 22	
<b>Francineide Gomes dos Santos</b> .....	90
Capítulo 23	
<b>Francineide Barros da Silva</b> .....	93
Capítulo 24	
<b>Flávia dos Santos Silva</b> .....	96
Capítulo 25	

<b>Ginara da Silva Santos</b> .....	100
Capítulo 26	
<b>Géssica Bezerra da Silva</b> .....	103
Capítulo 27	
<b>Jair Arnaldo dos Santos</b> .....	104
Capítulo 28	
<b>Jailma Saúde dos Santos</b> .....	107
Capítulo 29	
<b>Jackeline Maria dos Santos</b> .....	108
Capítulo 30	
<b>Janicleide Maria dos Santos</b> .....	110
Capítulo 31	
<b>Josilene Monteiro da Silva</b> .....	113
Capítulo 32	
<b>Kedma Karla B. Barros</b> .....	115
Capítulo 33	
<b>Laudione Maria de Melo</b> .....	116
Capítulo 34	
<b>Lindiane Maria de Jesus</b> .....	118
Capítulo 35	
<b>Luzinete Maria da Silva</b> .....	122
Capítulo 36	
<b>Máira Naiara Pereira Santos</b> .....	125
Capítulo 37	
<b>Maria Beatriz Eurides de S. Silva</b> .....	128
Capítulo 38	
<b>Maria Cleoneide de Oliveira</b> .....	130
Capítulo 39	
<b>Maria da Conceição Silva</b> .....	132
Capítulo 40	
<b>Maria da Saúde M. Souza</b> .....	135
Capítulo 41	
<b>Maria Girlene dos Santos Pereira</b> .....	139

Capítulo 42	
<b>Maria José dos Santos Silva</b> .....	142
Capítulo 43	
<b>Maria Marlene das Graças</b> .....	145
Capítulo 44	
<b>Maria Rejane da S. Félix</b> .....	148
Capítulo 45	
<b>Mônica Maria da Conceição Antônio</b> .....	151
Capítulo 46	
<b>Najda Maria dos Santos</b> .....	152
Capítulo 47	
<b>Rejane Maria da Silva</b> .....	154
Capítulo 48	
<b>Simone Barros Cardoso</b> .....	156
Capítulo 49	
<b>Simone Maria da Silva Cruz</b> .....	159
Capítulo 50	
<b>Sineide Cícera Maria da Silva</b> .....	160
Capítulo 51	
<b>Tereza Cristina de Oliveira</b> .....	162
Capítulo 52	
<b>Thaise Yanara do Nascimento Dória</b> .....	166
Capítulo 53	
<b>Thaize Nazaré Santos Silva Oliveira</b> .....	169
Capítulo 54	
<b>Tamires Natana de Souza Monteiro Oliveira</b> .....	172
Capítulo 55	
<b>Viviane Maria dos Santos</b> .....	175
<b>Parte 03 – Sequências Didáticas Saberes nas Escola Indígenas Pankararu</b>	
Sequências Didáticas – Edivania Granja e Socorro Tavares.....	179
Sequências Didáticas – Orientadora Maria José.....	181
Sequências Didáticas – Orientadora Rita de Cássia.....	199

Sequências Didáticas – Orientador Fernando Santos.....	214
Sequências Didáticas – Orientadora Maria Nazaré.....	221
Sequências Didáticas – Orientadora Maria Jacielma.....	222
Animais Sagrados para o Povo Pankararu - Luzinete Maria Silva Sequências Didáticas – Orientadora Maria José.....	232
<b>Parte 04 – Exemplos de Atividades Discentes Pankararu.....</b>	<b>233</b>

## **PREFÁCIO**

### **Conhecimentos Pankararu, expressões das sociodiversidades indígenas para a humanidade**

O nosso território não representa somente um espaço demarcado, mas sim, a vida e a manutenção da existência dos nossos antepassados. Representa um legado de preservação da mãe natureza, que nos fortalece para o enfrentamento das ameaças de uma sociedade capitalista, que não diferencia o progresso do desenvolvimento tecnológico, desconsiderando a preservação do meio ambiente e a manutenção da vida, os cuidados com a mãe natureza e a existência humana.

José da Cruz, professor e pesquisador Pankararu

As afirmações do indígena Pankararu professor e pesquisador José da Cruz, em muito traduzem respostas às perguntas, inquietações e angústias em que atualmente vivemos sobre o futuro da humanidade. Há uma exaltada “civilização” cada vez mais tecnológica, mas também afogando-se em meio aos muitos detritos que vêm produzindo.

Os povos indígenas, as chamadas “comunidades tradicionais”, os grupos socioculturalmente diversos considerados “primitivos” ou “atrasados” são os que apresentam propostas, possibilidades, caminhos para salvarmos o planeta, as vidas, a humanidade.

Os textos dos/as professores/as Pankararu apresentados nesse livro são muito significativos, pois os indígenas relataram e compartilharam experiências, vivências e expressões socioculturais do universo indígena no âmbito da Educação Escolar Indígena, que são referenciais para nós, não indígenas. Por essa razão, fiquei muito feliz e agradecido com o convite para prefaciar esse livro, por também ser a publicação resultado da seriedade, empenho e dedicação da Prof.<sup>a</sup> Edivania, na bastante reconhecida atuação por seus pares no IF Sertão-PE, por pesquisadores da temática indígena e, sobretudo, pelos indígenas habitantes nessa região do Semiárido pernambucano.

Ressalto a importância dessa publicação produzida pelos Pankararu no atual contexto político em nosso país, uma vez que o Presidente em exercício durante a campanha eleitoral fez várias declarações públicas anti-indígenas, tendo ainda em sua base de apoio político reconhecidos parlamentares, grandes latifundiários e empresários do agrohídronegócio contrários aos direitos dos povos indígenas. Um cenário difícil no qual será necessária afirmação de direitos,

além da vigilância, mobilizações para garantir no mínimo o estabelecido na Constituição Federal aprovada em 1988 e em vigor.

A importância desse livro também é porque os conteúdos questionam narrativas históricas ainda existentes em Petrolândia, Tacaratu, Jatobá e localidades vizinhas, onde são relatados mitos de origens dessas cidades sobre o vazio, a inexistência de habitantes quando das invasões e colonização portuguesa nessa região. Em geral narra-se que o povoamento nessa região iniciou com uma fazenda de um português, ou a partir de um missionário acompanhado de colonizadores, desconsiderando, negando, omitindo os diversos povos indígenas que milenarmente habitam serras, vales, as margens e ilhas do São Francisco. Assim como também questionando as narrativas sobre o extermínio, o genocídio e o desaparecimento ao longo dos anos da colonização e com alguns poucos “caboclos” moradores na região. Ou ainda, relatos de membros das oligarquias municipais que folcloricamente, romanticamente, e de forma exótica, citam quando interessa uma suposta “descendência” indígena familiar, para afirmarem vinculações “natural” com o lugar ou justificar invasões das terras indígenas.

Com esse livro os/as professores/as Pankararu afirmam: estivemos e continuamos aqui! Mesmo com os impactos, as violências e perseguições da colonização, superando visões equivocadas de vitimizações, coitadismos e de supostas incapacidades dos povos indígenas. Pois essa publicação explicita os protagonismos indígenas na História e na atualidade, como sujeitos sociopolíticos que, com mobilizações, retomaram a escola, formulam uma Educação Escolar Indígena que atenda a seus interesses, contribuindo para conquistas, reconhecimentos e garantias de direitos.

Como participantes em processos de formação continuada, na elaboração de materiais didáticos destinados à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I, os/as professores/as indígenas Pankararu relataram trajetórias de vida, experiências vivenciadas e de aprendizados, como escreveu Maria Jacielma Monteiro do Nascimento:

Aprendi em todos esses anos que a melhor educação começa a partir do que somos, vivemos, fazemos. Essa troca de experiências em si, nas casas, terreiros, roças, igrejas, festividades, eventos de natureza cultural e religiosa, é o que nos faz se perceber no mundo, qualificando os conceitos de pertencimento, e que nos motiva a colocar as lutas de caráter coletivo acima dos nossos interesses pessoais.

E como escreveu Andresa Jadine dos Santos,

No processo educativo desenvolvido no nosso povo os saberes tradicionais são considerados o ponto de partida para Educação Escolar Indígena. A criança

começa a adquirir um conhecimento desde o momento que nasce, diante do contato com a família, com os mais velhos, com a comunidade. Enfim, com a comunidade em geral que possui ao longo da vida uma bagagem de sabedorias para que sejam transmitidos e articulados entre as futuras gerações. Sendo assim, a Educação Escolar Indígena tem a função de dar continuidade a esse processo de conhecimentos, possibilitando um intercâmbio entre a escola e os saberes tradicionais que as crianças já trazem de casa levando em consideração a sua história de vida na qual está inserida.

São experiências educativas compartilhadas, evidenciando como sujeito sociopolítico o povo indígena Pankararu, em cenários do Semiárido pernambucano, onde são vivenciados diversos embates nos processos históricos e mudanças sociais, com afirmações das identidades e expressões socioculturais pelos indígenas.

A partir desses relatos de experiências educativas, penso que cabem algumas perguntas provocativas para nossas reflexões. Por que não dizer conexões de conhecimentos indígenas? O que são saberes, o que são conhecimentos? Quais as diferenças? Existem saberes acadêmicos e conhecimentos indígenas, tradicionais e populares?

O livro que temos em mãos, caso não responda a essas perguntas, trouxe outras e também diversas respostas com o objetivo de os 'não indígenas' pensarem o lugar das sociodiversidades. Isso mesmo, no plural, em nosso país, a partir das que são expressas pelos povos indígenas. Destarte, torna-se mais consistente os nossos aprendizados, agradecimentos e exaltação aos/as professores/as Pankararu.

Edson Silva  
Professor Titular de História da UFPE  
Recife, janeiro de 2019.

## **PARTE 01 – Fazer e Saber da Educação Escolar Pankararu**

## **Implantação do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola**

Maria Leopoldina Veras<sup>1</sup>

O IF Sertão-PE como instituição de ensino, pesquisa e extensão, tem seus sete campi distribuídos no Semiárido do estado de Pernambuco, mais especificamente nas cidades de Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Ouricuri, Salgueiro, Floresta e Serra Talhada, cujo objetivo de suas implantações foi de interiorizar a educação, transformar vidas, formar profissionais para o mundo do trabalho através dos arranjos produtivos locais, sociais, culturais, dentre outros possíveis. Nesse contexto, o IF Sertão-PE vem trazer a oportunidade de formação profissional ao sertanejo, como também a formação cidadã num processo coletivo de construção de conhecimento para e com o seu povo, considerando suas vivências, experiências, histórias e culturas.

Nas áreas de abrangências do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, percebe-se a forte presença de povos indígenas. Assim, viu-se a necessidade de integração e de formação recíproca, pois como instituição de educação temos muito a oferecer, mas também muito a aprender.

Uma das iniciativas que marcam a relação de nossa instituição com os povos indígenas se deu por parte dos professores Edivania Granja e Roberto Remígio, que trazem em seus currículos respeitosos trabalhos envolvendo povos indígenas, quilombolas e povos de terreiros. O desenvolvimento dessas atividades vem desde 2010, mas de forma isolada. Foi então que a partir desse período, os docentes passaram a fazer parceria com o Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação-OPARÁ da Universidade Estadual da Bahia – UNEB, campi Paulo Afonso e Juazeiro, o que vem contribuindo para o fortalecimento dessas atividades.

---

<sup>1</sup>Professora de Química do IF Sertão-PE, campus Petrolina. Mestre e Doutora em Química Orgânica – PGQUIM/UFC, Fortaleza/CE. Atualmente está Reitora do IF Sertão-PE.

A partir dessas participações, as ações educacionais e de pesquisa com povos e comunidades tradicionais do Sertão Pernambucano foram sendo ampliadas, sempre com a perspectiva de combater as desigualdades étnico-raciais, proporcionar e ampliar conhecimentos científicos e articulá-los com os saberes indígenas.

Diversas atividades foram desenvolvidas como oficinas, minicursos, palestras, etc. No entanto, todas, embora realizadas no estado de Pernambuco, eram registradas no Centro OPARÁ da UNEB. Foi então que em 2012, o IF Sertão-PE, através do campus Floresta, ofertou o curso de especialização em Educação Intercultural no Pensamento Decolonial cujo projeto foi elaborado em parceria com a Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE, passando a institucionalizar ação voltada para os povos indígenas e quilombolas.

O MEC, através da SECADI, teve conhecimento dessas ações realizadas pelo IF Sertão-PE, com e para os povos indígenas de Pernambuco. Assim, enviou em 2013 uma carta convite para que coordenasse o Programa da Ação Saberes Indígenas na Escola. A gestão à época não respondeu a carta, ficando subentendido o não interesse. Mesmo assim, as atividades não deixaram de ser realizadas, e em 2015, o IF Sertão-PE participou da ação de implantação do Território Etnoeducacional Serra Negra, promovido pelo MEC/SECADI, na cidade de Pesqueira/PE.

De acordo com a REMDIPE – Rede de Monitoramento de Direitos Indígenas em Pernambuco, o estado de Pernambuco possui legalmente os grupos indígenas: Atikum Umã, em Carnaubeira da Penha, Mirandiba, Salgueiro e Belém de São Francisco; Fulni-ô em Águas Belas; Kambiwá em Inajá, Ibimirim e Floresta; Kapinawá em Buíque, Ibimirim e Tupanatinga; Pankará em Carnaubeira da Penha e Itacuruba; Pancaikú em Jatobá; Pankararu Entre Serra em Petrolândia e Tacaratu; Pankararu em Petrolândia, Jatobá e Tacaratu; Pipipã em Floresta; Truká Ilha Nossa Senhora da Assunção em Cabrobó; Truká Ilhas da Tapera e São Félix e Porto Apolônio Sales em Orocó; Tuxá em Inajá e os Xucurú em Pesqueira.

Destaca-se que a região do município de Floresta envolve diretamente cerca de 30.000 mil povos indígenas, além de ser relevante o número de alunos indígenas matriculados nos campi Floresta e Salgueiro. Assim, percebeu-se a necessidade do IF Sertão-PE assumir um núcleo para desenvolver o programa. Em consonância, recebemos do magnífico reitor da UNEB, um convite através do ofício nº 88/2017-UNEB para aderirmos ao programa já existente naquela instituição, considerando a riqueza produzida através de parceria interinstitucional, ocasião em que respondi através do ofício nº 173/2017-GR prontamente o interesse na adesão. Com isso, assumimos como

foco, formações para os professores indígenas de Pernambuco, inicialmente com os povos Fulni-ô, Pankarará, Pankararu e Truká.

Enquanto reitora do IF Sertão-PE, sou ciente de todo o empenho e dedicação dos servidores; do compromisso institucional para que as atividades tenham a identidade de nossa instituição, por perceber que temos potencial e condições para assumir um núcleo próprio. Por isso, tendo em vista que Pernambuco era um dos poucos estados que não possuía um Núcleo do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, e considerando a demanda existente, dialoguei com o Ministro da Educação no intuito de manifestar o interesse em assumirmos um Núcleo. O ministro foi bastante receptivo, e, após o diálogo, oficializei o interesse através do ofício nº 09/2018 o qual entreguei ao gabinete do ministro e a secretária da SECADI, reafirmando o nosso interesse com os povos supracitados, além de ampliar e aprofundar o nosso compromisso social e cultural.

Em momento seguinte, reunimo-nos com as representações indígenas no campus Floresta, ocasião em que informamos do nosso interesse, da parceria que a cada dia está mais fortalecida, e todos demonstraram aceitação plena.

O Núcleo do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi aprovado em 2018, sendo hoje o IF Sertão-PE o responsável por esse núcleo no Estado de Pernambuco. Iniciamos nossas atividades com o povo Pankararu o qual abraçou bravamente o projeto e participou ativamente do trabalho realizado, sendo, portanto, esse livro parte dos resultados gerados nessa nossa primeira experiência enquanto Núcleo da Ação Saberes Indígenas na Escola. Desejo a todas e todos uma excelente leitura, pois nessas páginas há um pouco da vivência através do olhar de cada indivíduo. É uma construção coletiva, participativa, democrática, respeitando as realidades de todos os envolvidos como se deve ser sempre.

Referências:

REMDIPE. Disponível em:

[https://www3.ufpe.br/remdipe/index.php?option=com\\_content&view=article&id=427&Itemid=240](https://www3.ufpe.br/remdipe/index.php?option=com_content&view=article&id=427&Itemid=240).

Acessado em 04/01/2019.

## Patrimônio Pedagógico Pankararu

Ricardo Barbosa Bitencourt<sup>2</sup>

Para muitos, principalmente não indígenas, ainda é um problema trabalhar o saber indígena na sala de aula. Seja como conteúdo escolar, tema transversal ou mesmo em eventos cívicos, o povo indígena parece estar presente no ambiente escolar como algo complementar, eventual ou apenas folclórico. No caso dos índios do nordeste, isso não é diferente.

É desafiador aos espaços educativos conseguir fazer ecoar as vozes desses povos, especialmente por uma narrativa própria. Não que a narrativa indígena não seja importante, mesmo que contada por não indígenas. Entretanto, como um Pankararu certa vez me falou: “Só um guerreiro pode formar um guerreiro”.

O Instituto Federal, aqui, teve um papel de coadjuvante. Apenas dedicou o espaço para que o povo Pankararu pudesse construir e reconstruir seu fazer didático. Assim, o saber ancestral é colocado em pauta para além de um trato disciplinar, reconhecendo-se tradição e ciência Pankararu como patrimônio pedagógico.

---

<sup>2</sup>Professor de Disciplinas Pedagógicas do IF Sertão-PE, campus Petrolina. Possui Mestrado em Ecologia Humana, UNEB – campus VIII, Paulo Afonso-BA e Doutorando em Educação pela Universidade Nacional do Rosário, Argentina. Atualmente está Pró-reitor de Extensão e Cultura do IF Sertão-PE.

### Saberes na Educação Escolar Pankararu<sup>3</sup>

Edivania Granja da Silva Oliveira<sup>4</sup>

Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira<sup>5</sup>

O objetivo do texto em tela é explicitar a nossa experiência com a implementação no Instituto Federal do Sertão Pernambuco – IF Sertão-PE, campus Floresta, do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, com o povo indígena Pankararu, território etnoeducacional Serra Negra Berço Sagrado<sup>6</sup>. A referida ação é promovida pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI/MEC, sob a coordenação geral da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, compondo uma rede de articulação dos saberes indígenas com o Instituto Federal da Bahia - IFBA e o Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN.

Um dos principais objetivos do Programa é promover formação continuada e construção de materiais didáticos para professores(as) indígenas, com foco no processo de aprendizagem, especialmente nas modalidades Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Assim, busca privilegiar as práticas de letramento e numeramento aliadas aos conteúdos didáticos de vários campos disciplinares a fim de registrar e produzir materiais para contribuir com o aprimoramento das práticas pedagógicas envolvendo os saberes culturais e históricos no campo da educação escolar indígena do povo Pankararu.

Para tanto, faremos um breve contexto histórico do processo de colonização do sertão pernambucano, enfatizando o povo Indígena Pankararu para destacar na forma de relato da experiência sobre as oficinas didáticas realizadas. Salientamos que optamos neste texto pelo relato de experiência, por proporcionar a descrição das nossas vivências, impressões e situações,

---

<sup>3</sup>Texto também poderá compor publicação de livro sobre as experiências de projetos/programas na área de Extensão, proposta pela Pró-Reitoria de Extensão IF Sertão-PE.

<sup>4</sup>Professora de História do IF Sertão-PE, campus Petrolina. Mestre em História – PPGH/UFCG, Campina Grande/PB e Doutoranda em História Social – PPG em História Social USP, São Paulo/SP.

<sup>5</sup>Professora Pedagoga do IF Sertão-PE, campus Petrolina. Mestre em Psicologia – PPGPSI/UNIVASF, Petrolina/PE.

<sup>6</sup>A criação dos Territórios Etnoeducacionais foi através do Decreto nº 6.861/2009/SECADI-MEC, com o objetivo de reconhecer as territorialidades dos povos indígenas e o protagonismo indígena. Além de favorecer ações coordenadas e pactuadas para a garantia efetiva de uma educação escolar indígena (BRASIL, 2014).

de forma contextualizada, aliada com a pesquisa bibliográfica a fim de exercitar reflexões teóricas e metodológicas. Intenciona, portanto, contribuir com os sentidos e significados históricos, sociais, ambientais, culturais, enfim socioambientais dos saberes Pankararu aliado aos saberes escolares não-indígenas, expressos e impressos na educação Pankararu, relevantes para a autonomia da educação escolar indígena.

Como fora dito, traçaremos um breve resumo sobre o processo colonial a que foram submetidos os nativos na América Portuguesa, especialmente na região que atualmente é denominada Nordeste brasileiro. Esse processo, ocasionou aos diferentes grupos indígenas que habitavam a região diversas formas de violências. Ao mesmo tempo, os indígenas empreenderam táticas e estratégias para fazer frente ao projeto colonizados, principalmente para sobreviver num mundo hostil, o qual não considera seus saberes, suas linguagens, religiosidades, hábitos, práticas produtivas e vivências nos diversos ambientes em que habitavam.

Afirmamos que a região do Sertão de Pernambuco foi espaço de intenso processo de ocupação colonial que teve como principal empreendimento a atividade pecuária, sendo palco de conflitos intensos com as diversas populações indígenas habitantes nessa região, principalmente na área de abrangência do Submédio São Francisco. Para favorecer a ocupação pelos colonos e com o objetivo de cristianizar os índios, foram empreendidas várias missões religiosas, resultando em significativo número de aldeamentos que existiram na região. Atualmente a área que abriga a maior parte dos povos indígenas em Pernambuco, são: Atikum, Entre Serras Pankararu, Kambiwá, Kapinawá, Pipipã, Pankararu, Pancaiuuká, Pankará da Serra do Arapuá e do Serrote dos Campos, Truká e Tuxá. No Agreste do estado, habitam os Fulni-ô, os Xukuru do Ororubá e os Xukuru de Cimbres.

A Bacia do São Francisco abrange uma área de 634.000 Km<sup>2</sup>, com extensão de 2.700 Km, da nascente em Minas Gerais até a foz, entre os estados de Alagoas e Sergipe, contando com uma população estimada de mais de 15 milhões de pessoas (SANTOS, 2008). Em relação aos aspectos fisiográficos, o Rio São Francisco foi dividido em quatro regiões, o Alto, o Médio, o Submédio e o Baixo São Francisco (FERRAZ & BARBOSA, 2015). Dentre os vários grupos indígenas, o povo indígena Pankararu traz no nome, a língua nativa, a referência ao Rio São Francisco, "Pankararu de Jeripanco Tatuchina de Fulô", que significa habitantes das margens do Rio São Francisco (ALMEIDA et al, 2010, p. 05).

O povo Pankararu reafirma sua identidade étnica desde a primeira metade do século XX, mas somente na década de 1980, conquistaram a demarcação definitiva de seu Território, fazendo parte de três municípios pernambucanos, Tacaratu, Petrolândia e Jatobá, na Bacia do São

Francisco, com cerca de 8.000 hectares, tendo ainda novas áreas reivindicadas. Os Pankararu são importantes no processo de afirmação étnica e de circuitos de trocas culturais através do ritual do Toré, com diversos grupos indígenas do sertão são franciscano.

A ritualística do povo Pankararu é imprescindível para compreensão do universo sociocultural e histórico que os indígenas mantiveram/mantém com o ambiente semiárido são franciscano. Vale destacar que cada povo Indígena possui especificidade e diferenças no universo cosmológico do ritual sagrado “Toré”. No caso dos Pankararu possuem um complexo sistema ritual do Toré, com “Encantados”, “Praiá”, Toré particular e público. Tendo os espaços e locais do ambiente natural, considerados sagrados, como cachoeiras, serrotes, casas e terreiros.

Os Pankararu possuem intrínseca relação com o ambiente em que vivem, incluindo usos dos recursos naturais nas práticas religiosas, como o uso de palha da palmeira ouricuri ou da planta caroá para confecção de máscaras e de vestimentas usadas pelos “Praiá” e pelos demais elementos que fazem parte da ritualística, como é o caso do dançador.

Dois principais rituais do povo Pankararu merecem destaques, o ritual do Menino do Rancho e a Festa do Umbú. Já a ritualística dos Pankararu envolve segredos, restrições e punições que compõem todo o complexo cosmológico. A dança do Toré, além dos elementos que representam a cosmologia através dos “Encantos – dos Praiá”, é acompanhada por uma rítmica musical fortemente compassada, denominado Toante, “cantados por apenas um ‘cantador’ ou ‘cantadora’ e que encontra respostas periódicas nos gritos uníssonos e ritmados do grupo de bailarinos” (ARRUTI, 2005, s/p).

O fortalecimento da educação escolar indígena no Brasil ocorreu especialmente a partir das décadas de 1980/1990. Essas foram marcadas por estudos que propuseram novas abordagens, com foco no protagonismo dos indígenas, na afirmação da presença atual dos indígenas no Nordeste, como também num acentuado processo de emergências e de mobilizações étnicas, na busca da afirmação e garantia de direitos. Assim, partícipes no processo de mobilização social e no debate para a promoção de uma Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada, da conquista e garantia de direitos na Constituição de 1988.

As práticas educativas do povo Pankararu buscam privilegiar a autonomia, os valores e as formas de viver e pensar do povo. Suas escolas objetivam a (re)construção e afirmação da identidade, a manutenção e da garantia do território, bem como, o desenvolvimento local sustentável na perspectiva de uma educação escolar indígena que privilegia os saberes e fazeres Pankararu, prática cotidiana de educação diferenciada e específica. Na compreensão de que os saberes e fazeres tradicionais deste povo estão intrinsecamente relacionadas com o Território, as

práticas socioculturais, produtivas e de manejo dos recursos naturais, de forma compartilhadas com todo o grupo (SANTILI, 2005, p. 192).

Destacamos que a educação diferenciada e específica serão entendidas como práticas educativas que priorizam as formas de ser e de viver de cada povo, que considere “a diferença [...] articulada a identidades plurais que enriquecem os processos pedagógicos e devem ser reconhecidas e valorizadas” (CANDAU, 2016, p. 809). No entanto, destaca-se também que a educação escolar indígena pressupõem currículo, professor, linguagens e saberes indígenas, ao mesmo tempo que é exigido a obrigatoriedade de seguir o formato e a disposição da educação não indígena, com todo o aparato burocrático educacional, desde as disciplinas, conteúdos didáticos, sistemas de ensino, etc.

Ressaltamos que a educação escolar indígena no estado de Pernambuco faz parte do processo de mobilização nacional, que remonta as décadas de 1980/90, culminando na estadualização das escolas indígenas em 2002 e na criação da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE, organização indígena, que é composta por lideranças de todos os povos indígenas de Pernambuco, cujo lema traz: “A educação é um direito, mas tem que ser do nosso jeito”.

A educação escolar Pankararu faz parte do processo histórico de mobilização, especialmente em fins do século XX e início do século XXI, contando com um repertório de práticas educacionais que buscam privilegiar os saberes e fazeres do povo. Dessa forma, foi considerado no planejamento e na organização didática para implantação do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, as experiências escolares e o protagonismo das(os) professoras(as) indígenas Pankararu, isto é, toda a proposta da referida Ação foi discutida e respaldada pela coordenação geral e lideranças das escolas Pankararu.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi lançado pelo Ministério da Educação – MEC, através da SECADI em 2013. Em 2013 foi enviado a nossa Instituição uma carta convite para participação do programa com a criação de um núcleo no estado de Pernambuco, mas infelizmente a gestão não deu a devida importância e não retornou com o Aceite. Em 2017, fomos convidados pelo Núcleo Opará UNEB, do qual eu, Edivania Granja, sou membro. A aprovação e início da ação aconteceu em maio de 2018.

O Programa define que a equipe pedagógica deve ser composta por representantes de Instituição de Ensino Superior. A função de coordenação adjunta, foi assumida por mim, Edivania Granja, professora de história do IF Sertão-PE, campus Petrolina, indicada pela coordenação geral da UNEB e autorizada pela Reitora do IF Sertão-PE. Para as funções de supervisão e

professor(a) formador(a) foi realizado processo seletivo simplificado com a aprovação e aceite para a função de supervisor, o professor de geografia do IF Sertão-PE, campus Floresta, João Luiz Silva e para formadora, a professora de disciplinas de formação pedagógicas, do IF Sertão-PE, campus Petrolina, Socorro Tavares.

A Secretaria de Educação Estadual indicou o coordenador da Educação Escolar Indígena da Regional no município de Floresta-PE para assumir a função de coordenador da ação. O programa prevê também que a equipe pedagógica tenha na sua composição indígenas indicados pelas lideranças Pankararu. Assim, para ocupar a função de pesquisador indígena, foi indicado o coordenador geral das escolas indígenas, José da Cruz Pankararu. Foram também selecionados e indicados pelas lideranças Pankararu, 05 (cinco) indígenas para as funções de orientadores e 50 (cinquenta) professores(as) indígenas Pankararu para compor o projeto na condição de cursistas. As indicações das lideranças indígenas, são respaldadas pela Organização Internacional do Trabalho nº 169 em que o Brasil é signatário, e que determina a autonomia dos povos étnicos para decisões e ações de ações governamentais.

Em junho de 2018 realizamos no IF Sertão-PE, campus Floresta, a abertura oficial do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, bem como a reunião de planejamento geral das atividades. O primeiro encontro geral ocorreu na Aldeia Brejo dos Padres, com a participação de todos os envolvidos no referido Programa, ocasião em que a formadora realizou a apresentação de toda a equipe através da dinâmica “O Retrato”, onde cada um dos 60 (sessenta) componentes recebeu uma moldura de madeira quadrada com espaço interno vazio onde colocava na frente do rosto para fazer apresentação, com nome, profissão, expectativas, etc. Também foi apresentado o plano de trabalho, as funções de cada membro do Programa. A construção do cronograma de oficinas foi elaborado em conjunto, sendo seguido pelo cadastro no sistema SISINDIGENA. Nessa ocasião, foi decidido a temática “Narrativas do Povo Pankararu no Fortalecimento do Território Indígena Pankararu”, que permeia todas as ações/oficinas didáticas.

Para o desenvolvimento da temática, atividades didáticas foram realizadas nas escolas da Aldeia, iniciando com a Carta de Pero Vaz de Caminha como base para o fortalecimento do Território através da memória e trocas culturais, do mundo indígena e não indígena (PACHECO DE OLIVEIRA, 2016). Nesse contexto, foram propostos questionamentos, visando a identificação na Carta de Caminha de elementos relacionados a cultura Pankararu, seguido da elaboração de hipóteses sobre motivos/formas escolhidas pelo autor da Carta para o tipo de narrativa realizada.

Uma abordagem importante foi a formação de um quadro coletivo sobre os múltiplos olhares das crianças indígenas Pankararu sobre os não indígenas que visitam a Aldeia. Além

disso, foi proposto a trocas de experiência entre professores(as) indígenas e discentes da disciplina prática pedagógica IV (projetos de ensino), ministrada pela formadora, Socorro Tavares, no curso de licenciatura em química do IF Sertão-PE, campus Petrolina, com o objetivo de troca de saberes escolares e culturais indígenas e não indígenas.

Atividades diversas, tais como reuniões de estudos e planejamento foram realizadas objetivando o desenvolvimento das atividades didáticas com os orientadores e cursistas nas Escolas da Aldeia. Mais uma vez, foi feito a leitura dinâmica da carta de Pero Vaz de Caminha, agora analisando as imagens associadas a narrativa da carta, a fim de identificar as informações mais relevantes sobre as intenções dos portugueses. Assim, analisar impactos e mudanças gerados na organização social do povo, bem como, identificar os interesses “camuflados” sobre o modelo econômico e religioso dos portugueses e relacioná-los com o tempo, a linguagem, o espaço, as paisagens e os personagens contidos na carta, e as problemáticas que envolveram/envolvem os povos indígenas, especialmente o povo indígena Pankararu.

No contexto dos saberes indígenas, foi também realizado o estudo e reflexão da carta escrita há mais de 20 anos, pelo sábio Pankararu, indígena Serafim. Nesta carta descreve como era a aldeia, abordando sobre a imensidão do mundo, as relações socioambientais através das nascentes d'água, do rio São Francisco – o Opará, a importância dos símbolos da cultura e tradição relacionado com o mundo natural, o tempo e o espaço do ser Pankararu.

O Sábio Serafim destacou em sua carta que a educação indígena envolve a sabedoria com a Natureza e a Mãe Terra. Alertou sobre os impactos socioculturais e ambientais provocados pelos europeus, ameaçando os indígenas Pankararu, a sua cultura, a linguagem e o jeito de ser e viver com a Natureza.

Trouxe ainda o esclarecimento sobre o interesse dos Padres em criarem aldeamentos para reunir indígenas de diferentes povos, que trazia a intenção de controlar, “domesticar” e forçar a obediência dos indígenas para melhor aproveitamento dos recursos naturais através da exploração dos territórios e da escravização dos indígenas.

Essas análises e estudos permitiram que fossem feitas discussões comparativas entre as cartas de Pero Vaz de Caminha e do Sábio Indígena Pankararu, Serafim, provocando reflexões sobre os estereótipos, preconceitos e as imposições da cultura europeia, desrespeitando o território, a cultura e a tradição indígenas existentes. Os choques, as imposições provocaram a reafirmação das lutas e resistências, com ênfase na defesa do território, dos costumes, valores e tradições.

Importante destacar a preservação da história através das memórias dos indígenas Pankararu. Os mais velhos repassam os conhecimentos tradicionais, as vivências com a Natureza, com a Mata, as Serras e os usos das ervas medicinais para a cura do povo.

Por isso, na sequência, foram elaboradas atividades didáticas e estratégias metodológicas, sendo realizada a leitura de imagens através da representação de desenhos e gravuras; feitura da história na forma de varal com destaque para a descrição dos indígenas contidas na carta de Pero Vaz de Caminha; uso de textos, vídeos e músicas indígenas com vistas a reafirmação da identidade cultural. Além disso, foram construídos murais, cenários com símbolos e toantes, realizadas oficinas sobre a arte indígena, com a confecção de artesanatos, utilizando os elementos da natureza, como barro, palha, cipó, sementes, penas, madeiras, tinta à base de plantas, etc.

Os sabores Pankararu foram também destaque e por isso, foram apresentados através da alimentação tradicional, como o beiju “Joaquim”, massa de mandioca com recheio de coquinho de “licuri” (também conhecido como ouricuri, considerada uma planta sagrada), assado na pedra com folha de bananeira, suco da semente de murici (planta nativa), a garapa de cana-de-açúcar, cocadas de coquinho “licuri”, galinha e pirão, bolos de macaxeira, milho e de coquinho “licuri”, etc.

As aulas foram diversificadas considerando a natureza do programa. Por isso, foram realizadas aulas-passeio com o intuito de observação dos impactos e mudanças no ambiente; realização de entrevistas com lideranças da comunidade através das memórias para apreender as histórias, além da proposta de observação das representações de figuras e imagens nos livros didáticos dos indígenas, e dos estudantes para observarem pessoas não indígenas.

Todas as atividades metodológicas realizadas em sala de aula tiveram a intenção de proporcionar (re)significações e novas aprendizagens, para a (re)afirmação da existência e visibilidade do povo Pankararu. Foram produzidos pelos estudantes, desenhos, colchas de retalhos, cânticos de toantes, músicas produzidas por indígenas, também a produção de cartões-postais contendo as imagens das belezas da natureza Pankararu. Bem como, as imagens e símbolos dos Praiá, elemento fundamental da identidade Pankararu.

Importante registrar a reprodução por parte dos estudantes na forma de desenhos, cartas ou imagens como veem as pessoas que visitam a Aldeia, destacando os trajés, automóveis e os tipos de profissionais, como vendedores, cobradores, equipe de manutenção de linhas de transmissão, sendo o entregador de leite comentado por todos os(as) alunos(as). Destacaram o projeto de energia eólica, implantado numa área do território e que causou impactos socioambientais no povo.

As percepções dos estudantes foram exercitadas através de formas diversas de representações, como desenhos e histórias sobre as relações entre os espaços sagrados, como os terreiros e os significados com os elementos da natureza, especialmente as matas, as nascentes e fontes d'água e os animais.

As atividades propostas e relatadas pelos cursistas, orientadores e o pesquisador indígena, proporcionou reflexões, incluindo a permanência da história heroica dos portugueses, já que vários alunos retrataram o homem branco como valente, portador de armas, enquanto que os indígenas foram retratados como portadores de arcos e flechas e por isso, perdedores. Mas, também propiciaram o reforço do ser índio Pankararu, da tradição através do Praiá, dos toantes e do (re)significado do sentimento de pertencimento através dos rituais e das vivências cotidianas na aldeia Pankararu.

A finalização da atividade descrita a partir da carta de Pero Vaz de Caminha aconteceu no IF Sertão-PE, campus Floresta, com a participação de todos os envolvidos no Programa Ação Saberes Indígenas na Escola e os discentes do curso de licenciatura em química do campus Petrolina. Foram reunidos os indígenas e duplas de discentes, na intenção de compreender todo o processo didático realizado, envolvendo o planejamento, as sequências didáticas e as metodologias usadas em sala de aula.

As duplas de licenciandos fizeram uma síntese da apresentação de cada equipe de orientador, que relataram as experiências realizadas em sala de aula, demonstraram as diversas metodologias utilizadas, empregando cartazes, documentários, fotografias e relatos de experiências.

As análises e reflexões realizadas por todos(as) envolvidos(as) na atividade, foram extremamente relevantes, pois os cursistas realizaram transposição didática de fonte documental com discentes das séries iniciais dos jovens Pankararu, de forma didática e criativa, pois o material produzido para as crianças compreenderem e participarem das discussões foram diversos, como histórias em quadrinhos coloridas, pintadas em tecidos de algodão, montagem de textos curtos, painéis confeccionados com sementes de plantas nativas, apresentação de elementos culturais, como o maracá, o Praiá, colares, indumentárias, comidas, etc., além de uso de terra para compor palavras, cartões, colagens com uso de cola feita com a goma de mandioca cozida.

A construção demonstrou que as práticas escolares indígenas envoltas nos elementos culturais e da natureza através dos Saberes e Sabores que os indígenas fazem, retratam,

valorizam o ambiente em que habitam, o semiárido nordestino, a região da Bacia do São Francisco, o Sertão Pernambucano e no Território Sagrado Pankararu.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA et all. **Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Povo Indígena Pankararu**. Projeto Nova Cartografia da Amazônia/UEA Edições, 2010, 12p.

ARRUTI, José Maurício. **O Sistema Ritual do Toré**. Site Povos Indígenas do Brasil – ISA, em julho/2005. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankararu/885>.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO-SECADI. **Análise, desafios, necessidades e perspectivas nos Processos de Implementação e Avaliação das Políticas Públicas Educacionais para os Povos Indígenas, Quilombolas, do Campo, Ciganos e outras Populações em Situação de Itinerância**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16535-edital-22-2014-secadi-tor-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16535-edital-22-2014-secadi-tor-pdf&Itemid=30192). Acessado em 22/09/18.

CANDAU, Maria Vera Ferrão. **Cotidiano Escolar e Práticas Culturais**. Cadernos de Pesquisa, V. 46, nº 161, p. 802-820, jul/set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v46n161/1980-5314-cp-46-161-00802.pdf>. Acessado em 02/08/18.

KNAPP, Cássio; MARTINS, Andérbio Márcio Silva. Alguns apontamentos para a efetivação de uma educação escolar indígena específica e diferenciada: identificando os desafios e construindo possibilidades. In: SANTILLI, Juliana. **Socioambientalismo e Novos Direitos. Proteção jurídica à diversidade biológica e cultural**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

PACHECO DE OLIVEIRA, João et all. **Os primeiros brasileiros**. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional/Alphagraphics, 2016. (Livreto da Exposição). Disponível em: <http://jpoantropologia.com.br/pt/os-primeiros-brasileiros/>. Acessado em 20/02/17.

### **Experiência da Coordenação da Ação Programa Saberes Indígena na Escola**

O Programa Ação “Saberes Indígenas na Escola” foi instituído em 30 de outubro de 2013 pela Portaria do MEC nº 1061. Em 6 de dezembro de 2013, a Portaria nº 98, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do MEC, regulamentou a ação e definiu diretrizes complementares. Em 12 de dezembro de 2013, a Resolução nº 54 do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) estabeleceu orientações e procedimentos para o pagamento das bolsas de estudo e pesquisa. Apenas em 2018 é que a ação foi implantada no Território Etnoeducacional Indígena Serra Negra Berço Sagrado, atendendo aos professores indígenas do povo Pankararu, localizados nos municípios de Tacaratu e Jatobá, em Pernambuco. Essa é uma ação pioneira no estado, implementada pelo IF Sertão-PE, campus Floresta, que, em parceria com a Universidade do Estado da Bahia e Instituto Federal do Rio Grande do Norte, visou atender aos objetivos da ação tais como, promover formação continuada de professores indígenas e a produção de material didático específico, um reconhecimento legal e institucional dos direitos indígenas a uma educação específica, diferenciada e de qualidade.

A metodologia utilizada nas diversas etapas do programa proporcionou o amadurecimento da reflexão dos professores indígenas sobre suas práticas e sobre os objetivos e condições da escola indígena desejada.

Os momentos de socialização das atividades vivenciadas nas escolas e nas aldeias demonstraram a capacidade que os professores e suas crianças têm de articular o conhecimento indígena com o conhecimento ocidental, sem prejuízo dos processos próprios de aprendizagem e o caráter cultural do povo Pankararu.

O resultado de todo o processo de produção e sistematização dos materiais coletados nos encontros do Programa Ação “Saberes Indígenas na Escola”, culminará com a publicação e distribuição de material didático em forma de livro, nas escolas Pankararu e dos outros povos e nas instituições educacionais da região.

Os saberes adquiridos pelos professores indígenas Pankararu durante o programa, proporcionaram um lastro de certezas que repercutirão em novas situações da constituição de suas trajetórias pessoal, profissional e comunitário.

**Francisco de Assis da Silva**

Representante da GRE – Floresta e  
Coordenador de ação no programa.

## **Experiência Professor Pesquisador Indígena**

**José da Cruz**

Conhecedores que somos os primeiros habitantes desta terra, promulgado na Constituição Federal de 1988, onde são reconhecidos os direitos da terra aos povos indígenas, que além de reafirmar a garantia do território, também reconhece um país pluriétnico, onde as práticas socioculturais e econômicas de um povo/nação precisa desse reconhecimento, da valorização, do empoderamento do conhecer, do saber no sentido de fortalecer os movimentos, as lutas, destacando a importância do território para os povos indígenas nos constantes desafios contra a resistência do Estado brasileiro que reforça a negação de direitos da terra aos povos indígenas.

Hoje, ainda convivemos com sentimento de desconforto e desconfiança, observamos cada vez mais uma política de Estado ameaçadora que não reconhece em sua totalidade o processo histórico dos povos indígenas, que despreza e dizima direitos conquistados, tentando nos colocar na situação de integração e/ou homogeneização de um sistema de educação que não reconhece a pluralidade étnica dos povos indígenas no Brasil. O nosso território representa mais do que um espaço demarcado, representa a vida e a manutenção da existência dos nossos antepassados, um legado de preservação da mãe natureza, que nos fortalece para o enfrentamento das ameaças de uma sociedade capitalista, que não diferencia o progresso do desenvolvimento tecnológico, desconsiderando a preservação do meio ambiente e a manutenção da vida, os cuidados com a mãe natureza e a existência humana.

Essa luta pelo direito ao território Pankararu, vem se arrastando por muitos anos numa batalha jurídica iniciado pelas lideranças mais velhas, e hoje, dando continuidade a essa reivindicação temos outras lideranças mais jovens que continuam nessa resistência, na garantia pelo direito a demarcação do território Pankararu. Graças ao movimento de lutas travadas pelas lideranças e comunidade indígena contra o governo, hoje podemos comemorar a desintrusão total das nossas terras, com a sentença definitiva da 38ª vara federal de Serra Talhada, TRF-5. Para nós povos indígenas, é um marco importante, é na terra que se inicia tudo que nos representa,

como: a manutenção da cultura, o cultivo das ervas medicinais, a matéria prima pra confecção de artesanatos, os elementos representativos nas manifestações culturais e a garantia dos espaços sagrados como local de celebrar os rituais tradicionais do povo.

É nesse processo de luta e afirmação, que o movimento indígena se mantém forte, resistente através da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE, que se articula com todos os povos do estado para defender junto ao governo as reivindicações de políticas públicas afirmativas que garantam à autonomia dos povos indígenas considerando suas especificidades. Esse movimento se consolida de forma articulada com todos os povos através de encontrões, onde são discutidas, pautas com ações e estratégias políticas a serem apresentadas ao governo do Estado, conforme demandas de cada povo. Esses encontrões acontecem duas vezes ao ano reunindo aproximadamente 1.200 (mil e duzentos) pessoas alternando os encontrões no sentido de contemplar todos os povos. Contudo, as discussões acontecem com a participação dos caciques, pajés, lideranças, profissionais da educação e comunidade indígena. A minha participação acontece na organização, reivindicação e nas estratégias de ação dos movimentos, apresentando nossas demandas, sobre as políticas emancipatórias para nosso povo, sejam elas, o direito ao território, a estadualização das escolas indígenas, o direito a saúde e garantia do acesso aos bens e serviços públicos garantidos por leis.

O modelo de educação para o povo Pankararu, vinha seguido um modelo hegemônico desde a época em que era ofertado pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI e logo depois seguido pelos municípios, onde praticavam uma educação de integração, assimilação e subordinação, onde os valores culturais não se manifestavam no contexto escolar. A partir do ano de 2000, após várias lutas e batalhas com as instituições, as escolas indígenas foram construindo o processo de estadualização, e então a educação indígena começa a tomar um novo rumo, um novo olhar pautado no fortalecimento da identidade e na valorização dos saberes e práticas culturais do nosso povo.

Em 2004 tive a oportunidade de assinar meu primeiro contrato temporário para trabalhar na educação escolar indígena, lecionando disciplinas de matemática, química e física na Escola Estadual Indígena Pankararu. O compromisso e a responsabilidade aumentaram como indígena e professor indígena no movimento em prol de educação específica, diferenciada e intercultural, capaz de fortalecer a valorização dos conhecimentos tradicionais, contextualizando-os nos conteúdos curriculares, com as lutas, as resistências e reivindicações dos povos pelo território Pankararu. Esse movimento indígena é autônomo, interétnico, sem fins lucrativos, ou seja, se mantém a nível local, estadual e nacional com a colaboração de todos os povos indígenas de

Pernambuco, no sentido de garantir a representatividade de todos os povos junto as discussões das políticas com o Estado.

Sou Pankararu, moro na aldeia Saco dos Barros, com sentimento de pertencimento do meu povo, carregando a essência do ser Pankararu. Iniciei na educação indígena quando estava cursando o 3º período em matemática no Centro de Ensino Superior de Vale do São Francisco – CESVASF. Índio Pankararu, cresci na minha aldeia, sempre estive ligado ao processo educacional do povo, acreditando que a educação é o principal caminho de transformação do ser humano. Como experiência aos 16 anos comecei atuar como professor substituto na escola indígena Pankararu, e monitor do antigo Programa de Alfabetização – MOBREAL.

O papel da educação escolar indígena tem como objetivo atender os interesses coletivos do povo, fortalecer os valores culturais e a reafirmação da identidade étnica. Esses espaços de diálogo com a educação indígena tem como finalidade possibilitar contextualizar os conhecimentos científicos com os saberes tradicionais, considerar as práticas socioculturais e econômicas valorizando o ensino aprendizagem dos estudantes dentro e fora da aldeia. Daí, a importância do professor indígena, onde o diálogo perpassa da sala de aula, para a descoberta de novas fronteiras no tocante dos ensinamentos, das práticas e vivências familiares, dos terreiros sagrados, nas manifestações culturais, na contação de histórias pelos mais velhos, nas entrevistas com lideranças e na formação do ser humano como indígena guerreiro resistente nas lutas pelos acesso as políticas públicas a que tem direito todos os povos indígenas.

Neste sentido, nós que fazemos a educação do nosso povo, precisamos refletir melhor sobre a construção do projeto de futuro pra nossa nação, despertar em cada um o sentimento de pertencer a esse povo com comprometimento étnico político para as nações indígenas. Neste contexto, sou educador indígena, consciente do papel de cada um e do compromisso que assumimos com nossos estudantes, por uma educação de qualidade que venha contribuir no processo de fortalecimento e valorização dos saberes tradicionais, como política de construção e afirmação de direitos aos povos indígenas.

Neste contexto, o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, nos possibilitou novos olhares, sobre a vivência escolar e as práticas pedagógicas alicerçadas nos eixos temáticos: terra, organização, história, identidade e interculturalidade, despertando outros olhares para nossa história, oportunizando a contextualização das relações interétnicas que possam fortalecer a manutenção da pluralidade cultural, afirmando os povos indígenas como sujeitos de direitos. Nessa perspectiva, o programa nos faz refletir sobre aquilo que é nosso, como autores, protagonistas, que narramos o que vivemos e no contexto da comunidade educativa, no dia a dia

com nosso povo. Neste sentido, como educador indígena, consciente do papel de cada um e do compromisso que assumimos com nossos estudantes, tenho plena certeza que este curso contribuiu na melhoria da gestão escolar, nas práticas pedagógicas, na confecção de materiais didáticos específicos, como também, na busca de novas oportunidades para construção de ferramentas que garantirá novos caminhos na busca pelo atendimento com qualidade a Educação Específica, Diferenciada e Intercultural do Povo Pankararu.

Diante do exposto, acredito na seriedade do curso e na importância do Instituto Federal do Sertão Pernambuco – IF Sertão-PE, que abraçou essa luta com o povo indígena Pankararu, na melhoria da nossa educação escolar indígena, pensando sempre no coletivo e nas oportunidades igualitárias para todos, ou seja, num mundo mais justo e solidário através da educação e justiça social.

**Experiências do(os) Professor(as) Indígenas e Orientador(as) dos Saberes Pankararu:  
Fernando Santos, Jacielma Nascimento, Maria José Santos, Nazaré Santos e Rita Santos**

**Fernando Monteiro dos Santos**



Fernando Monteiro dos Santos, nasci no dia 02/04/1969, na Aldeia Brejo dos Padres, povo indígena Pankararu, situado nos municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia em Pernambuco, numa área demarcada, homologada e reconhecida, com 14.294 ha.

Filho de Erundina Monteiro dos Santos, a minha vida foi sempre ajudar meus pais na agricultura. Estudei até a 3ª série do primeiro grau, mas já na fase adulta, com o Projeto Saberes da Terra, que é um estudo avançado, conclui a 8ª série.

Participo diretamente das tradições e rituais sagradas do meu povo. Desde criança convivi com os sábios tradicionais, principalmente os do Terreiro do Poente, onde encontra-se minha família de origem. Todos eles são os responsáveis pelo meu desenvolvimento como um ser participativo e conhecedor das práticas indígenas tradicionais.

O meu primeiro trabalho foi na cidade de Paulo Afonso-BA. Para ter o meu sustento e também ajudar os meus pais, que moravam na Aldeia, onde sofriam com a severa seca. A cada 15 (quinze dias) fazia o deslocamento de Paulo Afonso-BA para a minha aldeia para continuar na luta pela terra, pelas riquezas naturais e pelos nossos direitos indígenas. Além da contínua

participação na nossa tradição. Entre os meus 18 e 19 anos, iniciei as minhas participações nos movimentos sobre as políticas sociais internas e externas da aldeia.

Ainda nesse mesmo período, viajei para São Paulo-SP, e lá tive meu primeiro emprego fichado. Trabalhei como porteiro no ano de 1989. Morei por alguns anos junto ao meu povo Pankararu, na favela Real Parque, bairro Morumbi, São Paulo-SP, organizando-o na parte social e indígena, buscando junto à FUNAI nossos direitos sobre política indigenista a fim de sermos reconhecidos.

Quando o cacique Pankararu, João Binga, fez o nosso reconhecimento enquanto Pankararu, em São Paulo-SP, da favela Real Parque, fomos reconhecidos, portanto, pela FUNAI de São Paulo e Brasília. Segui sempre trabalhando com o meu povo Pankararu na parte social e interna, tanto na Aldeia Mãe quanto na favela Real Parque. E em 1997 participei do livro, “Os primeiros habitantes do Brasil”, produzido pela Universidade de São Paulo-USP. No mesmo ano, retornei para meu povo Pankararu e continuei participando dos movimentos sociais e políticos.

Sou liderança da nação Pankararu, representante da COPIPE (Comissão dos Professores Indígenas do Estado de Pernambuco), e membro da organização não-governamental, THYDEWA (Esperança da Terra), com Sebastian Gerlic e outros povos indígenas do Brasil. Em 2005, fui à França participar do evento “Brasil na França”. Também fui ao Parlamento Europeu, na Suíça, participar de atividade promovida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT-ONU), ao Parlamento da Bélgica, nos anos de 2005 e 2008. Fiz, enquanto palestrante, algumas turnês internacionais pela França, Suíça, Alemanha, País de Gales, Inglaterra, Guatemala, Argentina. Dentre os temas explanados: culturas indígenas, sabedorias tradicionais, patrimônios imateriais intangíveis e espiritualidade. Sempre valorizando os povos indígenas do Brasil, principalmente a minha nação, na luta pela demarcação da terra, pelo direito e garantias constitucionais, especialmente o art. 231 e o art. 232, na reivindicação de nossos direitos assegurados na legislação, na demarcação e desintrusão do nosso território. Ainda fazendo denúncias aos órgãos internacionais da não efetivação e garantia dos nossos direitos perante o estado brasileiro.

Então, acredito que é minha contribuição como liderança Pankararu na busca de garantia e efetivação de nossos direitos, como também participar e contribuir na luta de outros povos indígenas, como: Pankará, Kariri-Xocó, Atikum, Kapinawá, Pipipã, Kambiwá, Truká, Tuxá, Pankararé, por fim, todas as etnias do Nordeste e do nosso país. Pois, sou um dos guerreiros que busca sempre trabalhar para nosso povo, para muitas outras etnias do Brasil e do planeta Terra, que é a nossa Mãe Terra.

### **Maria Jacielma Monteiro do Nascimento**

Eu, Maria Jacielma Monteiro do Nascimento, filha da etnia Pankararu, resido há 18 anos na aldeia Caxiado, município de Jatobá – PE.

Dos terreiros de Praiá, vivem em mim as lembranças mais remotas da minha infância. Sempre estive presente em todas as manifestações tradicionais da minha etnia, e, mesmo quando, forçadamente, precisei ir morar fora da Aldeia, por quase dez anos, mantive o “cordão umbilical” ligado a tudo o que me fez ser o que sou. Ser como sou.

Nesse período, retornava todos os finais de semana para a casa dos meus parentes, pois, percebia que algo me faltava. Já mais crescida, comecei a observar que meu pai viajava muito, e sempre tinha reuniões. Naquele período eu não o entendia, mas em um certo momento minha mãe foi nos explicando, e minha admiração foi crescendo, e sempre me imaginei ser ou tentar fazer um pouco do que este grande líder fazia.

Aliado a tudo isso, sempre sonhei em ser professora. Sendo assim, fiz o curso de magistério, uma base importante para atingir os meus objetivos na área de ensino e, sem possibilidade de cursar o ensino superior naquela época, fiz também o curso de técnico em Contabilidade. Estudei na cidade, alimentando o sonho de morar e trabalhar para o meu povo. Porém, este sonho só começou a se tornar realidade em 1999, quando ocorreram as primeiras indenizações e passamos a morar novamente em terras indígenas Pankararu. Dessa vez, na aldeia Caxiado.

Não demorou muito e comecei a trabalhar junto ao meu povo como Agente Indígena de Saúde – AIS. Inicialmente, senti um certo estranhamento por parte de algumas pessoas que não me conheciam, mas, aos poucos, fui conquistando cada uma delas e ganhando o respeito também. Nestes nove anos em que trabalhei como AIS, participei do conselho local do povo Pankararu; representei o nosso povo no conselho de saúde de Jatobá-PE.

Dessa vivência nos conselhos por 4 anos, acumulei muitas experiências e aprendizados nas diversas conferências das quais participei. Como Agente Indígena de Saúde, viajei para representar o nosso povo em um encontro internacional em São Paulo-SP, que diante da diversidade de tantos países latino-americanos, pude ver e entender melhor o quadro de desigualdade com a qual os irmãos indígenas enfrentavam muito além das nossas fronteiras.

Em cada uma dessas experiências, passei a perceber que as lutas de tantos líderes da nossa etnia não tinham sido em vão; uma das que me recorro como se fosse hoje, foi a retomada da CARIRA. Esse momento me marcou profundamente, pois havia ali uma quantidade enorme de crianças e adolescentes, lado a lado com seus pais, tios, avós, todos lutando com garra pela terra. Dessas memórias, tenho bem viva a ação de grandes lideranças como João Binga, Quitéria Binga, Miguel Binga e o senhor Gustavo. Foram de momentos assim que nasceu e se fortaleceu a minha vontade de estar junto destes guerreiros que nos ensinaram muito sobre a importância de lutarmos pelo nosso território, pelas nossas riquezas tradicionais e por uma educação específica, diferenciada e intercultural.

No ano 2000, fiz parte de um grupo de 10 indígenas que foram estudar Pedagogia em Paulo Afonso-BA. Essa trajetória só durou dois anos e três meses, pois a faculdade não era reconhecida e tivemos que desistir. Essa batalha perdida, na realidade, nos fortaleceu e, pouco mais de um ano depois, reiniciei o ensino superior, agora em Belém de São Francisco-PE.

No curso de história, sofremos preconceitos por sermos indígenas, mas conquistei o meu espaço e, ao término da faculdade, comecei a trabalhar na área que sempre sonhei. Agora era eu era uma educadora trabalhando junto ao meu povo Pankararu.

A história oficial não me deformou, apesar de ainda deixar marcas bastante profundas em mim. Aprendi e hoje semeio o conhecimento com base numa história sentida na pele, nas lutas e no desejo de que a minha experiência possa ajudar a edificar novos pilares em prol das nossas causas e desafios.

Hoje reconheço ainda mais a importância do direito à terra; a luta pelo nosso território que ainda está em andamento em processo de desintrusão. Território esse que precisa ser respeitado, até porque é sagrado para nós, Pankararu, enquanto indígenas.

Hoje guardo com muito carinho lembranças de uma trajetória que já soma mais de 10 anos de educação indígena. São muitos momentos de ensinar e aprender com gerações de irmãos do ensino médio, normal médio e EJA, e que, como eu, buscaram e continuam buscando novos espaços, novos saberes.

Como articuladora indígena do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz das Escolas Pankararu, pudemos compreender a importância do conhecimento como a arma maior para viver em comunidade, partilhando sentimentos, dores, alegrias, nos formando para sermos cidadãos do mundo.

Tenho a honra de ver hoje, que tantos educadores não precisem migrar para outras cidades para cursarem o normal médio, que a partir da formação e da informação podemos

entender melhor os eixos: terra, identidade, história, organização e interculturalidade e mantermos com as comunidades que nos cercam, sejam de indígenas ou não, relações de convivência pacífica e respeito mútuo.

Dentre as formações que recebi, gosto de enfatizar a “Formação continuada de professores e coordenadores pedagógicos do ensino médio” (2014/2015); a V conferência municipal de assistência social (2001); o minicurso movimentos messiânicos no sertão nordestino (2005); o III seminário regional de educação em direitos humanos (2010); o seminário internacional sobre saúde indígena e contextos interculturais: bases para a construção do programa de formação para profissionais de saúde (2005); a conferência nacional dos povos indígenas no período de 12 a 19 de abril; a formação continuada de profissionais indígenas do ensino fundamental anos finais e ensino médio (2010); a formação continuada indígena pesquisador, desenvolvendo um projeto de pesquisa na sua etnia (2011); a I conferência municipal de educação, com tema “O PNE na articulação do sistema nacional de educação: participação popular, cooperação federativa e regime de colaboração” (2013); o curso formação para o programa escola ativa (2012); a 1ª conferência nacional de política indigenista – etapa local (2015); a formação continuada para professores indígenas intitulada: história e cultura africana e afro-brasileira (2016).

Uma experiência edificadora para mim são as participações nos encontrões realizados pelos que fazem educação nas etnias do estado de Pernambuco, promovidos pela Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE, onde se articulam assembleias, seminários e se discutem políticas voltadas para questões indígenas, visando garantir projetos e respeito à nossa causa. Trata-se de uma caminhada desses povos de mãos dadas em busca de direitos, discussão de leis, decretos e compreensão do mundo que nos cerca, seja do ponto de vista educacional, político, social e econômico.

Aprendi durante todos esses anos, que a melhor educação começa a partir do que somos, vivemos e fazemos. Essa troca de experiências em si, nas casas, terreiros, roças, igrejas, festividades, eventos de natureza cultural e religiosa, é o que nos faz se perceber no mundo, qualificando os conceitos de pertencimento e que nos motiva a colocar as lutas de caráter coletivo acima dos nossos interesses pessoais.

Ao enveredar no conhecimento, valorizamos o todo, porque ele nos parece mais compreensível e passível da intervenção dos comuns. É a partir daí que nós, indígenas, não podemos, em nenhuma hipótese, perder de vista os conhecimentos dos nossos antepassados,

dos nossos anciãos e devolver a eles a valorização merecida e, muitas vezes perdida numa sociedade descartável.

Vale ressaltar que a educação escolar indígena se dá a partir de troca de experiências, e em diversos lugares/terrenos, na roça e qualquer espaço da comunidade, aprendendo com os nossos detentores do saber (os mais velhos).

Com base nessa trajetória e na luta diária, sonho com novos passos em minha formação. Sonho com o mesmo desejo que sonhava com o magistério, com a mesma garra e vontade com que recomecei o ensino superior, pois a desigualdade ainda impera por aqui. É preciso edificar em nossa comunidade lutas permanentes para a construção de políticas mais efetivas voltadas para os nossos direitos. É preciso fazer emergir do nosso povo mais e mais lideranças honestas, trabalhadoras, identificadas com nossas lutas para, à frente da nossa etnia, participar diretamente das discussões que dizem respeito ao nosso povo.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola veio enriquecer ainda mais a minha vivência enquanto indígena e educadora. Possibilita-me troca de experiências, discussões de proposta para os nossos curumins – crianças. Em princípio, senti-me um pouco fora da minha realidade com a educação infantil, pois trabalho há muitos anos com adolescentes e adultos. Agora um novo desafio: trabalhar com professores de educação infantil. Porém, aceitei o desafio e tento superar-me a cada encontro. Temos dificuldades, mas superamos cada uma delas para apresentarmos um bom resultado. Seja na instituição (escola), nas comunidades, pois somos sabedores de que somos a primeira turma, e é notório que a cobrança e a responsabilidade são maiores, pois se sair tudo bem seremos aplaudidos, mas, caso contrário, seremos vistos como o grupo que fracassou, e isso não queremos. Sabemos o quanto é importante para cada um que deixa seu lar, sua família para enriquecer e mostrar a força do povo Pankararu.

O referido programa, nos mostra que devemos olhar nossas ações em sala de aula com novos olhares, que contribui com a causa indígena. Não se trata apenas de aprender mais, trata-se também de ser mais um instrumento de transformação, crescimento e mudança. Esse curso é uma oportunidade ímpar de poder contribuir ainda mais com as nossas lutas, dar mais corpo às organizações indígenas não somente na esfera local, mas, através do descortinar de novos horizontes e novos olhares; contribuir com a causa indígena em todo o país.

Creio que somente o conhecimento é capaz de reescrever a história, de sarar as feridas e de possibilitar a nós, povos indígenas, sem deixar de olhar com firmeza para as tragédias do passado e da colonização predadora; construir um futuro com menos discriminação, mais oportunidades para todos, independente da sua condição social.

**Maria José da Silva Santos**



Eu, Maria José da Silva Santos, nascida em 01 de dezembro do ano de 1974, na aldeia Saco dos Barros, povo Pankararu, Município de Jatobá-PE. Filha da liderança tradicional, Fausto Monteiro da Silva, neto de Maria Calú e de Maria das Dores da Silva. Sou neta de Antônia Binga. Casada com Cleomar Diomédio dos Santos, filho de índia com não índio, tenho dois filhos: Andeson Cleomar dos Santos, mestrando em etnomusicologia, na Universidade Federal da Bahia, e Alisson Cleomar dos Santos, graduando em medicina, na Universidade de Brasília. Trabalho na escola Pankararu, desde de 2004 e, atualmente, estou como professora responsável dessa instituição.

O território Pankararu está localizado entre os municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia, no sertão de pernambuco. Aproximadamente 500 Km da capital Recife. Com a população de 8 mil habitantes, a extensão territorial é de 8.100 h dividido em 14 aldeias. Seus aspectos geográficos são cercados por serras, onde têm seus segredos com a proteção do praia

- (Encantados) fontes, nascentes e ladeiras. Eu vejo meu território como sustentabilidade e subsistência física e espiritual.

Tive uma infância divertida com meus irmãos e primos, mesmo criada por minha tia, irmã de meu avô paterno, sempre tive um bom convívio e uma boa relação com meus sete irmãos. Além das brincadeiras, juntos, trabalhávamos na roça para ajudar no sustento da casa. Tenho orgulho em dizer que com os meus pais aprendi os valores necessários para conviver em sociedade, principalmente com o ensino sobre o respeito aos mais velhos, aos nossos Encantados, ao ritual sagrado, as matas e nascentes. Enfim, o respeito a todos.

Desde criança acompanho minha tradição. Ficava ouvindo as histórias dos nossos antepassados contados por minha tia de criação, Maria Francisca, pelo meu avô paterno, José Monteiro, e por meu pai. Foram eles os incentivadores para que eu pudesse dar continuidade ao ritual sagrado. Com eles aprendi a respeitar, valorizar e vivenciar a nossa cultura tradicional, sendo que a minha família é tradicional do terreiro do nascente da Fonte Grande e do Terreiro do Poente, da minha bisavó, Antônia Maria da Luz. Tenho orgulho de ser Pankararu e de fazer parte da minha tradição.

Sobre a minha participação nos movimentos do povo, posso dizer que desde criança, com meus antepassados – *In Memoriam*, Quitéria Binga, Miguel Binga, João Binga, os meus avôs Manuel da Cruz e José Monteiro dos Santos, foram os meus primeiros professores a ensinar o verdadeiro sentido da luta para sobrevivência.

Quitéria Binga diz que repassar para as crianças sobre a sua história, os enfrentamentos e conflitos, o sentido da terra e valor da identidade cultural, eram uma forma de dar continuidade à cultura do povo. E com esse pensar, ela plantou várias sementes, dentre elas, começar a reivindicar por uma educação diferenciada.

Até ao final dos anos 90, a educação escolar em Pankararu era de responsabilidade dos municípios. Mas graças a luta das nossas lideranças, a educação passa a ser de competência do Estado. Assim, surge a educação específica e diferenciada, e intercultural; não só em Pankararu, mas em todos os povos do estado de Pernambuco. Antes disso, em nosso povo, só existia escolarização até a 4ª série. Aqueles jovens, dos quais os pais tinham o mínimo de condições, continuavam seus estudos nas cidades vizinhas. Eu, por exemplo, concluí o primeiro grau na escola Sérgio Magalhães, no município de Tacaratu, lugar cercado de serras, com muitas ladeiras, e que fica a 15 Km da aldeia. Tempo difícil, pois não havia transporte escolar, andava a pé, saía de casa às 12h e retornava às 18h, no entanto chegando em casa às 21h.

O segundo grau, magistério, conclui em 2000, na escola estadual de Itaparica, município de Jatobá. Logo no primeiro ano, em decorrência da gravidez, interrompi os estudos; retornei após 6 anos.

Ainda em 2000, fui convidada por minha tia, Quitéria Binga, liderança do meu povo, para ensinar, como voluntária, na creche na qual mantinha 120 crianças, por meio de doações e voluntariado. A minha trajetória na educação começa a partir desse trabalho, como professora na educação escolar indígena e em seus movimentos; nos encontros da Comissão dos Professores do Estado de Pernambuco COPIPE. É importante explicitar que, ainda na infância, já participava de alguns movimentos pela demarcação das terras junto às lideranças João Binga, Miguel Binga, a própria Quitéria Binga, bem como meus avós e pais.

Durante o tempo em que estive ao lado de Quitéria, participei de vários movimentos: demarcação das terras, saúde e educação, inclusive indo a Brasília com um grupo de crianças, reivindicando a efetivação dessa educação indígena tão sonhada.

Lembro-me das falas da minha tia que, em resumo, dizia: "o estado precisa garantir a educação específica e diferenciada, oportunizando uma educação na qual pudesse ensinar as crianças o valor da identidade cultural; a importância de dançar o toré; o 'cuidar da terra'; o significado da existência física e espiritual e a importância da luta como permanente forma de resistência".

Em 2003 começou a minha vida acadêmica no ISEF - Instituto Superior de Floresta, curso de Licenciatura em Pedagogia. Em 2004, fui selecionada como professora para atuar na educação infantil, no espaço da creche de Quitéria Binga, que funcionava como anexo da escola Pankararu.

Durante esse percurso, tive a experiência de lecionar no ensino infantil, anos finais, normal médio e ensino médio, e como professora das práticas pedagógicas e de educação física. Orgulho de, mesmo sem estrutura física adequada, pude inserir os alunos na competição dos jogos escolares municipais, regionais e estaduais; também tive a experiência de trabalhar como coordenadora pedagógica e de fazer parte da gestão escolar indígena, sendo suplente de José da Cruz, no conselho de educação escolar indígena de Pernambuco. Atualmente, estou como titular desse conselho.

Na minha vivência, trago um pouco do que aprendi com os meus antepassados e, em especial, cito a minha eterna guerreira Quitéria Binga. Com ela aprendi a lutar e defender meu povo.

A educação escolar indígena me deu várias oportunidades de construção de saberes. Por meio dela tenho aprendido a fortalecer minha cultura.

Hoje faço parte da comissão para organização do currículo intercultural para escolas indígenas de Pernambuco; e o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola veio como subsídio para repensar a formulação do currículo para educação infantil nas escolas indígenas, bem como oportunizar a sistematização das práticas pedagógicas diferenciadas, a promoção para construção de materiais didáticos específicos.

Agradeço às pessoas pela oportunidade de poder continuar com o meu trabalho de fortalecimento da identidade cultural, e, ao mesmo tempo, proporcionar momentos de formação continuada, assim como ao curso do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola. Sigo pedindo a Deus e a Força Encantada para continuar transmitindo minha sabedoria com humildade, para aprender e pode repassar os ensinamentos do meu povo, assim como os meus antepassados deixaram para mim.

## **Maria Nazaré dos Santos**

Eu, Maria Nazaré dos Santos, indígena Pankararu, sempre vivi aqui em nosso território, no qual está localizado no Sertão Pernambucano.

Quando ainda criança, via meus pais e as demais famílias do nosso povo sempre na luta. Luta essa que vem desde os nossos ancestrais. Essas batalhas sempre são pelo nosso Território, pela resistência e o direito de vivermos culturalmente. Essas lutas também mostram um jeito próprio da nossa organização sociocultural.



A união é muito forte para enfrentar as batalhas. Em cada situação de enfrentamento é uma das regras existir sempre um chamamento de orientação. Porque a sabedoria dos nossos detentores tem um elo natural ligado aos ensinamentos da Ciência Sagrada para a nossa comunicação, segurança e proteção.

Desde meu tempo de criança para adolescência, já participava dos movimentos; muitas vezes não diretamente, mas cuidando dos meus irmãos com a minha vó querida (Maria Bomba), enquanto meus pais, tios, famílias e demais pessoas

esperavam o silêncio do tempo para se 'ajuntarem' nas 'caladas da noite'.

Porém, essas memórias me fazem caminhar numa estrada de volta ao tempo, trazendo-me fortes emoções e sentimentos que apertam o meu coração.

Enfim, quando não saíam para outros espaços, não tinha noite escura, clara ou chuvosa para meu tio José Bomba se reunir em casa para dialogar suas experiências e suas previsões, etc.

Eu ficava ouvindo aquelas conversas e no outro dia juntava a meninada para brincar de imitar, contando para elas todas as histórias. Eu contava como se fosse eles, e depois ainda imitava a professora fazendo a escrita com eles.

A indiferença, nessa época, era muito marcante na escola, pois esta expressava a política de um mundo dominador e excludente para com o mundo indígena.

Desconheciam a resistência e a história de luta do nosso povo. Primeiro, a escola foi de responsabilidade do órgão FUNAI (Fundação Nacional do Índio), onde conclui a 4ª. série, ficando fora da escola porque não havia oportunidades para dar continuidade aos estudos.

Contudo, houve, posteriormente, a oferta de bolsa de estudo pela FUNAI, em atendimento à referida necessidade, pois não havia oferta de estudos gratuitos.

Assim, fomos estudar no Colégio Nossa Senhora da Saúde, na cidade de Tacaratu-PE. Mesmo desafiando os preconceitos, abismos e dificuldades em nossas vidas, parecíamos estar vivenciando uma viagem extraordinária, que a cada dia dávamos continuidade. Logo ao terminar o magistério, conquistei o meu primeiro trabalho como professora do município de Petrolândia, e, depois, no município de Jatobá.

Houve um período no qual prestei serviço nas escolas da cidade e, em outras circunstâncias, em nosso próprio território. Essas mudanças aconteciam dependendo da política de cada gestão municipal. Diante deste patamar de educação imposta, a escola tão sonhada e desejada para nós, povo Pankararu, passou a ser assunto essencial dos movimentos indígenas.

A realidade escolar, infelizmente, era lamentável, mesmo com as escolas ministradas pela FUNAI, com professores indígenas e não indígenas; a política de educação era a mesma: sempre desconheciam e “invisibilizavam” a história de resistência, os costumes e os Saberes Tradicionais Indígenas.

A escola era meramente construída no território indígena e coordenada, na sua maioria, por não indígenas. No entanto, com a força do Movimento Indígena do País, foi efetivada a publicação da Resolução nº 03/99 e o Decreto no ano 2002, que estadualizou as escolas indígenas do estado de Pernambucano, após anos e anos de lutas e batalhas incansáveis.

Hoje vejo a estadualização das escolas Indígenas como um marco muito forte das lutas coletivas na busca desta tão sonhada educação escolar, específica, diferenciada, bilíngue e intercultural, buscando construir outro mundo que contribua com nossos projetos de vida.

A continuidade das lutas vem através das necessidades e demandas do nosso povo. Por isso, um dos desejos nossos é fazer valer o nosso papel, nossa missão na reconstrução dessa outra educação escolar, para assim podermos investir com sucesso em nossas escolhas.

A educação escolar indígena é um legado de marco histórico que eleva os saberes, as vivências e experiências coletivas dos detentores tradicionais para dentro da escola, uma necessidade real para a nossa resistência e sobrevivência étnica.

Neste sentido, as formações continuadas para os profissionais são primordiais. E, nesta lógica exigida de atendimento, cursei licenciatura em pedagogia no ano de 2001. Logo após, com

a oferta estadual para esse atendimento acima mencionado, cursei a gestão etnoterritorializada para a educação escolar indígena, nos anos de 2013 e 2014. Ademais, cursei especialização na temática das culturas e histórias dos povos indígenas, pela Universidade Federal de Pernambuco. Esses cursos também representam as conquistas de lutas dos movimentos.

Enfim, mesmos que as ofertas de cursos ainda não atendam a maioria dos profissionais, nós buscamos a qualidade da nossa educação escolar, investindo, interagindo e multiplicando os saberes através das formações internas, com as quais articulamos as necessidades, construímos nossos projetos, proporcionando o envolvimento coletivo entre a escola e o nosso povo.

Um marco também importante dessa trajetória histórica é o nosso Museu Escola, que representa as memórias vivas do povo e dos profissionais que se doaram de corpo e espírito, plantando uma semente por acreditarem que brotará e revigorará para a vida.

Fazendo parte desta historicidade, passamos dois meses sistematizando as ações e trabalhos realizados por todas as escolas do território Pankararu.

As ações da COEPP (Central de Organização das Escolas Públicas Pankararu) com o envolvimento do coletivo concedeu ao 'Museu Escola' o Prêmio Culturas Indígenas (2007) Edição Xicão Xucuru. Este é um investimento que dialoga com os diferentes segmentos existentes em nosso povo: a educação, a saúde, as lideranças; os mais velhos, os jovens e as crianças.

O nosso objetivo é contribuir na busca da valorização e fortalecimento cultural através das articulações e realizações de oficinas e projetos tanto do Museu, para o nosso povo, quanto do povo para o Museu.

Outro marco valioso para a contribuição dos projetos de vida Pankararu, nessa caminhada de busca aos desafios, é a nossa participação neste programa da ação Saberes Indígenas na Escola, pois somos os verdadeiros autores destas memórias e narrativas.

Este livro é um merecido recurso didático o qual destaco a relevância do protagonismo da própria autoria, que mostra outros conhecimentos históricos e sócios-culturais. Ações essas atribuídas aos professores da educação infantil e do 1º. ano do ensino fundamental.

Acredito que este trabalho é um ponto de partida para contemplação das demais modalidades de ensino em nosso território que virão para tornar visível a nossa Cultura Indígena Pankararu.

## Rita de cássia dos Santos



Eu, Rita de Cássia dos Santos, tenho 50 anos, nascida no dia 23 de março de 1968, moro na aldeia Saco dos Barros, terras indígenas Pankararu, município de Jatobá, sertão de Pernambuco. Sou filha de Elias Barbosa dos Santos, agricultor e artesão, e de Maria do Carmo dos Santos, conhecida como Maria Berto, liderança tradicional, feirante e artesã.

Lembro com bastante saudade do meu tempo de criança, via minha mãe sempre na luta e na batalha pelo nosso território, junto aos mais velhos, em busca de nosso direito de vivermos nossa tradição, na manutenção e na garantia para o futuro da forma de sobrevivência espiritualmente advinda da nossa Mãe Pinadaé (Terra), também mostrando o nosso jeito de Ser Pankararu, fortes e resistentes. Há um elo muito forte da Mãe Natureza com o Sagrado, fortalecendo nossas batalhas, orientando a ciência sagrada e a sabedoria dos ancestrais, protegendo e nos livrando dos perigos.

Desde meus oito anos já participava dos Movimentos Indígenas, com minha mãe, que era uma grande mulher, guerreira e militante do movimento. Assim, onde ela estava, eu estava também, ouvindo o que os mais velhos falavam, conhecendo outras pessoas de outros povos, outras aldeias. Muitas idas e vindas à FUNAI de Recife-PE e de Paulo Afonso-BA, resolvendo problemas e em busca de soluções sobre a terra, a saúde e a educação, na companhia das comadres, Quitéria Binga, Ilda Constância, na época não era Cácia. Também com o Cacique João

Binga e outras lideranças. É salutar destacar que o Cacique Xicão Xucuru do Ororubá, uma grande liderança indígena do nosso estado, quando vinha a Pankararu sempre ia na casa de minha mãe, para articular as estratégias contra o governo.

Essas memórias me trazem fortes sentimentos que marcaram minha vida. Sempre participando das reuniões com as lideranças, discutindo as questões pertinentes ao nosso território, reivindicando nossos direitos às instituições, encabeçando os movimentos como, passeatas organizadas, fechando a FUNAI, avenidas em Recife, tendo a iniciativa de realização de seminários, palestras, atos públicos em Recife, audiências públicas e etc.

Neste ano de 2018, no momento da desintrusão territorial, senti a necessidade de mais uma vez dialogar com o conselho local das lideranças das quatorze (14) aldeias e dizer que seria necessário a realização de uma grande assembleia para discutirmos e alertar nossos povos dos nossos direitos que estavam sendo violados pelo governo. Com o apoio de todos, realizamos a assembleia no terreiro de João Binga. A assembleia Pankararu Mãe Pindaé (Mãe Terra), elencando as temáticas: direitos a terra, saúde, educação, conjuntura política no território, gestão territorial e segurança pública. Contou com a participação de convidados, comunidades, professores, lideranças e tendo a nossa força maior Deus e nossos encantados, nos guiando. E assim segue minha luta pelo nosso bem maior a nossa Mãe Pindaé.

Quando minha mãe com as demais lideranças viajavam a Recife ou Brasília em busca do bem comum de Pankararu, sem condições financeiras, 'fazendo sol ou chuva', em cima de uma caminhonete com os bancos de madeiras, comendo rapadura com farinha, para lutar pelos nossos direitos, quando não podia ir, ficava ansiosa para saber as notícias. Quando voltavam de viagem, mãe e Quitéria Binga juntavam a vizinhança, muitas vezes à noite, no território da casa para repassar os acontecimentos; eu ouvia atentamente a cada palavra.

Porém, o maior legado que minha mãe deixou foi me colocar no movimento indígena, ensinando-me o respeito, a conviver na coletividade, construir o bem viver, contemplando uma visão ampla voltada para a nossa cultura sem esquecer o Ser, o pertencimento étnico.

A minha trajetória no movimento indígena data dos anos 80, quando comecei a participar do grupo jovem, tive a oportunidade de discutir e acompanhar o processo de implantação da saúde indígena Pankararu, assumi a função de conselheira local, construindo e buscando uma saúde de qualidade voltada para um atendimento específico e diferenciado. Como sempre, buscando novos conhecimentos, interagindo e construindo novas ideias; ingressei nos movimentos de mulheres indígenas, com o intuito de melhoria em Pankararu, tive a iniciativa de fazer o primeiro encontro de mulheres em Pankararu, promovendo intercâmbio com mulheres de

outros Estados, como Sergipe, as indígenas do povo Kariri Xocó; de Alagoas, as mulheres indígenas de Xucuru Kariri e do Ceará, do povo Pitaguari. O encontro foi de grande relevância para nós, mulheres Pankararu, e marcou a nossa história. Também no mesmo ano visitei alguns desses povos, como os Pitaguari, no Ceará, nas cidades de Pacatuba e Santo Antônio. Ressalto que, esse povo citado acima, estava em processo de reconhecimento à época, e pude contribuir no fortalecimento da cultura, com minha experiência.

Destaco que em 1988 concluí o curso de magistério e em 1989 conquistei meu primeiro emprego na aldeia Olicuri, no povo Geripankó, em Pariconha-Al. Foram muitas dificuldades para equipar a escola e também aliar os saberes indígenas com os saberes escolares. Atuei como voluntária e recebi vários produtos agrícolas dos pais dos alunos, como forma de retribuição pelo meu trabalho, que objetivava o fortalecimento da cultura do meu povo, Ponta de Rama Pankararu. Mas, devido à influência política e dificuldades naquela comunidade indígena, tive que ir no final de 1989, tentar sobreviver em São Paulo-SP.

Enfrentei a cidade de pedras e concretos, encontrando preconceitos e obstáculos, foi uma batalha a tentativa de atuação profissional, pois, enfrentei o preconceito por ser nordestina indígena, sem experiências de trabalho registrado em carteira de trabalho e ainda nas entrevistas de emprego, não negava minha identidade étnica. Só consegui um emprego com ajuda da minha tia Erundina, que já morava há muitos anos na favela Real Parque Morumbi, a qual tinha conhecimentos e influência na igreja católica local.

Conseguí um emprego numa creche conveniada com a prefeitura de São Paulo, administrada por religiosas (Freiras), sendo bem recebida e respeitada por todo corpo docente. Mas, os pais foram bastante resistentes, já que possuíam o conhecimento estereotipado, difundido em livros didáticos, que índio come gente, mora em ocas, não sabe falar. E ainda, tinha a diferença de sotaque e de vocábulos, mas fui conquistando o respeito das famílias, conseguindo me adaptar as diferenças linguísticas, pois tive autonomia para desenvolver projetos através de brincadeiras e vocábulos sobre a minha realidade, promovendo um intercâmbio de conhecimentos envolvendo minha cultura e tradição. Além disso, proporcionei aos parentes Pankararu a possibilidade de ingresso naquela instituição, como também promovi a troca de saberes através de apresentações culturais dos parentes Pankararu e assim vivi por dez (10) anos na favela e trabalhando na referida creche.

Durante o tempo em que vivi em São Paulo participei do movimento de organização das nossas atividades culturais e de reivindicação perante o governo de São Paulo para o reconhecimento como indígena. Assim, na década de 1990 criamos uma associação para lutar

por nossos direitos. Contribuí em várias ações, pois para maior controle foi realizado cadastro de indígenas Pankararu, moradores da capital, a criação do sobrenome Pankararu no ato do registro de nascimento das crianças indígenas, confeccionada uma carteira de identificação pessoal e tribal.

Vale registrar que de todos os parentes que moravam em São Paulo, somente eu e outro parente possuíamos o 2º Grau, então participei ativamente dos projetos de cotas nas universidades, da oferta de saúde no território indígena e etc. Das batalhas e conquistas da associação, aquela época, com o governo estadual, destaco o Projeto Pindorama, que proporcionou o ingresso dos Pankararu na universidade. Como também a liberação de espaço para prática ritualística nos finais de semana.

Ao retornar a aldeia mãe, território indígena Pankararu, em Pernambuco, passei a trabalhar como voluntário na creche da Guerreira Quitéria Binga, a qual participava do fortalecimento da educação escolar com os cânticos de toantes e danças do Toré em salas de aulas para discentes e docentes indígenas.

Participei desde o início da criação de movimento da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco (COPIPE), junto com lideranças para a estadualização das escolas e fortalecimento da educação escolar indígena. Também participei de diversos cursos promovidos por instituições, como o Programa Xingó, a UFPE, a UFABC e Centro de Cultura Luiz Freire.

Fui bolsista da FUNAI na primeira turma do curso de pedagogia no Instituto Superior de Educação de Floresta-PE. Foi um grande desafio devido à superação de preconceito, dificuldades financeiras e a exposição a várias violências, como assaltos e assédio sexual.

Sempre busquei participar de programas que trouxessem o desenvolvimento e o bem viver para meu povo, a exemplo do programa "A saúde sem limites"; apoiei e acompanhei a iniciativa da parceria da UFPE, na atuação do curso de parteiras e aprendizes. Tal programa aconteceu ao lado da minha casa e foi de grande aprendizado, por expandir e fortalecer a medicina tradicional e valorizar as parteiras tradicionais. Fiquei feliz porque venho de uma família tradicional de parteiras, minha bisavó Lorença, conhecida como mãe Chiquinha, também era parteira, minhas tias deram continuidade até os dias atuais.

Sinto-me abençoada por Deus e a força encantada em participar de tudo que acontece dentro do meu povo Pankararu, sabendo que o pouco que me apodero dos conhecimentos fazem a diferença em minha vida e na vida do meu povo, pois sei que estou contribuindo com o progresso dessa nação Pankararu.

Com relação às organizações internas, sempre que posso estou presente discutindo educação, saúde, terra e a nossa tradição. Por isso, sempre que posso, caminho ao lado das lideranças, fazendo sugestões, construindo, opinando e buscando soluções para o bem-estar da comunidade e garantindo nossa autonomia. Hoje, tudo que sou e que represento dentro do meu povo, agradeço ao movimento indígena, por todas as minhas lutas e conquistas.

Na educação escolar indígena, procurei desde o início exercer várias funções ao mesmo tempo. Como nasci e vivi em família de artesã, minha mãe fazia vassoura de palha de licurizeiro, corda de agave. Já minha tia Erundina era louceira, fazia com barro, potes, panelas, pratos, jarras, etc. A minha tia, madrinha Elvira Berto, fazia com a palha do licurizeiro, tranças, chapéus abanos e bolsas. Outra tia, Mariinha, fazia cesto com cipó. Então quando iniciei na educação, meu sonho era que os mais velhos pudessem ensinar nas escolas 'o saber' aos alunos e professores. Tais saberes deveriam ser valorizados e também remunerados. Provoquei discussões e, após várias, com cada povo e com o governo do estado, o movimento indígena, através da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco - COPIPE, foram conquistados os nossos direitos em relação ao professor de arte indígena, priorizando as especificidades de cada povo.

Para tanto, durante o processo de conquista da inclusão de professor de arte indígena, estimulamos os professores regentes a fazerem parceria com as/os artesãos/ãs indígenas, para participarem do processo de ensino-aprendizagem e contribuir na produção de conhecimentos. Também participei, junto com a colega Elza Barros (Preta), de uma oficina sobre coleções etnografia, promovida pela UFPE, campus Recife. Como também participei das atividades promovidas por Eliene Amorim e Caroline Leal sobre o currículo de arte indígena, promovido pelo Centro de Cultura Luiz Freire. Assim, o movimento indígena conquistou a contratação via Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco dos detentores dos Saberes Tradicionais para ministrar a disciplina de arte indígena, como também conquistamos a disciplina de educação física, nas escolas estaduais indígenas, específicas e diferenciadas.

Destaco que, inicialmente os professores de artes e educação física, foram contratados de forma itinerante. À época, o transporte era precário e tínhamos que ir a pé às aldeias para realizar oficinas e palestras. Mas, um tempo depois, saiu um edital nominado de Xicão Xukuru, com a finalidade de contemplar projetos para construção de museus. Como já participava de várias atividades sobre a temática, e em parceria com a comadre Nazaré, fizemos o projeto e conseguimos obter a premiação. Assim, fomos em busca de conseguir uma área para construção do Museu Pankararu e conseguimos com a contribuição da companheira, colega indígena, Elisa

Urbano Ramos, a doação de um terreno. Hoje temos o espaço do Museu Escola, local que os professores de arte indígena praticam suas atividades didáticas.

Outra conquista que participei foi a licenciatura intercultural indígena, fruto de muita luta da COPIPE. A grande dificuldade inicialmente foi o espaço e acompanhei desde a visita do terreno à construção da UFPE, campus Caruaru. Acompanhei todo o curso dos dezessete (17) cursistas Pankararu, contribuindo com discussões, pesquisas e construção de materiais. Fui escolhida pelos estudantes e assumi a disciplina de supervisão de estágio. Na 2ª turma, fiz a seleção e atuei na mesma disciplina em 2017 e 2018. Minha participação foi com o objetivo de contribuir com a educação escolar indígena específica e diferenciada.

A minha atuação na educação escolar indígena é desde 2003, representando meu povo e participando de forma atuante na COPIPE, na luta por melhoria e no enfrentamento com o Estado. Trabalhei por sete (07) anos na gestão da amiga e companheira, Elisa Urbano Ramos, coordenadora geral. Depois, assumiu a coordenação, o indígena José da Cruz. Já faz oito anos que também colaboro com a segunda gestão desse querido e amigo. Registro que são muitas andanças de militante e já conquistei muitas aprendizagens e progresso para o meu povo, como também já sofri acidente de carro, sofri assalto e até tiros, mas continuei firme na luta. Tenho muita gratidão pelo movimento indígena, pela conquista da graduação em pedagogia, das especializações: em arte/educação, gestão etnoterritorialidade e em cultura e história dos povos indígenas. Com muita honra participei da construção do desenvolvimento curricular em educação intercultural descolonizante, na modalidade formação inicial e continuada–FIC/IF Sertão-PE, campus Floresta. Também sou membro do conselho do projeto de criação da categoria professor indígena, na secretaria de educação do estado de Pernambuco–SEDUC-PE.

Como professora indígena Pankararu compreendo que o papel da educação escolar no meu povo deve priorizar a educação indígena – a que é aprendida em casa, na comunidade, nos espaços sagrados. Com os ensinamentos aos curumins e aos jovens, os conhecimentos de nossa cultura, repassados pelos pais ou outras pessoas mais velhas. Entendo que os ensinamentos dos nossos detentores do saber são a base de tudo, praticados e expressos em momentos de rituais, no respeito e sabedoria das pessoas mais velhas. Assim, toda a prática educativa deve considerar todos os saberes tradicionais, desde a elaboração do planejamento, da seleção de conteúdos didáticos, como também a gestão escolar. Ainda consideramos as atividades socioculturais na construção dos calendários escolares, avaliações cotidianas e nos projetos de sustentabilidade. Pois, a escola específica, diferenciada e intercultural é um importante espaço de fortalecimento e reprodução da nossa cultura.

Portanto, para nós, professores e professoras Pankararu, a escola não é o único lugar de aprendizado e o professor não é o dono do saber, mas sim um mediador do conhecimento. Esta é a base de empoderamento para garantia da nossa cidadania indígena, autonomia e autodeterminação, no combate às invasões de outras concepções de mundo. No contexto educacional, introduzimos de forma interdisciplinar, por meio de projetos específicos, a escola que queremos, através de temas e conteúdos diferentes, experimentados na execução do ensino e da aprendizagem, com qualidade, dentro das nossas escolas.

Afirmo que ser uma professora indígena a responsabilidade é dobrada, já que nossos laços afetivos com nossos alunos não ficam só entre quatro paredes, mas continua em outros espaços e momentos. Portanto, destaco que nos movimentos da educação fui consagrada como tia Rita por todos/as de Pankararu e dos demais povos. Assim, expresso minha gratidão, o carinho e o respeito que nutro por todos.

Ressalto ainda a minha experiência no Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, que foi de grande relevância. Ele trouxe inovações nas práticas pedagógicas. Existiram desafios em alguns momentos, mas nada do que ser resistente e persistente. O referido programa veio alavancar e fortalecer o trabalho que já vinha sendo desenvolvido. Nesse contexto, posso afirmar que o mesmo trouxe incentivo financeiro e visibilidade dos nossos trabalhos.

Reafirmo que, a educação escolar Pankararu necessita de investimentos, na perspectiva de multiplicarmos os saberes e fazeres dos detentores tradicionais da cultura e, por isso, faz-se necessário a continuidade dessa parceria do núcleo do IF Sertão-PE, promovendo oficinas para todas as nossas escolas, com o intuito de fortalecer nossas práticas pedagógicas e sociocultural, visando garantir as gerações presentes e futuras o envolvimento, a participação, o reconhecimento e o desenvolvimento dessas habilidades como contribuição para a autoafirmação da identidade étnica, fortalecendo as regras, valores, memórias, histórias, a relação religiosa com a natureza, simbologia e seus significados dentro da nossa tradição da corrida do imbu.

**Experiências Didáticas com Discentes do Curso de Licenciatura em Química: Jéssica Mileny de Andrade Souza e Yanka Micaelle Menezes Lima**

O projeto Estudos de Tradições Oraís Indígenas, proporcionou às alunas Jéssica Mileny de Andrade Souza e Yanka Micaelle Menezes Lima, acadêmicas do curso licenciatura em química, do IF Sertão – PE, campus Petrolina, conhecer professores do povo Pankararu e vivenciar trocas de conhecimentos sobre diferentes culturas.

Quando nos foi proposta a ideia de trabalhar com professores indígenas, ocorreu um grande entusiasmo na turma, pois, seria uma nova experiência. Como não conhecíamos os costumes do povo Pankararu, buscamos ajuda da professora Maria do Socorro Tavares, considerando que já conhecia a cultura do povo, e assim obtermos um conhecimento prévio sobre os Pankararu.

Foi a nossa primeira experiência com uma comunidade indígena. Notamos que são pessoas reservadas e que não costumam explanar sobre si mesmo e sobre seus costumes. Que agem assim para preservar sua cultura.

No primeiro encontro percebemos que eles têm um ritual de pedir a permissão dos seus antepassados para iniciar as suas tarefas e logo após rezam o "Pai Nosso". Outra percepção foi que após alguma atividade eles finalizam com lanche cultural, como a garapa, o pirão, entre outros.

Nossa primeira visita teve como objetivo conhecê-los e ouvir sobre as atividades que haviam realizado com seus alunos, como o estudo da carta de Pero Vaz de Caminha, a escrita de uma carta resposta e o trabalho com a música 'Cartão postal Pankararu' de Gean Ramos. Os professores relataram sobre suas atividades e como haviam desenvolvido. Nós, logo em seguida, com eles apresentamos os resultados da sequência didática utilizando fotos e cartazes produzidos por professores e alunos.

Em segundo momento, tivemos como objetivo assistir à apresentação da sequência didática dos professores indígenas (cursistas e coordenadores), que consistia em repassar para seus alunos a importância do seu nome e o nome de "coisas" que os rodeiam, conhecimentos de seus antepassados, de suas aldeias e os elementos da sua cultura. Para isso utilizaram os

recursos de paródias, cartazes, fotografias dos alunos, mapas, árvore genealógica, entre outros. Em seguida foram servidas comidas típicas da cultura dos Pankararu.

Após a exposição dos trabalhos, nós licenciandos nos reunimos como grupo para expor aos professores cursistas dois jogos que pesquisamos para que eles dessem suas sugestões de melhorias e mudanças, aplicassem com seus alunos e posteriormente nos explicassem como foi a experiência. Os jogos foram: corrida do conhecimento (tabuleiro) e caixa misteriosa. Os professores sugeriram que o tabuleiro fosse um traçado da aldeia, utilizando os elementos e ponto de referência e substituir o dado por um *spinner*. Já na caixa misteriosa, que até então possuía imagens, a sugestão foi que fosse colocado sílabas, nomes e palavras e que a canção utilizada no jogo fosse uma música da cultura Pankararu.

A experiência com os professores foi desafiadora e estimulante, pois, como se tratavam de pessoas com uma cultura diferente tivemos que pesquisar e pensar em atividades distintas para que conseguissem aplicar com seus alunos. Foi um projeto que nos ensinou muito, visto que, aprendemos um pouco dos seus costumes, tradições, comidas típicas, rituais e crenças, bem como sobre a forma metodológica utilizada por eles no processo de ensino e aprendizagem.

O projeto contribuiu para a nossa formação de professores porque nos ensinou a lidar com pessoas de diferentes culturas, visto que como futuros docentes iremos nos deparar com alunos de outras culturas e é dever do educador saber conduzir o aprendizado do estudante da melhor maneira possível.

## **Parte 02 – Narrativas Indígenas Pankararu**

**Ana Paula da Silva**

Eu, Ana Paula da Silva, filha de Maria Rita da Silva e de Luís José da Silva, residente na Aldeia Brejo dos Padres, povo Pankararu. Nasci e morei sempre na Aldeia. Tenho 34 anos de idade. Minha infância foi feliz, criada por meus pais, agricultores. Na adolescência passei a ajudar meus pais nas atividades domésticas e na roça.

A minha vida escolar teve início em escolas da Aldeia, depois estudei fora da Aldeia, em escola de brancos. Hoje sou professora do meu povo. Iniciei como voluntária em 2006 e em 2008 fui contratada como professora indígena, atuando na Educação Escolar Indígena do Povo Pankararu.

A minha trajetória no movimento indígena é através da participação nos vários movimentos de mobilização, como a ocupação da casa da diretoria CHESF em Itaparica, fechamento de rodovias (BR), assembleias no povo Pankararu, encontros com os povos indígenas de Pernambuco.

A Educação Escolar Indígena Pankararu pauta-se na participação de professores nas práticas culturais e na luta do povo a fim de garantir a educação específica e diferenciada. Então, a minha experiência no Programa Ação Saberes Indígena na Escola foi muito importante para o fortalecimento do Saber Tradicional do nosso povo.

**Andresa Jadine dos Santos**



Eu, Andresa Jadine dos Santos, residente do município de Jatobá na aldeia Saco dos Barros, povo Pankararu, venho participando no que se refere aos movimentos indígenas; sejam passeatas, assembleias, reuniões internas, encontro de professores indígenas (Encontrões) em outros povos. Sejam quaisquer movimentos, tais como: movimentos da **educação**, sobre **terra**, **saúde**, entre outros; sempre participo para que possa interagir e saber o que vem acontecendo com o nosso povo ao longo da história devido à resistência **de nossas** das lutas e movimentos.

Com essa participação nesses movimentos, posso encontrar meios de intervenções pedagógicas que refletem no amadurecimento de reflexão em minhas práticas não só na sala de aula, mas também como na comunidade; como ser pertencente ao povo, possibilitando inovações nas minhas experiências, fortalecendo a identidade étnica dentro da escola, reafirmando nossos valores.

Entrei atuando na educação escolar no ano de 2008. Comecei lecionando na aldeia Tapera na Escola Santa Inês da Tapera, município de **Tacaratu-PE**. De casa à escola, na Tapera, eram duas horas de caminhada, sendo que eram duas para ir e duas para voltar, subindo e descendo

ladeiras debaixo de sol ou de chuva, mas nunca pensei em desistir. Comecei a valorizar mais ainda a educação escolar do nosso povo. Foram três anos nesse “rojão”.

Em 2009 passei no vestibular. Assim, pude fazer o curso de licenciatura intercultural indígena na área de linguagens e arte, na Universidade Federal de Pernambuco. Esses quatro anos de faculdade não foram fáceis. O curso deu início na cidade de Ibimirim. Os estudos eram feitos ao lado de uma igreja debaixo de tenda, no mesmo lugar onde dormíamos. E ali mesmo eram servidas as refeições. Depois passei a estudar em Caruaru, na própria universidade. A mesma ainda não estava nem pronta, ou seja, o prédio ainda estava em obra (sendo construído). Estudei entre o barulho de máquinas da construção do prédio. E assim foi até o final do curso, sem falar no preconceito que os outros estudantes tinham com nós, indígenas, dentro da Universidade; das palavras ouvidas nos corredores, nos banheiros, na lanchonete e etc. Mas nunca baixei a cabeça por causa disso. Isso só me fez crescer, fortalecer, quanto ser indígena, quanto ser Pankararu. Sem contar também que o curso ainda não era reconhecido e já se formaram duas turmas. Somente em 2018 o movimento indígena conseguiu mais uma conquista importante para concretização do processo de reconhecimento. Assim, o curso de licenciatura intercultural indígena torna-se permanente. Essa é mais uma das lutas dos povos indígenas de Pernambuco.

Em 2012, fui transferida para Escola Dr. Carlos Estevão, localizada na aldeia Brejo dos Padres, onde estou atuando até os dias de hoje. Sempre participando de movimentos, procurando conhecer a história do nosso povo, lecionando aos estudantes, da melhor forma possível, sobre os acontecimentos e as razões dos movimentos de lutas.

No processo educativo desenvolvido no nosso povo, os saberes tradicionais são considerados o ponto de partida para educação escolar indígena. A criança começa a adquirir um conhecimento desde o momento que nasce, por meio do contato com a família, com os mais velhos, com a comunidade em geral que possui, ao longo da vida, uma bagagem de sabedorias para que sejam transmitidas e articuladas entre as futuras gerações. Sendo assim, a educação escolar indígena tem a função de dar continuidade a esse processo de conhecimentos, possibilitando um intercâmbio entre a escola e os saberes tradicionais que as crianças já trazem de casa, levando em consideração a sua história de vida na qual está inserida; tendo uma efetiva educação escolar indígena.

A instituição escolar não pode ser pensada como o único espaço de aprendizagem, assim como o professor especializado não pode ser visto como o único que transmite o conhecimento, pois a educação não acontece apenas na sala de aula, entre quatro paredes, mas na própria

comunidade indígena por meio da vivência das manifestações culturais e religiosas, da observação e das práticas das atividades diárias. Havendo, portanto, uma significativa troca de saberes.

É nessa perspectiva que o povo constrói uma escola voltada para a tradição e cultura, que pensa e planeja seu próprio projeto societário com a finalidade de reafirmação e fortalecimento amplo de sua identidade étnica.

É necessário que o professor conheça o aluno e acredite na potencialidade dele. O conteúdo ensinado aos alunos **têm** que ser sempre voltado para a realidade dos mesmos, embora as cobranças sejam as mesmas das escolas não indígenas. A organização Pankararu é baseada nos referenciais culturais do povo que acontece através de uma educação indígena específica, diferenciada e de qualidade. Assim sendo, as escolas indígenas Pankararu vivenciam o Projeto Político Pedagógico (PPP) - a construção do regimento e das propostas curriculares – pelo qual os processos educativos se desenvolvem.

Com a escola específica e diferenciada, os educadores, os educandos, famílias e a comunidade têm buscado construir uma educação de qualidade. Introduzimos de forma interdisciplinar, através de projetos específicos, a escola que queremos no conjunto de diferentes temas e conteúdos experimentados na execução do ensino e da aprendizagem dentro do povo.

Hoje temos o projeto político pedagógico, o regimento no qual há a função social de nossas escolas o calendário **específico**, o perfil do professor, o modelo de gestão que nos interessa e os temas que queremos tratar dentro das nossas escolas. Essa escola trata a criança, o jovem e os mais velhos (detentores dos saberes) como sujeitos da aprendizagem, reafirmando, valorizando e fortalecendo a nossa cultura, a tradição e a liberdade pedagógica para desenvolvermos nossas próprias habilidades.

Na relação entre professor e aluno existe uma troca de conhecimentos gerada a partir do momento que o professor torna a aprendizagem mais prazerosa; quando conhece a realidade do seu aluno.

A melhoria da educação escolar só será eficaz quando o professor tornar-se conhecedor da cultura, despertando a essência indígena; quando sua participação estiver inserida nos movimentos. Hoje, uma educação escolar diferenciada e de qualidade é fruto de reivindicação e parte dos projetos de vida de comunidades, povos e organizações indígenas. Para tanto, é necessário que os profissionais que atuam nas escolas pertençam às sociedades envolvidas no processo escolar.

No processo de ensino aprendizagem, a ação de ensinar é definida na relação com a ação de aprender, pois para além da meta que revela a intencionalidade, o ensino provoca necessariamente ação.

No povo Pankararu, os professores se reúnem para hora/aula e, mensalmente, para formação continuada, para a produção de planejamentos eficazes, respeitando a especificidade de cada um, como também discutir o projeto de futuro próprio.

Nós, professores indígenas, temos o dever maior enquanto missão, por trabalhar com os nossos familiares, ou seja, a responsabilidade é maior. Devemos preparar os nossos alunos com plena habilidade de leitura e escrita, conscientes de sua identidade étnica e cultural, partindo sempre da realidade que o envolve, como também de dar conta dos conteúdos curriculares da rede, preparando o aluno para a vida fora da aldeia.

Participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, me fez crescer não só profissionalmente, mas também o meu “ser” de pertencimento, além da positividade que foi a troca de experiência e transmissão de conhecimentos entre professores de diferentes escolas; mesmo sendo do mesmo povo, mas com formas de trabalhos diferentes. Esse programa tem dado grandes contribuições no ensino aprendizagem em relação à educação escolar indígena, pois sabemos que tal educação, é a base na construção do conhecimento. O trabalho desenvolvido na educação infantil possibilitou despertar nas crianças, veementemente, o fortalecimento enquanto seres indígenas Pankararu.

Quanto aos alunos, no tocante aos trabalhos desenvolvidos no âmbito dos conhecimentos adquiridos na escola, e a questão de reafirmação de valores e identidade étnica, acredito eu, que se perpetuarão ao longo de toda trajetória deles; pois o programa veio ampliar e potencializar o que já tínhamos para trabalhar direta e indiretamente com os nossos alunos em sala de aula. Espero que o programa dê continuidade, envolvendo os professores de outras áreas, das séries iniciais às finais.

### **Celma Rosalina Barros**

Eu, Celma Rosalina Barros nasci em 27 de abril de 1968, filha de Rosalina Maria de Jesus Barros e Manoel Barros Filho e neta de Antônio Gabriel da Silva conhecido por Antônio Binga. Irmã mais velha de nove filhos tive que trabalhar desde cedo para ajudar minha mãe. Hoje com meus quatro filhos, luto pelos meus direitos e os deles.

Com sua história de luta e conquista contínua, o território Pankararu vai cada vez mais se fortalecendo e reafirmando a nossa identidade e etnicidade. Estas lutas vêm acontecendo desde os antepassados, minha tia conta que muitas lutas até hoje continua.

É através de movimentos indígenas, numa luta pelos nossos direitos, de garantir nossas terras, lugares sagrados e tradições, que estamos conseguindo com muita força e fé ter o que é nosso por direito.

Minha participação na educação indígena começou em 2008 na escola Pankararu, trazendo conhecimentos para as crianças do nosso povo. Participei de seminários, projetos, encontros indígenas, para adquirir conhecimentos para repassar para meus filhos e alunos.

### **Cláudia Monteiro da Silva**

Eu, Cláudia Monteiro da Silva, moro em Pankararu na Aldeia Saco dos Barros. Sou filha de Maria Júlia Santos da Silva e Hermes Monteiro da Silva, tenho 39 anos. Sou mãe solteira, tenho dois filhos, com idades de 19 e 16 anos.

Iniciei a lecionar na escola Quitéria Maria, no dia 15 de Maio de 2014, a mesma era anexo da escola Pankararu, mas graças a Deus e devido as lutas e movimentos da COPIPE, conseguimos estadualizar em abril de 2017; foi um momento marcante na vida de todos os funcionários.

Desde 2014 participei de mobilizações, encontrões, conferências e movimentos organizados pela COPIPE, tais como a Conferência dos Educadores do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz; do curso de formação continuada de educação infantil; da segunda socialização do Projeto Cultura de Paz (tema: Sexualidade “Um olhar para si e para o outro”) no ano de 2015; do trigésimo Encontro dos Professores na Aldeia Carrapateira, povo Entre Serras Pankararu, socialização do Projeto Cultura de Paz (“Casa comum, nossa responsabilidade”) no ano de 2016 e da formação continuada interna promovida pelo modelo de gestão. Essas foram as formações que me proporcionaram uma nova visão de como devemos trabalhar com o nosso povo a reafirmação da nossa identidade, e mostrar a importância dos direitos conquistados por nossas lideranças.

A educação escolar indígena veio nos nortear, em que direção devemos seguir, trabalhando sempre os eixos temáticos, que são fundamentais em nossas escolas, em cada modalidade de ensino, sempre reafirmando a nossa identidade Pankararu; reconhecendo os esforços das nossas lideranças para que conseguíssemos a estadualização das escolas do povo Pankararu, vitória esta, que não esqueceremos jamais, caminhos árduos, foram percorridos, mais a vitória chegou. Por isso, é importante mostrar a comunidade nossa trajetória.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, veio em um momento muito oportuno, pois com pouco tempo de experiência em sala de aula, despertou nova forma e habilidades de trabalho, com o companheirismo dos colegas de trabalho, momentos esses que não esquecerei, a troca de experiências, as viagens a Floresta-PE sendo um dos momentos mais enriquecedor. Foi realmente uma oportunidade única participar deste projeto, que me acrescentou como professor indígena.

## **CÍCERA JORDÂNIA DE MELO**

Eu, Cícera Jordânia de Melo, 27 anos, casada, mãe de uma filha, residente na Aldeia Espinheiro, território Pankararu. Sou professora de educação infantil, lecionando na escola estadual indígena Cabral.

Minha história na Educação Escolar Indígena Pankararu começou bem antes de ser professora, pois meu esposo era professor e eu o acompanhava pelos movimentos indígenas, participando de alguns encontros. No entanto, comecei a lecionar em 2013, na escola estadual indígena Cabral, o contrato era do meu esposo e ele repassou pra mim, onde trabalho até hoje.

Em 2014 ingressei na Faculdade FAEXPE/FUNESO, no curso de graduação em pedagogia, na cidade de Tacaratu-PE. Porém, com um ano e meio de curso, precisei fazer o trancamento, devido minha filha ter nascido com problemas de saúde, exigindo de mim muitos cuidados, bem como porque logo depois foi descoberto que a faculdade estava funcionando de forma ilegal. Em 2016 entrei na faculdade de pedagogia na UESSBA, em Tacaratu, mas com um ano resolvi novamente desistir. E atualmente curso Pedagogia na Universidade UNIASSELVI, também em Tacaratu.

Desde 2013 participo efetivamente das mobilizações indígenas, dos encontros organizados pela COPIPE, das Conferências de Educação Escolar Indígena, de reuniões, formações continuadas, oficinas e cursos. Nesses eventos são proporcionados novos conhecimentos, espaços de aprendizagens e envolvimentos, e o mais importante é a reafirmação da nossa cultura e da tradição do nosso povo.

Destaco que dentre as formações, o encontro da COPIPE, em 2014, na Vila de Cimbres, povo Xukuru, na Serra do Ororubá, Pesqueira-PE; a participação na I Socialização do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz, nas escolas Pankararu, com o tema “Casa Comum, Nossa Responsabilidade”, em 2016; o 30º encontro da COPIPE, que aconteceu no período de 16 a 19 de junho de 2016, na aldeia Carrapateira, território povo Entre Serras Pankararu, Tacaratu-PE e os que participei em 2017, como, o V Seminário de Educação Inclusiva, o 1º Encontro dos Povos Indígenas, a 1ª oficina com o tema Biomas Brasileiras e Defesa da Vida (Guardar e Cuidar a

Criação) e a Conferência Local de Educação Escolar Indígena Pankararu, me proporcionaram muitas trocas de experiências, novos conhecimentos e aperfeiçoamentos metodológicos.

Reforço que foi/é na educação escolar indígena que reafirmo minha identidade como indígena, pois é na sala de aula e na comunidade que procuro sempre reafirmar e contribuir na afirmação da nossa identidade, reforçando que não devemos ter vergonha de dizer quem somos, de contar que o que temos é fruto de nossas lutas e que não foram poucas. Que somos guerreiros, que devemos ter consciência e valorizar a luta dos nossos mais velhos para que possamos continuar resistindo. Afirmar que os mais velhos ganharam muitas causas, graças a Deus e aos Encantados, nos deixando incentivo para darmos continuidade nas lutas, para que nunca venha deixar de existir a nossa fé, cultura, tradição e nossas terras que é o que temos de mais valioso.

Vale ressaltar que é na trajetória e nas lutas que só alimenta o desejo de qualidade por uma Educação Escolar Indígena melhor, por nossos direitos assegurados e garantidos.

Sabemos que somos nós, professores indígenas, que transmitimos conhecimentos aos nossos curumins, que os mesmos serão o futuro da nação indígena e de todo o mundo, pois são os mesmos que defenderão as nossas crenças, valores e tradições. Portanto, devemos estar sempre repassando e reafirmando quem somos e de onde viemos.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola veio para somar/acrescentar os conhecimentos a todos que participaram, pois através do mesmo, estivemos sempre pesquisando, buscando novos conhecimentos, métodos de ensino, aprendizagens, também pesquisas relacionadas as aldeias e comunidade. Propiciou muitas experiências e conhecimentos, especialmente no meu processo de ensino e aprendizagem, possibilitando a todos, aprendizagem mútua de muito compromisso e responsabilidade. Destaco que senti-me muito feliz e realizada por ter conseguido cumprir com todas as atividades solicitadas e especialmente, os nossos alunos terem aprendido e participado com muita alegria e entusiasmo.

Por fim, só resta agradecer a Deus e aos Encantados por tudo ter dado certo, e por ter feito parte deste programa, onde conheci várias pessoas e fiz amigos verdadeiros neste curto espaço de tempo.

### **Divaneire Maria da Silva Pankararu**

Eu Divaneire Maria da Silva Pankararu, 32 anos, solteira mãe de dois filhos e residente na aldeia Pankararu. Sou Professora há oito anos na escola estadual indígena Apinagé. Atualmente na turma do Pré I, da Educação Infantil.

Minha história na educação escola indígena de Pankararu começou em 2010, e perdura até hoje. Comecei a lecionar estava concluindo o normal médio. Em 2012 entrei na faculdade de licenciatura plena em Pedagogia na cidade de Tacaratu–PE. Era uma turma de 60 pessoas finalizando apenas com 23, pois vários alunos desistiram por que a faculdade não seria regularizada pelo MEC.

Eu continue, embora pensei várias vezes em desistir. Não tinha condições financeiras e até psicológica de continuar. Neste contexto a força encantada e a luta por um mundo justo me fizeram prosseguir, e em dezembro de 2016 terminei o curso, porém até hoje não coleei grau, ou seja, a minha turma ninguém colou grau. Pois, a faculdade ainda está resolvendo a documentação. Mas terminar o curso e quitar a dívida foi um grande privilégio.

Desde 2010 até os dias atuais tenho participado de mobilizações, encontram-se organizados pela COPIPE, conferência de educação de saúde, reuniões pedagógicas, manifestações realizadas em Recife-PE, Floresta-PE, Paulo Afonso-BA, assim como formações continuadas internas providas pelo modelo de gestão do povo Pankararu – COEP.

A educação indígena na escola deve estar a serviço das necessidades políticas mais amplas da comunidade. Assim, a pluralidade cultural do povo Pankararu da aceitação do conhecimento não discriminando as diferenças de etnias e classes sociais. Sendo assim todos que fazem escolas indígenas, que seja voltada para uma educação de qualidade democrática, específica e intercultural, levando em consideração a formação do educando e seu desenvolvimento intelectual e cultural, fortalecendo sua identidade, interagindo com as novas tecnologias e um mundo globalizado, onde cada profissional desenvolva seu trabalho com responsabilidade e amor, sempre defendendo a causa indígena. O mesmo tem que ser pesquisador, conhecedor, criativo e dinâmico e acima de tudo visando formação integral do educando como sujeito de sua própria história.

Para mim foi um prazer imenso participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, onde professores-orientadores e cursistas proporcionaram momentos de prazer, interação e muita ludicidade. Foram apresentados vários conteúdos pedagógicos a serem desenvolvidos em sala de aula com os alunos. Tivemos oportunidades de aprender cada vez mais com os conhecimentos prévios dos educandos.

O curso saberes indígenas na escola nos trouxe formas de se trabalhar uma educação contextualizada com o dia a dia dos alunos que ocorre em vários espaços que fazem parte desse contexto, sempre pautado nos saberes tradicionais do nosso povo com respeito e autonomia, para que fortaleça a identidade étnica e cultural.

### **Dicla Meire de Andrade**

Meu nome é Dicla Meire de Andrade, filha de Antonio Feitosa de Sá e Silva e de Maria Aparecida Andrade e Silva. Neta de Maria Ducarmo Ramos Andrade (Tida), Eronides José Andrade (Nido), Maria Francisca de Sá (Maria Morena ou Maria de Joãozinho) e de João Feitosa da Silva (Joãozinho).

Nascida e criada em Pankararu, estudei sempre em escolas do meu lugar, aprendendo e convivendo dentro dos costumes de Pankararu. Quando estava na terceira série do ensino fundamental comecei a ouvir falar que as escolas seriam estadualizadas e passariam a ter o ensino fundamental e médio que teriam como base o ensino específico e diferenciado dentro dos nossos costumes e tradição, então comecei também esse sonho dentro de mim.

Estudei na escola indígena Pankararu até a quarta série do ensino fundamental, tendo que sair para outra escola, contrariada e triste, pelos planos tão sonhados não terem sido ainda conquistados, logo não tinham ainda as outras séries. Passados alguns anos voltei a educação escolar Pankararu para concluir o segundo grau, conquista já alcançada pelo movimento.

Comecei a participar ativamente dos movimentos durante o processo de estadualização da escola Ramiro Dantas, aldeia Bem Querer de Cima, povo Pankararu, onde passei a compreender o movimento como base fundamental e importante para o fortalecimento da educação específica e diferenciada, e para reafirmação cultural e tradicional do povo. No movimento é importante fazer conhecer e entender que sem ele não há escola específica.

Todas as conquistas realizadas pelo nosso movimento não seriam possíveis se não fosse o movimento indígena através das ATLS e encontrões fortalecidos pela religiosidade, cultura e saber espiritual que é de suma importância para preparação do corpo e da mente que não nos deixa fraquejar diante das dificuldades encontradas na nossa jornada de luta.

O movimento é união e força.

A educação é a mente.

O ensino é ação.

O movimento é o coração que mantém vivo os nossos ideais.

Eliana Maria de Jesus Silva



Eu, Eliana Maria de Jesus Silva, 39 anos, casada, mãe de dois filhos e residente na aldeia Pankararu. Sou professora do ensino infantil na escola estadual indígena Pankararu. Conclui o curso do magistério no ano de 1999 na escola estadual de Itaparica, município de Jatobá-PE.

A minha história na educação escolar indígena Pankararu começou em 2003, com a estadualização das escolas que antes eram de responsabilidade do município. Então foi quando tive a oportunidade de começar a trabalhar na minha aldeia. Conclui o curso de licenciatura plena em pedagogia na faculdade teológica do Brasil-FATEB, em 2012, junto com alguns professores da aldeia Pankararu, na cidade de Jatobá-PE.

Esse curso contribuiu muito nesta caminhada de luta em busca de reconhecimento como professora indígena e pela garantia dos nossos direitos, pedindo força sempre a Deus e aos nossos encantados de luz, por toda conquista alcançada, por um mundo mais justo; com todos os colegas professores indígenas trabalhando juntos para buscarmos novos conhecimentos para nossos curumins.

Desde 2003 até os dias atuais, tenho participado efetivamente de mobilização, encontro organizado pela COPIPE, conferência de educação, de saúde, reuniões pedagógicas, manifestações realizadas em Recife-PE, Floresta-PE e nas aldeias, aqui em Pankararu, assim como formações continuadas internas pelo modelo de gestão do povo Pankararu–COEPP, dentre esses destaco aqui, algumas formações, cursos, oficinas que proporcionaram adquirir novas aprendizagens, reafirmando os direitos conquistados na constituição de 1988.

Destaco a trajetória de cursos e participação em eventos que contribuíram na melhoria das minhas práticas pedagógicas:

Em 2003 participei da oficina da oralidade a produção escrita, realizada pelo Instituto Xingó/Unidade de projeto educação que aconteceu na aldeia Brejo dos Padres; do curso “PCN em ação da educação escolar indígena – Fase I – módulos I e II, realizada em Floresta-PE; dos seminários: “Formação para Educadores/as - Por uma terra sem males”, em Recife-PE e “Seminário de Educação Escolar Indígena - bases para construção da política estadual escolar indígena”, realizada em Floresta-PE.

Em 2004 participei do “II Encontro”, realizado pela COPIPE, na Aldeia Caatinga Grande, Território de povo Truká, município de Cabrobó – PE e da IV Conferencia Estadual de Educação Escolar indígena.

Já em 2008 fiz o curso “Formação inicial do programa Brasil Alfabetizado”, realizada em Gravatá-PE. Em 2013 também participei do curso “Formação para professores de educação escolar indígena”, ofertado pela GRE de Floresta-PE.

Destaco a participação na importante atividade, a “I socialização do projeto de educação para uma cultura de paz das escolas Pankararu”, realizada no território Pankararu, no ano de 2015. Como também da “conferência local de educação escolar indígena povo Pankararu”, realizada na escola estadual indígena Pankararu, no município de Jatobá-PE.

Portanto, ser indígena e professora corresponde a lutar pela garantia do Território, pela Saúde e Educação diferenciadas. É estar envolvida nas problemáticas de meu povo para contribuir na construção da escola que queremos, pois, “A educação é um direito, mas tem que ser do nosso jeito”, como afirma a nossa Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE. Reforço que a Educação é um direito assegurado pela constituição de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), Resolução nº 5/2012 e Parecer nº 13/2012, mas, tem que ser do nosso jeito, que atenda os nossos princípios e fortaleça a nossa identidade e cultura.

A educação escolar indígena Pankararu é uma educação contextualizada, que privilegia o dia a dia dos alunos. Acontece em vários espaços, com participação de toda a comunidade, sempre pautada nos saberes tradicionais do nosso povo, com foco no respeito e na autonomia; no fortalecimento da identidade étnica e cultural. É um dos veículos para transportar a cultura e promover o diálogo entre o tradicional e o científico sem perder a autonomia e identidade enquanto povos indígenas que somos. Nessa perspectiva, o meu interesse em participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola não é apenas pela contribuição enquanto profissional da educação escolar indígena Pankararu, mas também enquanto “Ser Indígena” pertencente a um povo, que busca através do conhecimento acadêmico contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e capaz de abandonar seus preconceitos e compreender a cultura do outro neste país tão pluralizado.

A minha participação na luta pelo território do meu povo, já vem de algum tempo junto com os meus parentes indígenas, tentando retomar as nossas terras dos posseiros que nunca quiseram sair delas. Portanto, nós da educação e todos da parte da saúde e lideranças indígenas Pankararu, sempre trabalhamos juntos no movimento em busca de condições melhores para retomar as nossas terras. Então posso dizer que tenho muito orgulho em participar desse movimento de luta pela garantia de nossas terras, que pertencem ao nosso povo por direito. Também é da terra que tiramos o nosso sustento para vivemos com dignidade e poder falar que eu sou uma Pankararu.

Na escola indígena, os alunos aprendem sobre a história e os costumes de seu povo, além das disciplinas comuns para todas as escolas, como matemática e ciências, dentre outras. Cada grupo de índio tem sua própria linguagem. Por isso, é importante sempre reafirmar a sua própria língua, dando mais interesse nos seus costumes e tradições de seu povo. A nossa escola é um espaço onde podemos dialogar os conhecimentos próprios da cultura indígena e os sabores interculturais do nosso povo Pankararu.

Eu, enquanto professora da aldeia, sempre procuro ajudar meus alunos a identificar, compreender e produzir conhecimentos úteis que tenham a compreensão dos valores indígenas, afirmando a sua identidade.

A identidade Pankararu nasce e se constrói nesse território. Ela é reencontrada e afirmada na história contada pelos mais velhos. Nossa identidade é dinâmica e se alimenta na luta pela terra, no Toré, no banho das nascentes, no meio ambiente. Ser Pankararu é tudo isso e a escola tem que fortalecer.

Conhecer a história do nosso povo é condição essencial para continuidade das nossas identidades, pois as crianças precisam ter como referência de vida dos seus antepassados, aqueles que viveram uma história de sofrimento, perseguição, mas também de resistência e luta. Durante muitos anos fomos influenciados por ideias equivocadas e valores diferentes dos nossos. A história tem que ensinar a nossa versão da história, trazendo para o presente, a luta do passado.

O território para nós é um lugar sagrado, terra de nossos antepassados. Nele depositamos a esperança e os sonhos de construção do nosso projeto de vida. É o lugar também de moradia de nossos encantados. Precisamos da nossa terra para sobrevivência física e cultural.

A organização social e política do nosso povo é outro elemento importante de sustentação da educação escolar, pois a escola nos povos indígenas têm um papel estratégico de contribuir para fortalecer a identidade étnica das crianças e jovens. Dessa forma, a participação, o apoio e o respeito às organizações existentes são conteúdos transmitidos nos processos educativos do nosso povo.

Além disso, nossa escola deve ter a cara e o jeito da nossa organização social e política, pois a escola tem que dialogar com os conhecimentos da sociedade envolvente. Nossas crianças e jovens precisam compreender que cada povo tem uma cultura própria, diferente uma da outra.

Antes as nossas escolas eram do municipais e não tinham nada a ver com os nossos costumes. Acredito, hoje, que com a retomada da educação diferenciada, é muito melhor para nós professores e alunos da comunidade indígena Pankararu.

Acredito que o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola possibilita aos nossos alunos indígenas o fortalecimento da cultura através de atividades que buscam as raízes dos troncos velhos, fazendo com que a sabedoria dos mais antigos seja compartilhado pelos mais jovens, nossos alunos. E contribuirá com o interesse coletivo na educação escolar do povo, fortalecendo a cultura, tradição, a identidade e a história de vida do povo Pankararu. A Ação Saberes Indígena também proporcionou a todos nós, professores da aldeia, a trabalhar de forma coletiva, reafirmando a nossa identidade na busca por novos conhecimentos para melhorar o processo ensino-aprendizagem através de diálogos que também envolvam conhecimentos da sociedade não-indígena, a fim de que nossas crianças e jovens compreendam que cada povo tem uma cultura própria diferente uma da outra. E que não há cultura melhor nem pior. Que as culturas são diferentes. Então, as oficinas do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola contribuíram muito com melhores recursos e fortalecimento de nossas aprendizagens.

Apresento fotografias de atividades desenvolvidas em sala de aula a partir das propostas metodológicas vivenciadas nas oficinas do Programa Ação Saberes Indígena na Escola:  
Tema: A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA



Apresentação da carta de Pero Vaz de Caminha.



Dança e Toante "Tava na Mata".



Diálogo e ilustrações sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha.



Debate sobre os costumes do nosso povo.

Tema: ALIMENTOS TRADICIONAIS.



Alimentos tradicionais Pankararu: banana, beiju de tapioca com carne de carneiro.



Árvore Etnológica Pankararu



Mapa Pankararu

Elianca Maria da Silva Aguiar

Eu, Elianca Maria da Silva Aguiar, nascida no ano de 1979, na aldeia Brejo dos Padres Pankararu, filha de Luís José da Silva e Maria Rita da Silva, iniciei aos seis anos minha vida escolar na escola Dr. Carlos Estevão, onde fiz o ensino fundamental, cujo órgão responsável era a FUNAI. Ao concluir o ensino fundamental, fui para a cidade Tacaratu-PE. Na escola João Batista, iniciei a quinta série, onde eu fiquei poucos meses, pois passei para a escola estadual de Itaparica, no município de Jatobá-PE, onde concluí o ensino médio.

Nesse mesmo tempo, me casei e tive a graça de Deus de ter dois filhos lindos, que tanto amo. Resolvi dar continuidade aos estudos cursando licenciatura em pedagogia na FLATED (Faculdade Latino-Americana de Educação). Iniciei a minha vida como educadora do meu povo Pankararu como voluntária em uma creche de uma senhora líder chamada Quitéria Binga, uma mulher muito guerreira, que defendia seu povo com todas as forças.

Hoje me encontro atuando na escola estadual indígena Pankararu, onde pude estar presente na luta da estadualização das escolas. Não foi fácil a luta para as nossas escolas serem estadualizadas. Foi através de muitas lutas “não foi da noite pro dia”; foi com a união de todos, como algumas lideranças, professores caciques, pajés e outros. Era o desejo de todos que essas escolas fossem estadualizadas, para que nossas crianças fossem educadas por nós, indígenas, transmitindo a elas os nossos saberes, os dos mais velhos, porque só nós sabemos a necessidade do nosso povo.

Portanto, me sinto uma pessoa muito honrada por fazer parte dessa educação, e por este motivo não posso parar. Tenho participado de diversas formações para contribuir com o meu povo, formando guerreiros e conhecedores de seus direitos dentro de nosso espaço e fora dele.

Desde cedo venho acompanhando e participando da luta do meu povo sobre o nosso território, que já vem desde nossos antepassados. Porque nós, índios, sem o nosso território, não somos ninguém, é igualmente um pássaro sem suas asas para voar, não consegue sair do seu próprio lugar.

Só tenho a afirmar que este Programa Ação Saberes Indígenas na Escola só veio nos fortalecer cada vez mais. Foi uma troca de conhecimentos e experiências muito ricas. Agradeço a todos que fizeram parte dessa troca e as forças do Coroá e da nossa mãe Pindaé.

### **Edjane Barros de Souza**

Eu, Edjane Barros de Souza, tenho 29 anos, sou casada, nasci e me criei na étnica Pankararu, residente na Aldeia Saco dos Barros, povo do território Pankararu.

Sou professora de educação infantil, porém, atualmente estou ensinando na Educação de Jovens e Adultos - EJA da escola estadual indígena Quitéria Maria de Jesus.

A minha história na educação escolar indígena começou no ano de 2013. Iniciei trabalhando sem contratação por até três meses. A escola não era estadualizada, estava no início de funcionamento; depois ela passou a ser extensão da escola estadual indígena Pankararu que já era uma escola que funcionava há muito tempo. Mas, mesmo não sendo a escola estadualizada, a professora responsável, junto com nos funcionários, faziam mutirões e contribuições para quer ela crescesse. Hoje a escola, graças a Deus, já é estadualizada.

Os encontros de formação acontecem sempre na escola. E quando tem movimento, todos os professores do nosso povo contribuem e participam para um melhor aprendizado, junto com o nosso povo de Pankararu, escolas e comunidade, buscando sempre nossos direitos e de melhorias para nossa comunidade escolar.

Participei da conferência dos educadores, dos projetos de educação para uma Cultura de Paz, em 18 de agosto de 2014, em Floresta-PE; da formação continuada de educação infantil indígena Pankararu, Alfabetizar Letrado, com carga horária de 9 horas, no dia 20 de setembro de 2014, na escola Dr. Carlos Estevão, na localidade Brejo dos Padres. Participei do 3º encontro da comissão de professores indígenas de Pernambuco (COPIPE), que aconteceu no período de 16 a 19 de junho de 2016, com a carga horária de 20 horas, na aldeia Carrapateira, território do povo Entre Serras Pankararu, Tacaratu – PE.

Participei ainda, do movimento em Itaparica em 2017, com nosso povo e comunidade escolar, para melhoria da saúde; do encontro de professores e comunidade na escola estadual indígena Pankararu cujo tema foi “Nem um direito a menos: identidade e reafirmação de valores”, em 05 de agosto de 2016; do debate sobre o direito das determinações territoriais conquistado desde a década de 70, que os nossos mais velhos deixaram, e até hoje a luta é grande para recuperar os nossos direitos, que foram conquistados pelos nossos antepassados. Meu

entendimento sobre o papel da educação em um povo é de que todas as escolas indígenas possibilitam uma relação entre escola e comunidade, e a vida trabalhada com currículo desenvolvido a partir da realidade da aldeia.

Nossa educação está sendo pensada em conjunto, envolvendo educadores, alunos e comunidade, pensando, assim, em aplicar o material, contando as culturas indígenas como apoio pedagógico, partindo dos conhecimentos tradicionais associadas a outros.

Com nossa escola, específica, diferenciada e bilíngue, é de suma importância afirmar que o papel de cada professor indígena é de ensinar o aluno a comparar e analisar os diferentes conhecimentos sobre o nosso saber, tendo também como viés o saber dos outros povos.

A proposta é formar os nossos alunos pesquisadores do nosso povo; do território e de outros territórios, resgatando os princípios de uma resistência que nossos antepassados deixaram para dedicação da nossa cultura; valorizando, respeitando e reafirmando nossa identidade. Cada coisa tem nome e significado.

Os alunos sempre participam das aulas, principalmente quando há conteúdo novo e este é trabalhado por meio de dinâmicas como jogos, e as nossas próprias brincadeiras indígenas de Pankararu. É através da ludicidade que o aluno desenvolve a oralidade para debates e etc.

Almejo continuar seguindo, aprofundando tudo o que aprendemos durante essa jornada de trabalho junto com todos professores e orientadores de Pankararu.

### **Elcione Xavier dos Santos**

Sou índia, e me chamo Elcione Xavier dos Santos. Nasci no dia 14 de abril de 1979, na cidade de Tacaratu-PE, e moro na aldeia Espinheiro etnia Pankararu. Filha de Ananias Pedro dos Santos e Terezinha Xavier dos Santos, sou casada e tenho uma filha.

Uma das coisas que mais valorizo são a fé, o caráter e os valores que minha família construiu, os quais são repassados de geração em geração. Ainda criança tinha sonho de ser médica. No entanto, pelas minhas condições financeiras que não eram favoráveis, optei por ser professora, que também era uma das profissões que mais admirava pelo fato de ver a dedicação das professoras para com as crianças, e por ser um curso mais acessível. Aos sete anos de idade, iniciei meus estudos na escola municipal Cabral, onde hoje ela é estadualizada, localizada na aldeia onde moro.

Recordo-me das minhas professoras que foram na primeira série, a dona Pedrina, na segunda, Maria Valdete; na terceira, a dona Pedrina novamente, e na quarta, Márcia Rejane.

Nessa mesma época, o ensino era tradicional e os métodos avaliativos eram provas escritas e orais. As únicas ferramentas de trabalho, utilizadas como material lúdico, eram castanhas de caju, mucunã, pedrinhas, e sementes de legumes, que eram extraídos da própria natureza e auxiliavam nas brincadeiras. Lembro-me que eram tempos difíceis para todos na comunidade, pois haviam alguns problemas como: falta de água, falta de trabalho, deficiência na alimentação, falta de transporte, entre outros. Em meio a tantos sofrimentos, uma coisa boa aconteceu: a chegada da energia elétrica, que facilitou a vida de todos.

Em 1993 iniciei o ensino fundamental na escola João Batista de Vasconcelos, mas, desta vez, na cidade. Nesse mesmo período necessitei me ausentar da escola por motivos de doença, pois como o nosso trajeto era a pé, impossibilitou-me de andar, e não tínhamos meio de transporte para chegarmos à escola. Mas todo o esforço valia a pena, porquanto havia outra visão de mundo a ser descoberta; conhecer outros ambientes, disciplinas, colegas e professores. E mesmo diante das dificuldades consegui concluir o fundamental e o magistério, com certo atraso, por conta de problema já mencionado.

Dando continuidade aos estudos, no dia 04 de agosto de 2008, dei início a busca de outros saberes, a graduação, almejando alcançar progressos em cada período e disciplina. Cada uma delas me ajudou na construção de conhecimento no ensino em sala de aula e conhecimento pessoal. Após o término desta graduação, fiz uma especialização na mesma área de formação pela FATIN (Faculdade de Teologia Integrada), e desde então, sou grata às pessoas que contribuíram para a minha formação, trazendo suas experiências que levo sempre comigo, como alicerce na construção do conhecimento e na vida profissional que exerço.

Desde muito cedo, meus pais sempre se preocuparam com meus estudos, fizeram o possível para que todas as etapas fossem concluídas e tivessem a finalidade de construir conceitos e a realização de um projeto de vida, como ser uma profissional satisfeita com a sua escolha. Comecei pelo estágio curricular que, por meio dele, passei observar com muito cuidado todos os aspectos que contribuiriam na minha jornada de trabalho. Não foram tarefas fáceis, mas, a cada espaço de aprendizagem pelo qual passei tenho comigo até hoje grandes lições de vida e aproveitei ao máximo nas convivências com as pessoas que passaram por mim, com grandes exemplos e histórias de vida que me fortalecem a cada dia.

Pensando em um aprimoramento na profissão, tive a oportunidade de participar de cursos e capacitações em que o objetivo era aprender cada vez mais, colocá-las na prática docente e na vida pessoal. No decorrer das atividades docentes, participei de diversas formações continuadas dos professores e técnicos da educação escolar indígena em Pernambuco, com professores alfabetizadores indígenas. Na construção do projeto político pedagógico, participei de capacitação sobre o ensino de ciências para o ensino fundamental. Os eventos mais importantes em que tive a oportunidade de participar foram, o seminário de apresentação dos resultados do prêmio Naide Teodósio de estudos de gêneros (SEM); de coordenadores de biblioteca de 1º ao 5º módulo e da construção do regimento escolar. Além da formação para participação do conselho local de saúde indígena. Também eventos e cursos como Arte e Educação Física na educação escolar indígena, com o núcleo de formação continuada (PAIDEIA, UFRN). Em suma, este conjunto de informações só veio a somar e ajudou-me a desenvolver habilidades, responsabilidades, e experiências na minha vida pessoal e profissional.

A minha atuação e experiência no Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi de grande importância, o quanto foi valioso adquirir novas experiências durante o processo de ensino e aprendizagem, partindo das propostas de trabalho apresentadas para serem discutidas no coletivo, que seriam desenvolvidas a partir disso. A cada vivência de uma sequência, era feita uma roda de diálogo para relembrar o que foi executado. Reforço que foi muito gratificante, apesar de

ter sido em pouco tempo, a colaboração e a participação dos alunos resultaram em avanços na aprendizagem e a consciência de que o que estava sendo abordado eram situações da realidade indígena do nosso povo como: O território Pankararu, as histórias dos antepassados, os legados, as lutas e conquistas, a tradição e a cultura, o ser de pertencimento e tudo que está relacionado a natureza e seus elementos.

Além de estimular o aluno a participar junto à família em atividades de fortalecimento em outras comunidades. Dessa forma, a contribuição do programa não se limita só à escola, mas envolve todos, a partir do momento que houve a preparação de todo material e a exposição do mesmo. Daí, as mensagens se multiplicam, levando os saberes indígenas para outras sociedades não indígenas.

### **Érica Maria dos Santos**

Eu, Érica Maria dos Santos, tenho 31 anos, solteira, nasci e me criei na etnia Pankararu, residente na aldeia Saco dos Barros, município de Jatobá – PE; tenho uma filha.

Sou filha de Maria Aparecida dos Santos e Antônio Carlos dos Santos, e sou professora da educação de jovens e adultos. Atualmente, estou ensinando na creche da escola estadual indígena Maria Quitéria de Jesus.

A minha história na educação indígena começou em 2014. A escola não era estadualizada, ela era um anexo da escola estadual indígena Pankararu. Graças a Deus, devido às lutas e movimentos da COPIPE, conseguimos estadualizar a escola no dia 19 de abril de 2017. Todos os funcionários e comunidade foram juntos para receber o que todos esperavam, que era o documento de estadualização, que foi lá no terreiro de Maria Calu, conhecida como Bia. Foi muito emocionante para todos nós, funcionários e comunidade.

Estamos sempre em busca dos nossos direitos e melhorias para nossa comunidade escolar. Assim, a escola estadual indígena Quitéria Maria de Jesus não é mais anexo da escola estadual indígena Pankararu.

Hoje todos que trabalham na escola Quitéria agradecem primeiramente a Deus e segundo a força Encantada, por nos dar força e coragem na luta por nossos direitos. Algumas das minhas participações:

- ⑩ Conferência dos educadores do projeto de educação para uma cultura de paz. No ano de 2014, em Floresta, participei do curso de formação continuada de educação infantil indígena Pankararu, Alfabetizar Letrado, com carga horária de 9 horas.
- ⑩ Segunda socialização do projeto de educação para uma Cultura de Paz das escolas Pankararu, tendo como tema, “Sexualidade, um olhar para si e para o outro”, com carga horária de 8 horas, no dia 28 de abril de 2015.
- ⑩ O 30º encontro da comissão de professores indígenas de Pernambuco, COPIPE, no período de 16 a 19 de junho de 2016, com a carga horária de 20 horas na aldeia Carrapateira, território do povo Entre Serras Pankararu, Tacaratu – PE.

- ⑩ Socialização do projeto de educação para uma cultura de paz das escolas Pankararu, tendo como tema “Casa comum, nossa responsabilidade” com uma carga horária de 8 horas, no dia 11 de abril de 2016.
- ⑩ Conferência local de educação escolar indígena no povo Pankararu, realizada na escola estadual indígena no povo Pankararu, em Jatobá–PE, no dia 23 de setembro de 2017, com carga horária de 8 horas.
- ⑩ Encontro que aconteceu no povo Xucuru nos dias 24, 25 e 26 de novembro de 2017.
- ⑩ Encontro de professores e comunidade escolar estadual indígena Pankararu, em 05 de agosto com o tema: “Nenhum direito a menos, identidade e reafirmação de valores”.
- ⑩ Debate sobre o direito das demarcações territoriais desde a década de 70, que nossos antepassados deixaram até hoje; a luta continua. Mas graças a Deus hoje, com bastante luta, nós vencemos nossa batalha.

Meu entendimento sobre o papel da educação em meu povo, é que toda a escola indígena possibilite uma relação entre escola, comunidade e a vida, trabalhada com currículo desenvolvido a partir da realidade da aldeia.

A nossa história é tudo que podemos reafirmar e fortalecer na nossa cultura tradicional de Pankararu. A proposta é formar os nossos alunos pesquisadores do nosso povo, do território e de outros, resgatando os princípios de uma resistência que nossos antepassados deixaram para a nossa dedicação da cultura, valorizando, respeitando e reafirmando nossa identidade e, assim, fortalecendo cada vez mais nosso conhecimento dentro da nossa aldeia junto com nosso povo Pankararu.

A minha experiência no Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi muito boa. Adquiri conhecimentos através das atividades realizadas, buscando novos conhecimentos, a fim de resgatar algo que ficou para ser lembrado perpetuamente pelo nosso povo; o legado deixado pelos guerreiros para ser perpassado de geração a geração, a saber, a nossa especificidade cultural.

### **Francisca Maria da Silva**

Eu, Francisca Maria da Silva, nasci no dia 04 de agosto de 1984, na aldeia Brejo dos Padres, município de Petrolândia-PE, situada nas cidades de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá, em Pernambuco. Meus pais chamam-se Raimundo José da Silva e Maria Barros do Nascimento Silva. A família do meu pai é conhecida na aldeia como “Loja”; da minha mãe, família dos “Barros”.

Fui aluna da escola Dr. Carlos Estevão, da alfabetização até a 4ª série do primário. No ano de 1995, fui morar na cidade de Arcoverde-PE com as minhas tias para cuidar da minha tia Lindalva, que estava doente, e passei um ano sem estudar. No ano seguinte, voltei a morar com meus pais e irmãos e continuei a estudar até eu me formar no normal médio e ensino médio na escola estadual de Itaparica, na cidade de Jatobá-PE. Logo que comecei a fazer o curso do normal médio, fui trabalhar como voluntária na “creche de Quitéria Binga”, na aldeia Saco dos Barros.

Viajava com a grande guerreira Quitéria Binga para o Recife-PE em cima de uma D20 para ir à FUNAI; dormia na rede e no chão atrás de melhoria para a comunidade. No ano de 2002, participei do PCN em ação educação escolar indígena. No ano de 2009, meus pais decidiram morar na Aldeia Saco dos Barros, no município de Jatobá junto à família da minha mãe.

Vivo em união estável desde 2010, fui mãe aos 26 anos e tenho três filhos. Eu substituía as professoras quando elas precisavam tirar licença maternidade. Em 2012 assinei o meu primeiro contrato na escola estadual indígena Pankararu, na Aldeia Saco dos Barros; depois na escola estadual indígena José Luciano, na aldeia Caldeirão e na escola estadual indígena Apinage, na aldeia Carrapateira. Desde 2014 estou na escola estadual indígena Quitéria Maria de Jesus, na aldeia Saco dos Barros.

A educação escolar indígena específica e diferenciada, nos dá visibilidade da nossa identidade de pertencimento, elementos que são trabalhados de forma interdisciplinar na educação escolar desenvolvida, e fortalece a identidade étnica do nosso povo, passando pelo enfrentamento de questões contemporâneas que ultrapassam os limites desta comunidade indígena. Desta forma, a educação contribui para que as crianças e jovens sintam orgulho de suas raízes culturais e sociais.

E nós, na qualidade de educadores das escolas indígenas, temos esse privilégio de repassar todos esses conhecimentos tradicionais para os nossos alunos, pois através desses conhecimentos realizamos vários diálogos, tanto cultural como intercultural.

O Programa Ação Saberes Indígenas na escola veio nos proporcionar mais conhecimento e valorização da nossa história, identidade, fortalecimento da nossa cultura, “aprendendo a fazer fazendo”. Por meio das oficinas e palestras, conheci histórias das outras aldeias, que formam o nosso povo Pankararu: as famílias; nascentes de água que existem e existiam. O programa preocupa-se em nos ajudar a resgatar, registrar e preservar os elementos da nossa tradição cultural, que são instrumentos que nos auxiliam viver de acordo com esta “forma de ser Pankararu”.

### **Francisca Maria Monteiro**

Eu, Francisca Maria Monteiro sou filha de José Monteiro Filho e Maria Rosa Monteiro residente na Aldeia Serrinha-Pankararu.

Após várias jornadas de trabalhos para demarcação da terra Pankararu, reconhecida oficialmente, temos escolas regulamentadas como Escolas Estaduais Indígenas com autenticidade em ofertar ensino de maternal, creches, educação infantil, ensino fundamental anos iniciais, fundamental anos finais, EJA fundamental e EJA médio, ensino médio e normal médio. Contudo, faz-se necessário a implantação de ensino técnico para a melhoria na educação e profissionalização do nosso povo, sendo essas escolas localizadas nas comunidades pertencentes aos municípios Tacaratu, Petrolândia e Jatobá, em Pernambuco.

Diante de tantas participações e acompanhamento com os meus pais desde criança nas atividades culturais e de trabalho na agricultura, e nos festejos tradicionais, aprendi a lutar para defender a nossa identidade com determinação e, sobretudo, com conhecimento adquirido dentro e fora do povo. Tive a coragem em aceitar a indicação feita pela liderança para participar da primeira Conferência Nacional Movimento de Resistência Indígena, Negra Popular de 13 a 22 de abril de 2000. Também participei da festa de 500 Anos de Brasil, em Santa Cruz de Cabralia, Coroa Vermelha, no estado da Bahia. “Sendo o Brasil que a gente quer são outros 500. Marcha Indígena 2000”. Esse momento foi de muita aprendizagem enquanto defensora da causa Indígena, pois me sentia, de fato, representando um povo que depositou em mim confiança nas atribuições de registros de documentos, em que participei com representantes de outros povos indígenas, registrando as nossas expectativas e solicitações para aprovação da plenária e, com isso, encaminhadas para o Governo Brasileiro, no intuito de serem aprovadas no Congresso Nacional, em consonância com a Constituição Federal Brasileira.

Ademais, participei do processo de estadualização das escolas indígenas do Estado de Pernambuco, oficializada em janeiro de 2003. Dando continuidade a essa trajetória que forma uma grande história e jornada de trabalho educacional, cultural e social.

Ainda participei de várias formações, conferências, oficinas, cursos de aperfeiçoamentos, seminários, encontros, realizados pelo povo indígena de Pernambuco; formação para gestão etnoterritorializada para a educação escolar indígena.

Quando estudava no ensino primário, hoje, anos iniciais do ensino fundamental, tinha um olhar focado por uma escola de ensino de qualidade voltado para o nosso povo e, com o incentivo do meu pai, que via a escola como um espaço que leva a uma profissão, por isso, prossegui neste objetivo. Junto à família e os ensinamentos que a vida nos dá, continuei a jornada de estudos e consegui concluir a formação do magistério, em 13 e 14 de dezembro de 1988. Em meio a tantas dificuldades vividas, tive a certeza que estava no caminho certo para uma boa profissão, e direcionei a minha gratidão a todos que me ajudaram no caminho do conhecimento. Ciente da importância da minha escolha profissional, continuei nos estudos, concluindo no primeiro período letivo do ano de 2007, o curso de licenciatura em história, reconhecido pela Portaria Ministerial nº 50 de 15.01.91, publicado no Diário Oficial da União nº 12 de 17.01.91. Logo depois, fiz especialização em coordenação de projetos e gestão escolar. Assim, trabalhei na escola onde iniciei meus estudos.

Hoje luto com sabedoria, determinação, e coragem depositadas em mim, pois tenho consciência sobre o papel que representa a educação. E é essa força que me leva continuar defendendo, contando as minhas experiências, que certamente contribuirão para formações de tantas outras gerações.

Nas décadas de 70, 80, 90 e até anos 2002, a educação escolar do povo indígena era de responsabilidade da FUNAI e dos municípios, pois apenas ofertava para as escolas do povo indígena o ensino da educação infantil e fundamental, anos iniciais. Para os estudantes darem continuidade aos seus estudos, era preciso enfrentar a estrada rumo às cidades mais próximas das comunidades indígenas. Muitas lutas, grandes desafios. Contudo, a persistência faz-se necessária e lutamos pelo processo de estadualização das escolas indígenas no qual tivemos êxito. Hoje ansiamos para que nossa educação seja de total responsabilidade do Governo Federal.

Com a estadualização, as políticas educacionais que oportunizaram aos profissionais da educação participarem de várias formações, seminários, treinamentos, projetos, oficinas e movimentos internos e externos, eventos e conferências ofertados pela Secretária e GRE estadual e municipal e órgão não governamental, entre outros.

Diante dessas trajetórias aprendi, ensinei, contribuindo e compartilhando para a melhoria dos acontecimentos evolutivos na educação do nosso povo. Hoje participo de o Projeto Ação

Saberes Indígenas na Escola, pelo qual é desenvolvido temas através das atividades vivenciadas em casa com a família e a escola com critérios específicos do nosso povo. Com roda de conversa, contação de histórias da carta Pero Vaz de Caminha, continuando com a história do nome de cada um dos cursistas, formando a grande Árvore Etnológica. Seguindo com a apresentação da Trilha Ação Saberes Indígenas, conforme a Sequência Didática. Cabe ressaltar que essa nova ação está sendo favorável ao meu trabalho, proporcionando oportunidade para registrar essas experiências profissionais, e pessoais com participação especial dos estudantes e demais funcionários que colaboram com a realização desse trabalho.

Na aldeia Serrinha tinha um grande açude com bastante água e animais e hoje não temos mais, hoje temos serras desmatadas com poucos animais que restaram, o cruzeiro tarraçá, o serrote das moças e a serra da serrinha com poucas e muitas histórias cobertas de ensinamentos e mistérios que a natureza cultiva para o bem viver, certamente busquei em esses conhecimentos, aprendizagem para ensinar a turma da professora Antônia Cavalcante Santos servidora da FUNAI que estava a se aposentar da escola indígena Marechal Rondon localizada na aldeia Serrinha, Pankararu, onde estudei durante o ensino infantil e fundamental e conclui meus estágios da formação do magistério, pela qual estando fora da escola a escola continua dentro de mim e onde pude assumir a função de professora compreendendo que a história da minha vida faz parte da história dos meus ancestrais que apreendiam e ensinavam de acordo com a natureza. E essa aqui sou eu, meus pais, minha vó e meus filhos:



**Francisca Monteiro**



**Maria Rosa Monteiro**



**José Monteiro**



**Antônia Binga**



**Anderson Ian**



**Alan Monteiro**



**Paisagem da Aldeia Serrinha Pankararu**

### **Francineide Gomes dos Santos**

Eu, Francineide Gomes dos Santos, tenho 40 anos, nasci em 10 de novembro de 1977, solteira, mãe de um filho Víctor Miguel dos Santos. Sou filha de Francisco Antônio dos Santos e Maria Gomes Filha dos Santos, resido na aldeia Bem-Querer, povo Pankararu. Sou professora na escola estadual indígena Caxiado.

Foi por meio do curso de magistério que tornei-me professora. Profissão que chamava muito minha atenção e tinha fascinação, pois desde a minha infância já desejava ser professora, e a cada estágio tinha a certeza que queria ser professora.

No ano de 2000, surgiu uma oportunidade na qual participei de uma seleção promovida pela prefeitura de Petrolândia-PE para lecionar da 1ª a 4ª séries. Fui classificada e convidada pela Secretária de Educação de Petrolândia para lecionar por 4 (quatro) anos na escola municipal Sandálias dos Pescadores, onde tive o privilégio de trocar experiências com outras professoras.

Foi muito gratificante mostrar o meu desempenho e aptidões, obtidos nos estágios. Posso afirmar que possuía conhecimentos bastante satisfatórios, que favorecia a execução das minhas atividades docentes.

Em 2010, fui convidada para ensinar na escola estadual indígena Caxiado, onde ocorreram trocas de experiências inesquecíveis, aprendendo muitas coisas com experiências vivenciadas em sala de aula.

Em junho de 2016, ingressei no curso superior na FACESP (Faculdade de Educação Superior de Pernambuco) na qual estou cursando 5º período de pedagogia, em busca de novas conquistas e descobertas, a fim de atender às necessidades existentes no mundo atual. Afinal, nunca é tarde para aprender, sempre é hora de inovar e aderir as transformações educacionais, ampliando meus conhecimentos e desenvolvendo melhor, minhas habilidades de pensar, refletir sobre a sociedade. Retornei aos estudos depois de longos anos nos quais vi a educação evoluindo, e senti necessidade de me especializar.

Minha história na educação escolar indígena começou com a estadualização da escola estadual indígena Caxiado, que antes era do município e passou a ser responsabilidade do estado. Foi uma luta grande na qual tivemos que fazer um abaixo-assinado para então conseguir

o quantitativo necessário de assinaturas. Foi daí que conseguimos a estadualização em outubro de 2009. Em 2010, a escola passou a ser do estado, comecei a ensinar mesmo sem contrato assinado e sem perspectivas do tempo em que se efetivaria. Ainda assim, não deixei de participar de movimentos. Não desanimei e continuei. Em maio assinamos o contrato, depois de muita luta.

Minha contribuição nesta caminhada é de luta em busca de reconhecimento enquanto ser indígena e garantia dos nossos direitos.

Deste de 2010 até os dias atuais, tenho participado efetivamente de mobilizações, encontros organizados pela COPIPE, conferências de educação de saúde, reuniões pedagógicas, manifestações realizadas em Floresta-PE, Paulo Afonso-BA, BR, também formações continuadas do povo Pankararu – COEPP.

Destaco algumas formações, cursos, oficinas:

Em 2010, participei de formação em Pesqueira-PE, encontro em Pankararu, oficina de Jovens e Adultos em Floresta-PE. Em 2011, participei de formação continuada em Pesqueira, construção de livro, encontro na aldeia Saco dos Barros. Em 2012, participei do Pnaic, oferecido pela secretária da educação. Em 2013, participei de formação continuada para professores; em 2014, da I formação continuada para professores indígenas Pankararu sobre currículo intercultural, promovido pela COEPP (Central de Organização das Escolas Públicas Pankararu aldeia Brejo dos Padres); em 2015, participei da conferência municipal de assistência social realizada pela secretária de assistência social na cidade de Jatobá-PE; em 2016, da formação sobre sequência didática promovido pela Secretária da Educação, realizada na aldeia Brejo dos Padres; do encontro realizado pela COPIPE na aldeia Carrapateira. Em 2017, participei da formação sobre racismo, oferecida pela Secretária de Educação; da conferência local de educação escolar indígena, promovido pelo povo Pankararu, na escola Pankararu, aldeia Brejo dos Padres e do seminário sobre étnica e compromisso. Em 2018, participei do movimento pela participação da mulher Pankararu, promovido pelas escolas indígenas Pankararu, na aldeia Brejo dos Padres, no Território Pankararu; da conferência local no terreiro sobre Mãe Pindae (Mãe Terra).

A educação escolar indígena Pankararu é uma educação com um contexto nos saberes tradicionais do nosso povo, com respeito e autoconfiança, para que eles cada vez mais fortaleçam sua identidade étnica e cultural. A educação escolar indígena tem sua especificação do tradicional ao científico, com sua autonomia e identidade do seu povo indígena Pankararu.

O professor indígena desempenha um papel social novo, criando e ressignificando em todo o momento sua cultura. Tem a responsabilidade de incentivar as novas gerações para a pesquisa

dos conhecimentos tradicionais junto dos membros mais velhos da comunidade. Por outro lado, também são responsáveis por estudar, pesquisar e compreender os próprios conhecimentos no currículo escolar.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola proporcionou a exposição, organização de materiais didáticos que foram produzidos em sala de aula pelos professores e estudantes indígenas. O programa traz como ponto positivo a construção de material específico que servirá de apoio pedagógico para o fortalecimento da identidade cultural e para a reafirmação de valores étnicos do povo.

Esses materiais trazem marcas de aprendizagem de cada aldeia, com imagens, mapas, músicas, danças e histórias contadas pelos mais velhos durante os encontros de formação.

Neste período de dedicação de estudo adquiri conhecimentos, troquei experiências, encontrei também dificuldades. Este curso abriu a minha mente, pois como profissional tenho desejo de crescer cada vez mais, aperfeiçoando meus conhecimentos.

Fiz este curso com muito esforço; valeu a pena. Vou continuar estudando.

E aproveito para fazer agradecimentos: a Deus e a força encantada que iluminam meu caminho e amparando nas horas difíceis. A todos professores e colaboradores que por aqui passaram. E a coordenadora do grupo Maria José dos Santos, pelo incentivo recebido; pelo seu carinho e paciência de mestra.

### **Francineide Barros da Silva**

Eu, Francineide Barros da Silva, tenho 33 anos, nasci no dia 5 de novembro de 1984, natural de Petrolândia-PE, filha de Maria Francisca Barros da Silva e de Francisco Monteiro Da Silva.

Iniciei minha vida escolar na creche Quitéria Maria de Jesus e depois estudei até a terceira série na escola Pankararu. Nesse período, nossas escolas eram administradas pela prefeitura de Petrolândia, onde o foco principal era ensinar o que eles mandassem e não trabalhavam em sala de aula nossa realidade do ser indígena a não ser no dia 19 de abril “o dia do Índio”. E é por isso que minha participação no povo e no movimento Indígena veio um pouco tarde, pois minha vida escolar foi através das escolas da cidade onde vivi por alguns anos, e mesmo retornando para a aldeia, continuei estudando em Itaparica/Jatobá-PE, cidade que nos oferecia o segundo grau. Depois passei a lecionar na educação indígena e percebi o quanto necessitava aprender para ensinar meus discentes, enquanto professora indígena.

Sou professora na área de educação infantil há dez anos e tenho aprendido cada vez mais sobre a nossa realidade, na qual o docente trabalha o fortalecimento de nossa cultura e tradição, para que o aluno cresça sabendo e respeitando nossos rituais sagrados e assim fazer valer nossos direitos garantidos na constituição. Esse é o dever do professor indígena, mostrar para seu aluno/povo a importância de ser Pankararu, em que essa sabedoria e conhecimentos são obtidos pela vivência da comunidade e pelos mais velhos e compartilhados em sala de aula com as devidas intervenções históricas e pedagógicas.

Minha participação iniciou através do movimento realizado pelas lideranças de Pankararu, quando lutavam em busca da permanência da energia elétrica no nosso povo, em que as torres passam pelas nossas terras e por isso temos energia gratuitamente, mas não sabemos por quanto tempo, pois somos ameaçados por leis em todo o momento; por isso a importância da luta e união serem de grande relevância, pois tudo que temos hoje é através do movimento indígena de Pankararu.

Comecei no movimento indígena entre 2004 e 2005, lembro pouco, mas participei de um encontro no povo Pipipã, onde me recordo das casas escuras, do banho de cuia e do forró de

sanfona, que dancei até acabar o solado do pé, apesar de muito nova, e de nem fazer parte do grupo dos professores, os três dias me fizeram sentir-se membro do movimento indígena e entender o quanto ele era importante para o crescimento da educação escolar indígena.

Em 2008 iniciei minha trajetória na educação escolar indígena, ensinando os saberes indígenas e contextualizando com a sociedade brasileira, levando para os estudantes novas estratégias de aprendizagem de forma dinamizada para que eles pudessem aprender de dentro para fora, e perceber que o ensinar vai além da sala de aula, pois educação indígena se aprende na comunidade para a formação de um ser humano conhecedor de seus direitos, deveres e críticos de seus próprios conhecimentos.

Desde 2008 até os dias atuais tenho vivenciado encontrões, mobilizações, oficinas, formação continuada, conferência. Também sou aluna de licenciatura intercultural indígena do centro de ciências humanas e sociais da Universidade Federal de Pernambuco/CAA. Entre 2014 e 2018 participei de alguns encontros e seminários realizados pela faculdade, em que o principal objetivo foi o fortalecimento e o conhecimento de nossas raízes, fazendo prevalecer nossa cultura, e reafirmar costumes e tradição que são garantias na constituição de 1988.

Em 2009 participei da formação continuada para professores indígenas com o tema “Projeto Político Pedagógico: a construção de uma escola indígena intercultural, bilíngue, diferenciada e de qualidade”; em 2010 da formação continuada de professores indígenas alfabetizadores e da formação continuada para professores indígenas de educação infantil e séries iniciais. Já em 2011 participei da formação continuada: professor indígena pesquisador, desenvolvendo um projeto de pesquisa na sua etnia; da formação continuada de professores indígena: professor(a) indígena pesquisador(a) e do encontro dos povos indígenas de Pernambuco na aldeia Lagoinha em Entre Serras com o tema: análise da conjuntura política estadual de educação escolar indígena. No ano de 2014 participei da I formação continuada para professores indígenas de Pankararu sobre currículo intercultural; do encontro institucional do PIBID Diversidade e do I seminário da rede de Pernambuco/II encontro institucional do PIBID Diversidade.

No ano seguinte, 2015 participei da II socialização do projeto de educação para uma cultura de paz das escolas Pankararu, tendo como tema a sexualidade: um olhar para si e para o outro. Em 2016 participei da formação continuada para professores indígenas, intitulada história e cultura africana e afro-brasileira; do 30º encontro da COPIPE com o tema: educação, mobilização e lutas, no fortalecimento do movimento indígena, realizado na aldeia Carrapateira no povo Entre Serras Pankararu.

Além disso, vivenciei as seguintes experiências: a palestra compartilhando experiências e vivências das mulheres indígenas de Pernambuco; a I oficina: Biomas Brasileiros e Defesa da Vida (guardar e cuidar a criação); o V Seminário de Educação Inclusiva e I Encontro de Educação Inclusiva nos povos indígenas, cujo tema foi Educação Inclusiva nos povos indígenas Pankararu e Entre Serras: o Protagonismo das Pessoas com Deficiências; o Movimento de mobilização e ocupação do espaço da empresa Companhia Hidroelétrica do São Francisco; a Conferência Local de Educação Escolar Indígena no povo Pankararu.

A educação escolar indígena tem um grande significado para nosso povo, na qual podemos ensinar através de uma proposta pedagógica, em que os eixos identidade, interculturalidade, organização, terra e história norteiam a educação indígena, fazendo com que nossos ensinamentos tradicionais, costumes, crenças e rituais estejam presentes em nossas escolas, para assim, conhecer e fortalecer nossa cultura.

O papel do professor indígena é bastante difícil, e trago isso para expressar que a responsabilidade é muito grande, pois estamos ensinando nossos parentes a aprender que não basta só saber nossa realidade enquanto índios, mas mostrar para eles o nosso e o do outro, preparar o alunado para fora onde ele além de conhecer suas raízes, possa aprender e estar preparado para inteirar-se no mundo fora de sua aldeia.

Vivenciei uma experiência na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, entre 2014 e 2018, através do curso intercultural indígena, que teve grande relevância para minha vida acadêmica, como também de professora indígena, pois, enquanto aprendia, ensinava os discentes à importância de ser indígena.

O curso do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola veio no momento certo, pois fortaleceram os conhecimentos que tinha adquirido na Universidade e que complementou mais ainda na formação indígena. Apesar de muito trabalho, ganhamos mais experiências e também nos enriqueceu em sala de aula, onde tornou-se um ambiente de trabalho transparente e dinâmico, com brincadeira, com roda de conversa, aula passeio, vídeos, atividades escritas, etc.

Os alunos mostraram interesse e dedicação através da participação em cada atividade proposta e entenderam sua verdadeira história através da carta de Pero Vaz de Caminha e da história do povo Pankararu. O projeto foi de fundamental importância, com todo suporte para a construção de uma comunidade escolar conhecedora de seus direitos e conhecedora da realidade indígena, preparada para defender sua história de luta onde for preciso, mostrando que fazem parte de um povo de fé, com a sabedoria e a força que vêm dos nossos encantados.

**Flávia dos Santos Silva**

Desde a “descoberta” do Brasil, pelos portugueses, está evidente que aqui já existíamos muito antes da sua chegada. Sofremos diversas perdas irreparáveis, como nossa cultura, crença, valores e principalmente nossas terras. A chegada dos portugueses foi uma verdadeira catástrofe para os nativos, e resultou no extermínio de muitos irmãos indígenas, em decorrência de conflitos armados, doenças trazidas pelos europeus e pelo processo de escravização a que fomos submetidos. Fomos aos poucos perdendo o que tínhamos e expulsos das nossas terras.

Sentimos uma carência muito grande, no que diz respeito à organização e mobilização dos povos indígenas, isto porque dos direitos conquistados na Constituição Federal, existe tanta burocracia para acontecer de fato. Entristece-nos ver nossa população crescer constantemente e, ao mesmo tempo, começamos a perder nossos parentes, tendo que se deslocar para os grandes centros urbanos a procura de trabalho para manter suas famílias, muitas vezes se descaracterizando da sua identidade, crenças, rituais, tradição, cultura, etc. Entretanto, poucos sabem da nossa realidade, a história e as batalhas que nosso povo vem bravamente resistindo por séculos de opressão e injustiças sociais. Porém, como somos povo guerreiro, desde então travamos uma “guerra” em busca dos nossos direitos. Embora hoje esses direitos sejam assegurados por lei, ainda temos sofrido diversas formas de violência para devolução daquilo que sempre foi nosso. Foram décadas de luta constante. Não esquecendo àqueles que enfrentaram perigos e àqueles que até morreram pelo movimento indígena. Enaltecendo a guerreira Quitéria Binga (*in memorian*) que tanto lutou e defendeu a nossa causa para que hoje pudéssemos dar um passo tão importante na conquista do nosso território. Atualmente, nós, Pankararu, vimos sendo alvo constante dessas formas de violência diante de um comportamento desrespeitoso, discriminatório e ameaçador por parte de alguns posseiros. O preconceito está impresso em nosso dia a dia, inclusive em redes sociais onde somos tachados de nojentos, imundos, golpistas, preguiçosos, dentre outros adjetivos ainda mais graves. Mas o que essa gente não entende é que para nós a terra não é apenas a base da nossa subsistência por conta da agricultura. Transpõe tudo isso, pois é através dela que estaremos sempre em conexão com nossos ancestrais e com a natureza, pontos essenciais para a manutenção da nossa cultura e

identidade étnica. A terra para nós, Pankararu, é a nossa mãe Pindaé. Um legado de pertencimento de todos nós a quem devemos cuidar e proteger.

Em busca de nossos direitos territoriais, nós Pankararu estamos sempre unidos, participando de diversos movimentos do povo e realizando seminários, assembleias, encontrões da COPIPE e diversas outras atividades abordando vários temas: educação, saúde e terra, direitos assegurados pela Constituição Federal e escrito no estatuto do índio, por se tratar de temas que se faz necessário o povo tomar conhecimento dos graves problemas que estamos enfrentando ao longo dos anos de resistência, desde a época dos colonizadores, Império e hoje, o Governo Federal.



Nesse contexto, torna-se evidente a importância da educação escolar indígena. Uma educação que valoriza e respeita os saberes dos “mais velhos” e os conhecimentos tradicionais transmitidos de geração a geração. Conhecimentos esses essenciais para reafirmação da nossa identidade.

Fui privilegiada em iniciar na educação escolar indígena antes mesmo de atuar em sala de aula. Pois em julho de 2009, iniciei o meu primeiro trabalho registrado, como merendeira na então Escola Agreste. Embora não fosse o trabalho dos meus sonhos, pois sempre sonhei ser professora, sempre fui muito grata a então professora responsável da escola, Maria Lindomar, que alguns desafios, teve **que** enfrentar para que eu pudesse assumir meu cargo. Assim, sempre dei o meu melhor e pude constatar que “se você se dispõe a fazer com amor e dedicação o que

se propõe, você será um bom profissional, independente do cargo que exerça”. O segredo está no comprometimento.

A cada dia que passava e eu via na carinha daquelas crianças a satisfação da chegada da hora da alimentação e a importância para sua aprendizagem, aquilo me dava forças e motivos para me dedicar ainda mais. E por ali fiquei por cinco anos. Mas a cada movimento indígena, em busca de melhorias para o povo, eu, da cozinha, via aqueles professores reunidos, debatendo sobre melhorias para a educação e demais assuntos de extrema relevância para nosso povo; ficava imaginando se um dia eu estaria ali.

Outro sonho que eu tinha era cursar o terceiro grau, porém, o salário de merendeira não me permitia. Até que um dia decidi me inscrever no ENEM e logo de cara tirei uma boa nota. Com isso, poderia cursar letras ou pedagogia. Optei então em cursar pedagogia, por cota indígena e fui selecionada com bolsa integral. Nesse mesmo ano, fui convidada a trabalhar na área da educação infantil pela Prefeitura Municipal de Tacaratu-PE. Aí me vi num grande dilema: continuar com a carteira registrada ou realizar meu sonho de ser professora? Um sonho que poderia durar apenas quatro anos. Decidi aceitar o convite e assumir uma sala de aula. Para isso, tive que rescindir o meu contrato com a empresa e com isso perdi alguns direitos trabalhistas. Mas, no ano seguinte, fui convidada pela professora responsável pela escola, a saudosa Maria Auxiliadora (*in memoriam*), pessoa que serei eternamente grata pela riquíssima oportunidade. E desde então, sinto-me privilegiada em trabalhar na educação infantil em ambas as escolas.

Ao chegar à educação escolar indígena, tive a graça de ter como coordenadora da educação infantil, a professora Rita de Cássia. Profissional brilhante que nos transmite de forma clara como trabalhar com nossos pequenos, ensinando, sobretudo, a importância de nossa tradição e despertando em cada um o Ser Pankararu.

Trabalhar na educação escolar indígena é uma deliciosa responsabilidade. Enquanto ensino, aprendo a cada dia a reafirmar minha identidade enquanto índia Pankararu. Porém é também um grande desafio. Além de ensinar os conteúdos sistematizados, levando nossos alunos a aprender igual aos alunos das escolas não indígenas, é nosso dever ensiná-los desde cedo a serem guerreiros. Para tanto, passamos para eles a importância de respeitar nossa cultura, nossos valores, se reconhecer como índio, demonstrando na teoria e na prática que podemos aprender também na própria comunidade. Afinal, basta observar nossas paisagens, matas e plantas, nossos terreiros, nossas festas tradicionais. Tudo tem muito a nos ensinar. Por isso é extremamente necessário que nós, professores indígenas, nos apropriemos de tais conhecimentos, para preparar nossos futuros guerreiros.



Participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, foi muito enriquecedor. Pudemos encontrar com todo o grupo da educação infantil, quinzenalmente. Onde trocamos experiências no momento da elaboração das sequências didáticas. Através do programa, tivemos a oportunidade de apresentar a mais pessoas, aquilo que vínhamos desenvolvendo nas nossas práticas educacionais, sobretudo ser de extrema relevância para os interesses coletivos da educação indígena do povo Pankararu, por se tratar da produção de um livro com nossa forma de ensinar, e protagonizado por nossos pequenos.

## **Ginara da Silva Santos**

Ginara da Silva Santos, tenho 23 anos, nasci no dia 07 de janeiro de 1995. Natural de Tacaratu – PE. Residente na aldeia Brejo dos Padres, filha de Jacira Torres da Silva e Gilson José dos Santos.

Desde minha infância, tinha um olhar diferente por minha professora e a admirava. Quando concluí o ensino fundamental decidi seguir a jornada de me tornar uma docente. Foi então que continuei estudando e me dedicando. No ano 2013, concluí o magistério na escola estadual Sérgio Magalhães, e atualmente estou cursando pedagogia na instituição de ensino Uniasselvi. Com fé em Deus e na força encantada estarei formada daqui a alguns anos.

Sabemos que existem vários conflitos em nosso território, mediante isso, como membro da comunidade, sempre busquei estar atualizada dos fatos e das decisões coletivas. Somos Pankararu e vivemos em um território tradicional composto de 14.100 hectares. Terras estas que estão situadas segundo a divisão territorial dos não índios, no estado de Pernambuco, entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá. Atualmente somos 8.620 Pankararu.

Hoje temos a terra demarcada, reconhecida oficialmente. Ocupamos nosso território com treze aldeias. Sendo que a sede é em Brejo dos Padres, lugar de referência para todos: pajé, cacique, as lideranças de cada aldeia das comunidades indígenas.

Desde pequena já me vi dentro do movimento indígena, por pertencer a uma família que tem como obrigação zelar por nossos encantados. Meu avô João Gomes da Silva cujo apelido é João Gouveia, e filhos são artesãos de vários tipos de artesanatos, mas um símbolo marcante que poucos sabem fazer, com perfeição, é o “aió”, artesanato usado para ir à tradição como ‘campi-ó’ e demais elementos usados nos rituais tradicionais da aldeia sendo pertencente ao movimento cultural do meu povo Pankararu.

Com relação aos demais movimentos indígenas, como saúde, educação, terra/território, identidade, passei a ter mais conhecimento através dos nossos mais velhos e de ver a importância e o valor da participação de cada membro comunitário. Com isso, comecei a ter presença nas reuniões. Pois é da mãe Pindaé (terra), que tiramos e mantemos nossa ciência, nossos recursos naturais, que são importantes presentes em nossas tradições.

Estou, há dois anos, como voluntária e um ano de contrato pelo SEEPE na extensão Jitó, EEISIT (Escola Estadual Indígena Santa Inês da Tapera), atualmente atuando como professora indígena com uma turma de educação infantil. No ano de 2017 atuei como professora/monitora do projeto Mais Educação na Escola Ezequiel Pankararu, onde desenvolvia oficinas de arte indígena (artesanato) com alunos do ensino fundamental II, importantes para meu povo.

Acredito que o principal papel da educação escolar indígena para meu povo é fortalecer a nossa identidade, cultura e sobretudo nossa ciência espiritual, através da troca de conhecimento entre professor e aluno, sem esquecerem-se dos saberes tradicionais que a comunidade, família e escola possuem para repassar desde a criança da educação infantil até a fase adulta.

Considero que o papel do professor indígena envolve ter por obrigação, além de ser indígena, de saber sua verdadeira história, história do seu povo, ser detentor do saber tradicional e do conhecimento científico, ser sempre pesquisador, e buscar desenvolver outras habilidades além das que já possuímos. Assim, o professor deve ser comprometido com a causa educacional e a causa indígena. Ser conhecedor como Pankararu, vivenciando os movimentos nas questões de retomada de terra, saúde e rituais, levando em consideração todas as atividades desenvolvidas dentro da comunidade. Sendo assim, o ensino para nossos curumins (Crianças) sempre será desenvolvido desde a convivência familiar, quando as crianças vivem diretamente com seus pais.

A nossa educação acontece também fora da escola, não só dentro da sala de aula, onde acontecem as manifestações culturais, na vivência do dia a dia, tanto em casa como na comunidade, seja nos rituais sagrados, nas roças, terreiros dos Praiás, na dança do toré, em confecção de artesanatos. Enfim, nós, professores indígenas, temos que ser criativos, investigadores, pesquisadores, dinâmicos e atentos às questões sociais na execução das práticas culturais de nós, Pankararu.

Esse presente trabalho nos possibilitou mostrar conhecimentos tradicionais do nosso povo e, com isso, desenvolvê-lo com nossos alunos na sala de aula e fora dela. Acredito que esse desafio vem contribuir não só aqui em nossa aldeia, mas uma forma de está fortalecendo nossa cultura e incentivando outros povos a mostrarem sua verdadeira identidade juntamente a comunidade e escola, tendo uma visão ampla de suas necessidades tanto por parte da escola, que é onde construímos nossos saberes, como do coletivo, com o objetivo de desenvolver propostas favoráveis que deem autonomia para que cada povo construa sua própria história.

Para esse curso do Programa ação Saberes Indígenas na Escola, mas foi preciso esforço e dedicação, pois a troca de informações que nos proporcionou foi de grande importância para que todos nós participantes fizéssemos um belíssimo trabalho de mostrar nossas raízes do ser

Pankararu. Portanto, ao analisarmos histórias que só existem no papel e escritas por pessoas não índias, não era o que procurávamos, fomos mais além, conseguimos mostrar a versão indígena, a versão Pankararu, independentes de termos trabalhados vários temas diferentes, seja identidade à carta de Pero Vaz de Caminha, bem como jogos educativos voltados para nossa cultura.

Essas experiências buscavam apenas um objetivo: 'Quem é o povo Pankararu?'. Para além das nossas aldeias, é conhecida apenas uma parte da nossa história; um povo corajoso e de valores que até hoje é vivo, forte porque queremos sempre crescer a cada dia. Por isso, meus sinceros agradecimentos à equipe do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola.

**Géssica Bezerra Da Silva**

Eu, Géssica Bezerra Da Silva Pankararu, 26 anos, casada, à espera do meu primeiro filho e residente na aldeia Brejo dos Padres, Território Pankararu, sou professora do ensino infantil e fundamental, mas atualmente estou apenas com a Educação Infantil.

Comecei a lecionar em 2013, na escola estadual indígena Agreste. Desde 2013 até os dias atuais, tenho participado efetivamente de mobilizações, encontro organizado pela COPIPE, conferência de educação, de saúde, reuniões pedagógicas, manifestações realizadas em Recife e Floresta-PE, Paulo Afonso-BA, Brasília-DF, assim como formações. Dessas, destaco aqui cursos e oficinas que me proporcionaram adquirir novas aprendizagens, reafirmando os direitos conquistados na constituição de 1988.

Em 2014 participei do 33º encontro da COPIPE na Vila Cimbres – Xucuru, Pesqueira – PE. Participei da Conferência dos Educadores do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz, realizada na aldeia Brejo Dos Padres. Em 2015, participei da I Socialização do Projeto Cultura de Paz das Escolas Pankararu, realizada na aldeia Brejo Dos Padres, e no ano de 2016 participei da II Socialização do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz das Escolas Pankararu, na aldeia Saco dos Barros. No ano seguinte, participei do V Seminário de Educação Inclusiva e do I Encontro de Educação Inclusiva nos povos Indígenas, na aldeia Brejo dos Padres.

A Educação Escolar Indígena busca construir um modelo de escola que garanta o uso das suas línguas, crenças e tradições. Nos últimos anos estamos insistentemente afirmando a necessidade de contarmos com currículos e projetos mais próximos de nossas realidades.

A educação do povo Pankararu era mantida pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Esse órgão trazia professores não indígenas para trabalharem nas escolas e direcionarem a educação dos indígenas. Era uma educação até a quarta série do ensino fundamental, e a maioria dos alunos não dava continuidade aos estudos por conta das dificuldades que encontravam para irem até a cidade estudar, principalmente pela falta de condições financeiras. Mediante todas essas dificuldades, as lideranças lutaram muito pela melhora das oportunidades para nossa Educação. Uma dessas grandes lideranças foi Quitéria Binga (Quitéria Maria de Jesus). Essa guerreira foi uma grande pioneira na luta por uma educação melhor e a construção de novas

escolas. No decorrer do tempo, a educação Pankararu passou a ser responsabilidade das prefeituras de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia-PE. Mas, ainda assim, não supria as necessidades do nosso povo. Foi então que Elisa Urbano Ramos e Maria Auxiliadora de Jesus, juntas, lutaram pela estadualização da educação indígena do povo Pankararu.

Hoje, a nossa educação é mantida pelo Estado, com contratações apenas de professores indígenas, voltada a uma educação específica e diferenciada na qual professores, lideranças e comunidade reafirmamos diariamente a nossa identidade, as nossas crenças e a nossa fé nos encantados.

A nossa luta é mantida pela organização de todos os povos indígenas de Pernambuco, onde todos juntos formam a COPIPE (Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco). Nosso lema é: “EDUCAÇÃO É UM DIREITO, MAS TEM QUE SER DO NOSSO JEITO”.

### **Jair Arnaldo dos Santos**

Eu, Jair Arnaldo dos Santos, filho de Maria da Saúde dos Santos e Arnaldo João dos Santos, sou de Pankararu e moro na aldeia Macaco desde criança, nunca saí para morar em outro lugar, fora da aldeia, pois acompanho a tradição indígena desde que meus pais e avós iniciaram esta jornada que foi passada para os mais novos.

As pessoas mais velhas, hoje, não estão mais aqui na terra, mas deixaram seus saberes e culturas para os mais novos, sendo que poucos tiveram o dom de ficar com os saberes e as ciências divinas que eles tinham. Mas ainda assim não deixamos a tradição parar; seguimos em frente, e hoje ela permanece firme e forte.

Sempre estive nos terreiros, pois acompanhava minha mãe e meus parentes. Não ficava de fora do Toré. Mesmo criança, já entendia um pouco sobre o que estava acontecendo e assim me criei nessa cultura riquíssima de saberes. Ajudo a comunidade participando dos eventos apresentados nela, pois acho que a minha ajuda será bem-vinda porque me criei nisso, desde pequeno estando nas tradições.

Quanto aos movimentos externos na área indígena, trabalho há pouco tempo, pois eu só participei de um movimento em Pesqueira-PE, na aldeia Xucuru. Dentro desse movimento, descobri novas formas de como avançar no mundo; muitas coisas foram feitas, e também foi um modo de experiências para mim que nunca tinha tido. Eu estudei da primeira à quarta série em escolas indígenas. Escola Estadual Indígena Espinheiro, local onde eu trabalho e fui educado e ensinado por pessoas qualificadas como Jânio Arnaldo dos Santos, que não está mais entre nós, mas com todo seu trabalho prestado na área indígena é valorizado pelo que fez para o povo Pankararu. No ensino fundamental, estudei na escola da cidade, Escola João Batista de Vasconcelos, onde conclui o ensino fundamental. Na mesma escola, mas agora com o nome de EREM João Batista de Vasconcelos estudei do primeiro ao terceiro ano do ensino médio.

A educação vem de casa, e a escola é só um complemento para que o índio possa ser uma pessoa mais conhecida pela população, onde se tem oportunidade de aprender. Dizem que

a escola é a nossa segunda casa; agradeço por ter a chance de aprender coisas diferentes, é um saber enorme que se constrói no ambiente escolar porque tive o privilégio de estudar na escola indígena e na escola da cidade.

Comecei a trabalhar no ano de 2017, em escola indígena. Então procuro dar sempre o meu melhor para os alunos. Falo da minha infância, vivida na área indígena; repasso os meus conhecimentos para os outros e peço também para que conheçam de perto; e quem já conhece, valorize mais ainda, porque é daquilo que somos educados e ensinados, para mais tarde passar para nossos parentes e familiares Pankararu.

Desde gerações passadas, a cultura sempre está firme e forte, e isso é papel de toda a comunidade, tentar fazer o bem a todos, fazendo presença nos terreiros Pankararu.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola é uma ação muito produtiva a qual podemos ensinar e aprender juntos, focando nas áreas mais ricas do povo Pankararu, trazendo e reforçando todas as informações que os mais velhos deixaram para os mais novos. Então nós, do curso, está reforçando o que já existe em nosso lugar, para não perdermos as culturas e costumes da nossa aldeia, pois essa ação vem para ajudar e abranger novos conhecimentos de nossa aldeia.

Foi uma experiência muito gratificante ter participado desse programa, porque possibilitou repassar nossos costumes para outras pessoas não indígenas, conhecer todas nossas riquezas da etnia Pankararu. Já na escola, todos nós estamos ensinando e aprendendo com nossos alunos, produzindo materiais concretos em sala de aula e fora dela. Todos participando dos trabalhos Saberes Indígenas na Escola.

### **Jailma Saúde dos Santos**

Eu me chamo Jailma Saúde dos Santos, resido na Aldeia Macaco povo Pankararu, filha de Maria da Saúde dos Santos e Arnaldo João dos Santos. Sou professora de Educação Infantil, na Escola Estadual Indígena Espinheiro.

Minha trajetória na educação indígena teve início em fevereiro de 2013. Recebi o convite para trabalhar como educadora na escola estadual indígena Espinheiro e foi muito gratificante. Sempre participei da tradição e da cultura do meu povo, então seria muito bom repassar para os alunos um pouco do que eu já tinha aprendido com meus pais e todos anciões da minha comunidade.

Há cinco anos que trabalho na Educação Escolar Indígena. Já participei de grandes movimentos, que serviram como espaços de muitas aprendizagens, como movimentos em Recife-PE; no povo indígena Xukuru, em Pesqueira-PE; no acampamento Terra Livre, em Brasília e na aldeia Carrapateira, no povo indígena Entre Serras Pankararu.

O curso do Programa Ação Saberes Indígena na Escola contribuiu de forma ativa na reafirmação da cultura e valores do meu povo, além de contribuir diretamente na minha prática pedagógica.

### **Jackeline Maria dos Santos**

Sou Jackeline Maria dos Santos, tenho 30 anos, nasci em Petrolândia-PE, sou índia Pankararu. Meus pais nasceram e viveram na aldeia Brejo dos Padres, Tacaratu –PE, também morei com eles até os 14 anos, quando mudei para Aldeia Bem Querer de Cima, onde eu moro até os dias de hoje.

Em junho de 2012 comecei a lecionar como professora na educação escolar indígena na escola estadual indígena Ramiro Dantas, localizada na aldeia Bem Querer de Cima. Desde então comecei a pensar de forma diferente para ajudar o meu povo e a aldeia em que moro, pois passei a compreender a importância de lutar e trazer para o meu povo o resgate da nossa cultura através de mim e dos meus colegas professores indígenas. Desde que assumi o cargo de professora participo de todos os movimentos indígenas e dos encontros da COPIPE.

Nossas lutas são de grande importância para o desenvolvimento do nosso povo e nós como estamos à frente da educação não podemos ficar de fora da luta, não podemos abandonar nossas lideranças. Nós professores, lideranças e comunidade andamos de mão dadas. A minha trajetória na educação escolar do meu povo, durante esses anos todos sempre foi procurar trabalhar junto com a comunidade, sempre trazendo nossa realidade, nossas tradições, nosso dia a dia.

O papel da educação escolar indígena é o resgate da cultura e seus valores, é não deixar que isso se perca. Nossas crianças aprendem as coisas do Branco e aprendem a resgatar a nossa cultura. Então, o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi de grande aprendizado, um trabalho muito gostoso de se realizar, os alunos amaram cada semana trabalhada com os temas propostos, cada aula passeio foi de grande aprendizado, cada encontro com os nossos orientares foi de muito aprendizado, o saberes indígenas serviu até para aproximar mais os colegas de trabalho.

Destaco que o programa ajudou bastante nossa educação escolar indígena, pena que o tempo foi curto. Por isso, é importante a continuidade do projeto para a melhoria do aprendizado e desenvolvimento das nossas crianças. Esse projeto contribui para preservação da nossa cultura

e tradição, línguas e saberes tradicionais, através do envolvimento de todos: professores, comunidade e lideranças, com a proteção, valorização e afirmação das nossas tradições e costumes, assim, evitar o desaparecimento.

O projeto proporciona também a atuação de toda a comunidade como agentes multiplicadores da cultura, deixando viva para as gerações futuras, através dos(as) professores(as), portadores do resgate cultural, nas conversas com os nossos mais velhos, com as lideranças e assim repassando para os nossos alunos tudo que eles nos ensina, assim podemos até fazer comparações da Aldeia hoje e como era antigamente quando nossos antepassados viviam aqui nessa mesma aldeia. Podendo assim ter uma compreensão melhor pelos alunos.

**Janicleide Maria dos Santos**



Eu, Janicleide Maria dos Santos, residente na aldeia Brejos dos Padres e atualmente atuando como professora polivalente na aldeia Tapera, ambas do território Pankararu. Sou licenciada em pedagogia, mas, concluí o ensino médio em 2005, em escola de não índio, e naquele momento por questão de distância e condições, não pude iniciar uma faculdade. Em 2006, iniciei nas escolas indígenas de Pankararu o 2º grau, assim pude dar sequência aos meus estudos, dessa vez, fazendo o normal médio, sendo a primeira turma do normal médio em escolas indígenas do povo Pankararu, pois, desde então, sempre acreditei no potencial de ensino dos nossos professores indígenas. Em 2009, iniciei a faculdade de pedagogia por incentivo dos meus pais e madrinha, podendo, assim, ter uma formação pedagógica.

Minha história na educação escolar indígena de Pankararu começou de forma mais efetiva em 2010 até aos dias atuais, durante esse período participei de diversas mobilizações, manifestações realizadas em Floresta-PE, Paulo Afonso-BA, Itaparica, assim também de encontros realizados pela COPIPE (comissão de professores indígenas de Pernambuco) e

algumas formações internas desempenhadas pelo COEPP (centro de organização das escolas públicas Pankararu). Entre algumas formações oficinas e movimentos que servem de aprimoramento, aprendizado e conhecimento realizados em nossa etnia e em outras localidades, cito:

- Formação continuada do Gestar I - língua portuguesa e matemática para professores da 1ª e 2ª fases de escolaridade da Educação de Jovens e Adultos nos dias 20 e 21 de maio de 2010;
- Formação continuada para professores indígenas de educação infantil e séries iniciais, realizada em Pesqueira-PE entre 25 e 27 de outubro de 2010;
- Formação continuada de professores indígenas alfabetizadores, durante o ano de 2010;
- Formação continuada de professores indígenas no período 11 a 12 de abril de 2011;
- Encontro realizado pela COPIPE, na aldeia Entre Serras, com o seguinte tema: análise da conjuntura política estadual de educação escolar indígena, no mês de junho de 2011;
- Formação continuada: Professor Indígena Pesquisador, desenvolvendo um projeto de pesquisa da minha etnia no ano 2011;
- Exposição de trabalhos de pesquisa, no I Colóquio de Educação Escolar Indígena no dia 14 de dezembro de 2011;
- Conferência dos Educadores do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz, tendo como tema: “Sexualidade e Afetividade”, ministrado pelos conferencistas Geraldo Marcos e Cardoso em 18 de agosto de 2014;
- Conferência Local de Educação Escolar Indígena no povo Pankararu, realizada na escola estadual indígena Pankararu na aldeia Saco dos Barros no dia 23 de setembro de 2017.
- Movimento realizado pelo meu povo por nossos direitos em Itaparica no período de 30 de agosto a 06 de setembro de 2017.

Enfim, ser índio/professor é estar sempre buscando o conhecimento do seu povo, de sua cultura e lutar por seus princípios, dando continuidade as lutas iniciadas pelos nossos ancestrais, renovando sempre nossos conhecimentos, reafirmando sempre nossa identidade para que possamos contribuir com mais empenho e dedicação para nossa Educação Escolar Indígena, que por sua vez, acredito, que a mesma abrange os aspectos necessários para a atuação para uma formação digna de conhecimento não só do tradicional mas como também do científico, como já dizia um grande sábio “Eu posso ser o que você é sem deixar de ser quem eu sou”. Um professor indígena antes de tudo tem que ser ativo/participativo diante da sua cultura, crença e tradição,

para que de forma segura, possa repassar os conteúdos abordados, ou seja, o nosso “específico” para seus educandos.

Quanto à minha experiência diante do “Programa Ação Saberes Indígenas na Escola”, foi e é de grande satisfação poder trocar experiência com os demais colegas. Colaborar, e, ao mesmo tempo, aprender, poder demonstrar o nosso trabalho, a forma que buscamos para abordar nossos conteúdos, lúdica e bem compreensível.

Considerando o que foi exposto concluo que seja de suma importância elaborar materiais que venham dar suporte concreto tanto para nós mesmos, como também para as gerações futuras, para que tenhamos cada vez mais em que pautar na nossa Educação Escolar Indígena do povo Pankararu, que apesar de já fazermos belíssimos trabalhos buscando sempre nossa história, identidade e a reafirmação diante de nossas lutas e conhecimentos, é preciso sempre um apoio pedagógico, e que este seja construído pelo próprio povo Pankararu.

### **Joseline Monteiro da Silva**

Eu, Joseline Monteiro da Silva Pankararu, tenho 44 anos, sou casada, filha da senhora Monteiro da Silva, e residente na aldeia Carrapateira do território Pankararu.

As belezas do meu lugar são as diversidades dos vegetais, que usufruem das águas do rio São Francisco.

Tive a oportunidade de conhecer a educação na Bahia, onde cursei o magistério durante três anos. Concluindo o curso, fui privilegiada por um estágio remunerado, e em seguida lecionei por mais um ano na escola pública da cidade de Dias da Vilas, na Bahia. Logo depois fui morar na Aldeia Carrapateira, onde participei do programa PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) por três anos. Participei também do Programa Paulo Freire, tendo a honra de ensinar a turmas de alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Atualmente, sou professora indígena de Educação Infantil e faço parte do CISP (Conselho Indígena da Saúde Pankararu), pois como conselheira posso falar/lutar pelos direitos da minha comunidade.

Em 2008, tive a oportunidade de assumir a turma de 4ª série como voluntária; porém, a partir de 2009, fui contratada para ensinar na Escola Indígena Apinagé. Desde então, passei a trabalhar com a educação infantil. Logo depois, decidi cursar Pedagogia, com o intuito de me aperfeiçoar. Sou uma professora que me esforço bastante, pesquiso, procuro ler muito, para tentar compreender o universo infantil, e assim poder entender melhor o mundo fascinante dos pequeninos, adquirindo novas experiências na comunidade.

Participo das lutas do povo, territórios, movimentos, contribuindo com o que for necessário, pois sou ciente de que “a união faz a força”, para que possamos conquistar o nosso espaço e território. Hoje temos educação específica, diferenciada e intercultural; e saúde como resultado dos grandes movimentos indígenas, organizando com participação de lideranças, professores, estudantes e a comunidade.

Temos também uma organização com um movimento a que chamamos de encontrões, que acontecem anualmente no mês de novembro, com o encontro de todos os povos indígenas de Pernambuco. Sou participante ativa.

A nossa educação indígena e diferenciada veio despertar em mim a curiosidade de aprender mais nos planejamentos, seminários, formação continuada e nos movimentos. E com o intuito de contribuir e fortalecer ainda mais a qualidade da educação indígena da minha comunidade, resolvemos promover a formatura indígena tradicional, realizada na Escola Estadual Indígena Apinagé, momento de muita emoção.

Precisamos nos fortalecer do verdadeiro papel do professor. Assim, é necessário que ele sinta amor pela sua profissão, identifique-se como indígena, tenha orgulho de ser um Pankararu, de lutar pelas causas, movimentos, e de participar da tradição e ritual sagrado. É fundamental o compromisso com a educação, e que possam ensinar as crianças a serem fortes guerreiros, a lutarem pelos seus ideais.

O Programa veio fortalecer os meus conhecimentos, fazendo-me pensar, repensar e criar ideias para poder construir materiais didáticos durante o curso do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola. Observei o desenvolvimento dos integrantes, que fazem parte dessa parceria, atuando com compreensão, respeitando às diferenças e estimulando a capacidade e “criatividade dos cursistas”. Toda essa vivência trouxe-me conhecimento e veio despertar minha curiosidade e fortalecer minha aprendizagem, tanto profissional quanto social. Esse aprendizado será reforçado nas práticas do cotidiano na escola e com meu povo, para que nossa educação se fortaleça cada vez mais.

Os Praiás na minha vida são muito importantes porque quando os vejo no terreiro, na dança, acredito que todos são seres (pessoas/criaturas) que vão, voltam como espíritos de luz, encantos da natureza sagrada e nos dão forças para continuarmos lutando.

### **Kedma Karla Barboza Barros**

Kedma Karla Barboza Barros, filha de Maria da Conceição Barboza Barros (conhecida por Vanúzia de Conrado Moreno) e de Carlos Gomes de Barros. Tenho 29 anos, sou da etnia Pankararu, neta de um dos pioneiros da luta indígena, Conrado Barboza da Silva (conhecido por Conrado moreno). Tenho duas filhas, sou professora indígena da escola na aldeia Agreste, e resido na cidade de Tacaratu-PE.

Desde criança, sempre gostei dos movimentos indígenas da luta por terras, saúde, moradia, mas só agora, quando me tornei professora, pude participar ativamente das lutas do povo. Estou na Educação Específica, Diferenciada e Bilingue há apenas 03 (três) anos. É muito importante ter essa educação diferenciada para nossos alunos, porque eles aprendem o currículo e nossa tradição e cultura para reafirmar as suas lutas e conquistas.

Esse projeto veio nos aperfeiçoar em sala de aula, reafirmando nossa tradição de forma lúdica e diferenciada; uma experiência incrível, única na minha vida. Meus alunos gostaram mais que eu desse curso, e acredito que será de grande contribuição para os interesses coletivos da Educação Indígena do meu povo.

**Laudiane Maria de Melo**

Eu, Laudiane Maria de Melo, 33 anos, casada, mãe de um filho, residente na aldeia Espinheiro do território Pankararu. Atualmente leciono na escola estadual indígena Cabral no turno da manhã com o público de educação infantil.

Comecei a trabalhar na educação indígena no ano de 2010 na escola estadual Indígena Cabral, onde iniciei no período noturno com as turmas de EJA e permaneci por 3 anos. Após, ingressei no turno da manhã com educação infantil onde permaneço até os dias atuais.

Cursei o normal médio e o médio na escola João Batista de Vasconcelos nos anos de 2003 a 2009. Em 2011 ingressei na faculdade de pedagogia FUNESO Montenegro na cidade de Petrolândia-PE terminando no ano de 2015.

Particpei da Pastoral da Criança e do grupo de animação da igreja da minha comunidade, fiz parte de um programa chamado saúde sem limites, que abordava problemas da aldeia como alcoolismo, drogas, tabagismo entre outros.

Antes de trabalhar na educação Indígena já participava como substituta dos professores tanto na minha aldeia quanto em outras, como no Brejos dos Padres, Mundo Novo, Lagoinha e Logradouro.

Desde que entrei, participo ativamente de mobilizações, encontrões, que são organizados pela COPIPE, reuniões, conferências de educação, formações continuadas, cursos e oficinas, onde trocamos experiências, e aprendemos uns com os outros, onde na maioria das vezes são abordados principalmente coisas da nossa cultura sempre reafirmando nossa identidade.

Particpei de várias formações, desde 2014 até os dias atuais, na busca de garantir nossos direitos, como os Encontrões da comissão de professores indígenas de Pernambuco (COPIPE), pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e de diversos movimentos e eventos educacionais promovidos pelo povo Pankararu. São através desses encontrões e movimentos que conseguimos fazer com que nossos direitos sejam cumpridos, nos garantindo nossos direitos, mesmos mínimos, sempre são conseguidos por meio de muitas lutas e

movimentos. Com isso, trazendo muitas experiências e conhecimentos que são trocados no decorrer desses encontros, onde nos aperfeiçoamos e nos qualificamos para lidar com as situações diárias.

Foi na Educação Escolar Indígena que me identifiquei, onde pude expressar minhas ideias e me reafirmar todos os dias, seja na sala de aula ou na comunidade, transmitido meus conhecimentos sobre a cultura aos alunos e pessoas da comunidade, enfatizando a importância das nossas tradições e rituais, o que temos e podemos conseguir através das lutas e rituais que praticamos, e que não devemos ter vergonha de dizer que somos indígenas e nem de praticar nossa cultura.

O principal de tudo que devemos sempre respeitar e seguir os ensinamentos dos mais velhos, pois esses são detentores dos saberes e possui muitos conhecimentos e experiências de vida, sendo através deles e dos que conseguimos vencer várias lutas e conquistar várias coisas. Como o direito à terra e vários outros, nos incentivaram a sempre resistir e dar continuidade as lutas e movimentos que garantem nossos direitos tanto a cultura, a educação e a terra nossos bem mais precioso, sendo através dela que garantimos nossa cultura e a prática de nossos rituais.

Vale salientar que é através desses encontros e movimentos que conseguimos alcançar vários objetivos, abordando principalmente nossos valores os assegurando e os garantindo perante a lei.

Sabendo da nossa responsabilidade enquanto professor indígena, pois além de repassar os conhecimentos básicos do mundo, temos a tarefa de mostrar os nossos, sendo através desses que os alunos crescem como ser de pertencimento, podendo se reafirmar e praticar sua cultura sem medo e com segurança, pois são ensinados desde cedo a respeito desses conhecimentos, além de estarem sempre presentes nos momentos de rituais e muitas vezes praticando os mesmos.

Através do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, ganhei bastante, pois além da troca de conhecimentos, onde todos os envolvidos se beneficiaram, as experiências vividas, pude conhecer pessoas e trocar ideias que beneficiaram a mim, os alunos e a todos os envolvidos no projeto, possibilitou aprender muitas coisas com eles, onde a aprendizagem foi mútua e gratificante. Falávamos a respeito de algo significante para nós, nossa cultura que é a base para nos fortalecer. Me senti muito feliz por participar deste programa, pois além do conhecimento adquirido a troca de experiência com os colegas e alunos foi muito positivo só tendo a agradecer primeiramente a Deus e segundo aos encantados e aqueles que me proporcionaram esses momentos.

### **Lindiane Maria de Jesus**

Eu, Lindiane Maria de Jesus tenho 34 anos, mãe de cinco filhos, residente na aldeia Brejo dos Padres território Pankararu. Minha história na escola indígena começou pela experiência na participação das reuniões nas comunidades do nosso povo reconhecendo e valorizando a nossa história.

Minhas primeiras experiências na escola foram quando comecei a estagiar na escola Dr. Carlos Estevão na aldeia Brejo dos Padres, município de Tacaratu-PE e na escola Pankararu na aldeia Saco dos Barros, substituindo professoras, uma delas, a professora Elizabete do ensino fundamental.

Concluí meus estudos do normal médio em 2005, na escola estadual de Itaparica município de Jatobá-PE. Em 2008 comecei atuando como professora polivalente na aldeia Tapera, do povo Pankararu. E hoje curso o 4º período de pedagogia, na universidade UESBA.

Desde então quando comecei atuando como professora, participei de diversas mobilizações, manifestações realizadas em Floresta-PE, Paulo Afonso-BA, Itaparica como também de encontrões realizada pela COPIPE (comissão de professores indígenas de Pernambuco) e algumas formações internas realizadas pela COEPP (central de organização das escolas públicas de Pankararu), como também algumas formações, oficinas, movimentos, aprendizados e conhecimentos realizados/obtidos em nossa etnia e em outra localidade.

Em 2011 participei do encontro realizado pela COPIPE na aldeia Entre Serras, com o tema: análise da conjuntura política estadual de educação escolar indígena no mês de junho; da formação continuada: professor indígena pesquisador, desenvolvendo um projeto de pesquisa da minha etnia. Expus trabalho de pesquisa no I colóquio de educação escolar indígena no dia 14 de dezembro.

Em 2013 a 2014 participei do curso de formação de professora alfabetizadora: em fase do ensino da língua portuguesa no programa pacto nacional pela alfabetização na idade certa de fevereiro a março; da conferência dos educadores do projeto de educação para uma cultura de

paz, tendo como tema: sexualidade e afetividade, ministrado pelas conferencistas Geraldo e Elizângela Cardoso em 18 de agosto. Em 2015 fiz o curso de matemática no programa pacto nacional pela alfabetização na idade certa no período abril a março, e em 2017 participei da conferencia local de educação escolar indígena no povo Pankararu realizada na escola estadual indígena Pankararu na aldeia Saco dos Barros no dia 23 de Setembro.

O povo indígena vem ao longo do tempo enfrentando grandes conflitos pelos seus direitos, que estão pautados na saúde, educação e comunidades, pela demarcação do território e por reconhecimento. E assim todos os educadores juntos com a COPIPE, comunidades e lideranças sempre estão lutando pelas conquistas na educação indígena.

Ainda hoje nosso povo sofre com a retirada, pelos não índios, de nossas terras indígenas. Eu enquanto indígena participei ativamente das lutas e dos movimentos pelo nosso território. A educação do povo indígena era administrada pela FUNAI com professores não indígenas, depois pela prefeitura e graças às lutas dos povos indígenas passaram a ser estadualizada. Com a estadualização veio a luta por uma educação específica e diferenciada onde o povo aprende e reafirma sua cultura enquanto indígena, construindo a partir das necessidades da escola e da comunidade, com o objetivo de desenvolver uma proposta pedagógica garantindo liberdade e autonomia para a conquista de um espaço de direito, numa luta contínua fazendo prevalecer a valorização da nossa cultura.

A escola Pankararu reflete a dinâmica do povo, portanto, mudanças estarão sempre acontecendo. Esse projeto está sujeito as constantes transformações, pois a construção desse documento é resultado dos encontros, reuniões, estudos coletivos e pesquisas dos professores, com a participação de lideranças.

A terra é nossa história e é ela a testemunha e fonte da nossa existência, costumes, crença, rituais, e sobrevivência da nossa luta e da nossa vida. É da terra que tiramos e mantemos nossas ciências, os recursos naturais importantes que estão presentes em nossas tradições. Em procedimentos ocultos como na cura de doença, ela nos fornece as ervas para banho, chá e garrafada (mistura de ervas com água sagrada da santa nascença) que usamos nos nossos rituais, mantemos e preservamos a relação ritual.

Hoje temos a terra demarcada, reconhecida oficialmente, ocupamos o nosso território com treze aldeias, sendo que a sede é em Brejo dos Padres, lugar de referência, onde se localiza o posto indígena Pankararu. Além da agricultura de subsistência confeccionamos artesanatos como pote, painéis, cachimbos, vassoura, esteiras, bolsas, chapéus de palha e cestas etc. A nossa

cultura traz uma razão muito forte, porque tudo que fazemos e sabemos não adquirimos hoje, mas já vem de nossos antepassados.

É fundamental compreender e conviver com as transformações na sociedade envolvente, mas, sobretudo sermos reconhecidas etnicamente. Foi através do movimento indígena organizado que surgiu a educação diferenciada, na qual, professores, lideranças, alunos e a comunidade, tem buscado construir através do projeto escola de índio.

Esta luta dos povos indígenas tornou-se reconhecida pelo estado brasileiro quando através de muitos esforços dos povos indígenas fez aprovar na lei de diretrizes e bases da educação nacional e todo um aparato legal, composto pela constituição e os decretos que garantem aos índios do Brasil uma escola específica e intercultural, baseada na necessidade de preservação, valorização e fortalecimento da nossa cultura e das nossas tradições.

Essa escola diferenciada trata a criança e o jovem Pankararu como sujeitos da nossa história da liberdade para vivermos a nossa cultura com capacidade de construir nossas próprias habilidades. Queremos uma escola voltada totalmente para nossa cultura por ser nossa forma de vida e nossa resistência para assim formar a criança Pankararu consciente e lutadora, vencedora dos obstáculos e preconceitos impostos pela sociedade que nos rodeia. Esta escola deve formar a criança Pankararu com plena habilidade de escrita e leitura, consciente de sua identidade étnica e cultural.

O professor deve ser comprometido com a causa educacional e a indígena, conhecer-se como Pankararu, vivenciando os movimentos na questão de retomada de terra, ter visão ampla, tanto no universo Pankararu, quanto no contexto mundial participativo, pesquisador, investigador e formador do ser criativo e dinâmico. Vestir a camisa e ir para a luta se identificar como um indígena Pankararu e ser conhecedora da história do próprio povo.

Como experiência no primeiro momento como participante do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, acredito que contribuiu para as formações que criaram situações de ensino favorecendo a ampliação dos conhecimentos e da autonomia dos alunos. A educação diferenciada pode ser aprendida nos terreiros e nas conversas com mais velhos e a família, e assim segue fortalecendo a nossa identidade étnica dentro da escola, e passando para os alunos a nossa verdadeira história, cultura, com o intuito de promover conhecimentos sobre a origem e história da família e do nosso povo, fortalecendo nossas raízes e não deixando perder a cultura e a tradição com realização de trabalhos, ensinando, brincando, de forma que facilita o desenvolvimento dos alunos.

No projeto sempre se passa a importância de ser índio e lutar para garantir nosso direito e fazer a continuidade enquanto povo Pankararu, desde a importância sobre as fontes, as ervas medicinais e sobretudo, que todas as coisas têm nome e só a gente tem sobrenome.

Visto dessa forma os conteúdos escolares, passam a ter significado e tornam-se importantes instrumentos para a compreensão da realidade pelos alunos. Essa abordagem se dá a partir de diálogo entre conhecimento vindo da cultura nosso povo Pankararu e da busca de uma relação entre a teoria e a prática. O conhecimento escolar volta-se para pensar a questão mais significativa para os alunos junto com a comunidade e professores indígenas.

### **Luzinete Maria da Silva**

Eu, Luzinete Maria Silva, nascida em 19 de março de 1971, na aldeia Tapera - povo Pankararu, município de Tacaratu –PE, filha de Hercílio Miguel Vieira da Silva e Maria Mércia da Silva, sempre fui participativa nas tradições, nunca neguei minha origem.

Estudei na aldeia Tapera até a 4ª série, ano de 1982. Nesse tempo não tinha a 5ª série no Território Pankararu, por isso, passei três anos sem estudar, depois ao resolver estudar fui matriculada em Itaparica, em 1986. O trajeto da aldeia até a escola era em cima de um caminhão e a noite, mas consegui concluir o ensino fundamental em 1990.

Novamente, tive que parar de estudar por falta de recursos e fui trabalhar em uma casa de família, em Tacaratu-PE, onde, passei oito anos. Casei, tive 3 filhos, voltei para minha aldeia em 2001, onde estou até hoje. Terminei o normal médio na escola Princesa Isabel, e concluí o curso de pedagogia, na UESBA, em 2018.

A minha aldeia, povo Pankararu, fica localizada no município de Jatobá-PE, em área demarcada e homologada pelo INCRA e FUNAI, que deu direito a terra aos índios. Para que isso fosse possível, passamos por vários conflitos (lutas e movimentos) para que conseguíssemos o nosso espaço.

As lideranças (mais velhos como representantes do povo – caciques e outros), sempre com coragem e respeito de guerreiros, orientam a comunidade para a luta pelo território de seu povo. Sendo assim, iniciamos movimentos com os mais jovens, para que estes deem assistência e continuidade na luta pelos direitos a terra.

Particpei de vários movimentos para reivindicar nossos direitos, constantes na Constituição de 1988. Dentre esses foram: fechamento de BRs, todos contra a PEC 203, que tirava o direito indigenista; ocupação da casa da Diretoria CHESF, reivindicando a presença de

representantes para o esclarecimento das torres de energia elétrica dentro de nosso território, e outros movimentos dentro do nosso povo como: assembleias para discutir temas sobre: Direito à Terra, Direito à Saúde, Direito à Educação, Conjuntura política na terra Pankararu, Gestão territorial e segurança Pública.

Os nossos encontros vêm sendo de grande importância para a garantia de nossos direitos como indígenas, e dizer que os índios podem participar com os parlamentares e governantes para a discussão e elaboração de novas leis.

Iniciei minha luta pela educação escolar indígena, específica e diferenciada no meu povo, lutando pela estadualização da escola. Trabalhei voluntariamente por alguns anos até assinar meu contrato como professora de polivalente. Cada dia era uma conquista de conhecimentos como educadora na escola estadual indígena José Luciano, localizado no município de Jatobá-PE.

A Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada (EEIED), vem através da organização de um povo: povo Pankararu, que por meio de sua especificidade destaca-se a cultura e suas práticas vivenciadas dentro de seu/sua povo/aldeia. Na educação são ofertadas para as novas gerações a vida cultural, tradicional e, sobretudo, o respeito e valores para com nossos alunos, trabalhando e reafirmando a nossa tradição, buscando conscientizar os estudantes de que a nossa cultura é rica na parte material e imaterial, e que precisamos resgatar valores para dar continuidade no processo ensino e aprendizagem.

Além disso, a escola vem fazendo esse trabalho, elaborando situações didáticas e paradidáticas com as histórias de nosso povo (cartilhas, cordel etc...) para o enriquecimento da nossa tradição, reafirmando os valores das nossas práticas culturais, vivenciando dentro do ambiente escolar e comunidade, estratégias que possam fortalecer a identidade étnica do nosso povo, contribuindo na vida escolar do aluno sobre os costumes a serem resgatados para que possamos garantir que nossas práticas educativas sejam valorizadas.

O meu papel, enquanto índia professora, é de aprofundar meus conhecimentos, buscando pesquisar para repassar para meus alunos, conversando com os mais velhos do meu povo, ouvindo histórias e lendas e, assim, transmitir para meus alunos. É também através da realização de pesquisas, relatórios, entrevistas e roda de conversa, que entendo que temos nossos direitos, deveres e compromisso com o nosso trabalho, enquanto professora indígena, dentro do meu povo. Porém, o trabalho deve ser ativo, participativo em todos os momentos inclusive nos momentos da tradição (toré, três rodas e menino do rancho).

A minha experiência em participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi e será de suma importância, muito gratificante e prazeroso, momentos em que pude obter novos conhecimentos e experiências compartilhadas com pessoas da nossa própria etnia. Assim, contribuirá tanto para nós como para nossos alunos, crescendo e conhecendo a própria história do nosso povo.

### **Maíra Naiara Pereira Santos**

Reporto-me à minha infância e as lembranças educacionais que compõem o leque satisfatório e que acompanham o antes, o durante e, acredito, o depois do meu trajeto profissional trilhado até agora. Assim, enumero algumas que considero as principais e mais notórias.

Iniciei minha jornada escolar em 1998, aos 6 anos de idade, na escola municipal Ezequiel dos Santos, que após o processo de estadualização passou a chamar-se escola estadual indígena Pankararu Ezequiel, localizada aqui mesmo na aldeia Brejo dos Padres, povo Pankararu. Fui alfabetizada ainda no primeiro semestre do referido ano letivo e ao final daquele ano já conseguia ler qualquer tipo de oração e pequenos textos.

No ano seguinte fui estudar em outra escola aqui do povo, escola indígena Doutor Carlos Estevão, onde passei os 4 anos do 1º seguimento do ensino fundamental. Fui acompanhada por várias professoras durante as séries desta etapa escolar. Esse período ocorreu de 1999 a 2003.

O ano 2003, trouxe novidade, fui promovida para a série subsequente, indo estudar na escola estadual indígena Ezequiel que já ofertava o ensino fundamental II (séries finais). Nesta etapa do ensino, passei os quatro anos no período da tarde, onde muitas vezes desenvolvíamos trabalhos escolares em torno da comunidade Brejo dos Padres. Ali permaneci por mais 4 anos, durante o período do curso do ensino normal médio que foi concluído em 2011.

Recém-formada, continuei frequentando a escola em projetos comunitários e de outra organização, que não a escolar. Um dos projetos foi o Programa de Educação Ambiental da Enel Green Power, em que nós fomos desenvolver na comunidade Brejo dos Padres, ações de proteção e cuidados ambientais. Atuei também como facilitadora do programa Mais Educação durante 3 anos.

Falando das minhas contribuições para o meu povo, desde muito cedo sempre gostei de participar dos rituais e dos momentos de reunião comunitária, sobretudo quando o assunto era indenização das nossas terras que há muito tempo foi utilizada pelos munícipes jatobaenses.

Lembro também que desde a tenra idade já me preocupava com o desenvolvimento do movimento indígena. Assim, ainda no período de formação, no curso de ensino normal médio, já acompanhava de perto as discussões que estavam sendo traçadas com os professores nos encontros da COPIPE – Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco. Nesse sentido, cumpre ressaltar que participei de 3 encontros dos professores indígenas quando eu nem ao menos era professora.

Sempre me preocupei em participar desses momentos da nossa educação intercultural porque acredito que o projeto de educação indígena tomou corpo e forma ao longo do tempo. Hoje entendo que a educação escola indígena não é meramente um projeto de educação, mas sim uma extensão do próprio movimento indígena uma vez que se tornou um modelo de educação que promove equidade social e racial com vistas às novas demandas da sociedade impostas pelo advento da globalização. A educação escolar indígena, dessa forma, é importante para nós indígenas porque possibilita-nos a autonomia tão sonhada durante a história do Brasil e da educação brasileira.

Acredito nos princípios da interculturalidade, na valorização das línguas maternas, na atenção às diferentes realidades sociolinguísticas, nas práticas curriculares e pedagógicas, que compõem o cerne da educação indígena e já estão alinhados ao projeto societário do povo Pankararu.

Nesse cenário, o povo indígena Pankararu vem desenvolvendo práticas educativas que utilizam o seu processo próprio de construção de conhecimento e aprendizagens no ensino escolarizado e nós, professores indígenas, temos um papel fundamental nessa conquista porque sempre acreditamos no desenvolvimento dos princípios filosóficos e ideológicos do nosso processo educativo.

Diante o exposto, acrescento que o professor indígena deve ser crítico, reflexivo e, sobretudo, conhecedor e defensor nato de sua condição indígena que quando atrelado ao conhecimento científico geram bons frutos e resultam exatamente no fenômeno hoje denominado de educação escolar indígena.

Encerrando minhas considerações, venho ressaltar que nós, professores indígenas, ainda conhecemos pouco sobre a nossa própria história, sobre o processo de colonização brasileira e é

exatamente essa carência, no campo teórico que fundamentou meu interesse em participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola.

Igualmente, minha práxis pedagógica precisa ser fidedigna aos princípios que norteiam a nossa educação e este curso está criando possibilidades para tal feito, uma vez que oferece em seu cerne o subsídio teórico essencial para uma prática pedagógica indígena acertada e que venha a produzir seus frutos em larga escala.

**Maria Beatriz Eurides de Souza Silva**

Eu, Maria Beatriz Eurides de Souza Silva, entrei na educação escolar indígena, através de um olhar, o olhar de pessoas que visavam o futuro com a certeza de que o passado foi necessário para chegar onde todos estão hoje.

Desde então, busco contribuir não apenas na educação, mais também participando dos movimentos, assembleias, encontrões e de toda organização necessária para luta e melhoria do nosso povo principalmente para a educação. A educação escolar tem o papel fundamental de fortalecer a identidade formando uma ligação entre a interculturalidade e os saberes indígenas, ou seja, levando da comunidade e também do território indígena para a escola.

Eu, como educadora indígena venho abraçando toda e qualquer causa que seja justa na vida das famílias em Pankararu. Isso se dá, através do meu trabalho que é trazer a informação de maneira correta e com o objetivo de fortalecer a identidade étnica e os valores, atuando na sala de aula pela garantia dos nossos direitos e afirmação da nossa cultura e identidade, especialmente na educação infantil, base de toda a estrutura do nosso futuro enquanto indígenas. Através da dança do toré, cantamos e ensinamos nossas metodologias.

Enquanto indígena tenho o papel primordial de conhecer, reafirmar o nosso ser, sabendo sistematizar, como professora da educação escolar indígena, o conhecimento que o aluno já traz da educação indígena, que aprende nas nossas aldeias, comunidades, no ambiente familiar e não apenas em quatro paredes. Desta forma, sendo quem somos, quebramos paradigmas, obtivemos muitas conquistas, através de lutas pela autonomia, criamos o nosso calendário próprio, nossos planejamentos coletivos, o Projeto Político Pedagógico - PPP, nossos regimentos, a nossa merenda específica, o currículo intercultural indígena. Pois, é diante disso que deixamos bem

claro o que queremos, como as nossas avaliações, que não se autodenomina por nota, mais por conceito. Trabalhamos por novas conquistas e pela manutenção da nossa autonomia.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola veio para ampliar todo e qualquer tipo de conhecimento específico e diferenciado que carregamos dentro de nossas "bagagens". Percebi que contribuimos de forma autêntica com todos os nossos materiais didáticos, com grande orgulho partiram de nossas histórias a fim de fortalecer nossa forma de trabalhar em sala de aula. Também as oficinas do projeto possibilitou mostrar novas ideias de pesquisas, oportunizando recriar ou despertar toda a criatividade que cada um carrega dentro de si.

### **Maria Cleoneide de Oliveira**

Eu, Maria Cleoneide, sou Pankararu, filha de Antonio de Maria Ernestina, neta de Luis Cacloco. Tenho 32 anos, mãe de dois filhos, Júlio e Davi. Moro na aldeia Tapera, povo Pankararu. Atualmente, ensino na escola estadual indígena Apinagé.

O território Pankararu é histórico em sua luta e conquistas. Vem daí, a minha participação na luta pelos nossos direitos e o objetivo de desenvolver propostas pedagógicas que favoreçam aos nossos alunos a liberdade, maior autonomia, a conquista do espaço de direito, de forma contínua para valorização da identidade cultural.

A educação escolar indígena deve estar a serviço das necessidades políticas mais amplas da comunidade. Assim, abre-se a possibilidade de explicar a pluralidade cultural do povo Pankararu, da aceitação, do conhecimento sobre as diferenças de etnia, do combate ao preconceito de classes sociais, da igualdade por gênero, da defesa do meio ambiente, da luta pelos direitos dos povos indígenas, dentre outros povos.

Através do movimento indígena surgiu a educação escolar diferenciada específica e intercultural. Uma luta de nós povos indígenas que tornara-se reconhecida pelo Estado Brasileiro. Registra-se que foi com muito esforço e resistência que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que garantem a nos povos indígenas uma escola específica e intercultural, ministrada pelo próprio povo indígena, baseado nas formas de preservação, valorização e fortalecimento das nossas tradições culturais.

A educação Pankararu acontece embaixo das árvores, nas nossas casas e em todos os espaços do nosso território. Os pais Pankararu sempre tiveram muita preocupação com a educação e sempre buscaram incluir os filhos nos diversos espaços educacionais.

As grandes mudanças principalmente à luta da organização escolar com a realidade do povo, com normas e fixando as diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilingue, visando a valorização plena das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica. Essa responsabilidade passou a pertencer a população indígena, estabelecendo ao Estado o dever de garantir escola e ensino de qualidade, com exclusividade ao atendimento as comunidades indígenas.

Uma educação fortemente marcada por um período histórico e uma prática marcada pela ditadura que visava somente a integração dos índios ao contexto nacional como estratégias de eliminação, em que as crianças e jovens Pankararu eram castigadas severamente.

E todos que fazem as escolas do povo Pankararu, estão voltados para uma educação de qualidade, democrática, específica e intercultural, levando em consideração a formação do educando e seu desenvolvimento intelectual e cultural, fortalecendo sua identidade, integrando-se com as novas tecnologias e o mundo globalizado, onde cada profissional desenvolva seu trabalho com responsabilidade e amor a causa indígena. Sempre oferecendo uma educação de qualidade voltada para a cultura Pankararu dialogando com as demais culturas, de forma a preservar a cultura do nosso povo.

O movimento indígena apesar das diversidades que condenam ainda a marginalização e ameaçam de extermínio os povos indígenas, estes continuam resistindo, de formas diferentes, através da multiplicação de suas organizações, da luta pelo reconhecimento e respeito de seus direitos. O movimento tem dado sua grande parcela de contribuição, através de sua articulação, estudos, reflexão e montagem de propostas comuns sobre a educação que queremos.

A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e destruída por seus membros. São valores e mecanismos de Educação dos povos indígenas, por isso, o professor indígena tem que ser pesquisador, conhecedor, criativo e acima de tudo visando à formação integral do educando como sujeito de sua própria história.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola pra mim foi um prazer imenso participar, pois envolveu outros professores e também do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, as professoras, Socorro Tavares e Edvania Granja, proporcionaram produções de materiais pedagógicos para uso em sala de aula, que na minha avaliação, permitiu maior reflexão e a reorganização de nossas aprendizagens para professores e alunos.

Agradeço primeiramente a Deus e a força encantada, aos professores do IF sertão-PE, o corpo docente da escola, juntos com os orientadores e os cursistas por terem proporcionado este bellissimo trabalho “Ação Saberes Indígena na Escola”.

Acredito que só depende de nós mesmo para fazer a diferença aliado ao interesse coletivo, contribuiremos para a melhoria da Educação Escolar Indígena do nosso povo, só a união pode fazer a diferença nos fortalecendo ainda mais e a nossa Educação.

Capítulo 39

### **Maria da Conceição Silva**

Minha participação na luta pelo território do meu povo indígena é conscientizar nossos direitos, incluindo o Território. Temos que ter um amplo diálogo para que todos compreendam que há muitos anos, os nossos antepassados lutaram por nosso território, e por isso não devemos aceitar não indígenas dentro da área. Participo também dos encontros e reuniões com todos os professores da escola e a professora responsável, que também é liderança do nosso povo Pankararu, a qual orienta a conversa com os nossos alunos. Temos aqueles que fazem parte das duas famílias, indígena e não indígena, por isso exige uma conversa profunda, fazer com que eles entendam, é difícil mas não é impossível.

Procuo sempre proporcionar momento de estudo sobre o assunto, não ignorar o que está acontecendo, por que são muito sérios esses acontecimentos. Então, fazemos reunião para falar sobre a retirada dos não indígenas e os nossos direitos, relatando a verdadeira história, transmitidas desde os nossos antepassados, reconhecendo suas lutas incansáveis.

Minha trajetória no movimento indígena foi muito marcante. Ao iniciar como professora, houve um movimento em Recife-PE que era muito perigoso, já que o governo não aceitava nenhum tipo de movimento, era considerado vandalismo. Mas quando chegamos lá, fomos bem recebidos, ficamos por três dias até resolver a nossa demanda. Depois também participei do movimento em Itaparica/Jatobá-PE, além de outros eventos educacionais como, conferências locais sobre educação escolar indígena, no povo Pankararu.

O fortalecimento da educação escolar indígena é com a certeza de garantir o futuro de nossas crianças e jovens, possibilitando a construção de espaços no nosso Território aos nossos filhos e netos, usufruam de bons momentos, como brincar de Menino do Rancho, as Três Rodas e a grande tradição, que são as Corridas do Umbu; continuarmos firme e fortes para enfrentar e garantir os nossos direitos, com fé em Deus e nos nossos encantados. Passamos por muitos perrengues, mas quem tem fé em Deus e nos nossos encantados nunca está sozinho.

Entendo que a educação é fundamental para todo o meu povo. Estudar e buscar conhecimento aliado aos nossos saberes proporciona grandes experiências com teoria e prática. O papel do professor indígena na escola do meu povo é sempre buscar novos conhecimentos para seus alunos, para que possam melhorar a autoestima, acreditarem que são capazes e possam realizar seus objetivos.

Nossos alunos moram na aldeia Saco dos Barros. Atualmente, temos vários indígenas, que estudaram nas nossas escolas Pankararu, e estão fazendo faculdade, em vários cursos e em diversas regiões do País, o que é um sinal que a nossa educação está dando certo, uma educação diferenciada não só estudando o que é de fora, mas também o nosso.

Hoje sou professora, dou aula no meu lugar, para meu povo indígena, admiro muito essas pessoas que foram à luta e buscaram essa educação diferenciada para que todos nós, possamos expressar o nosso jeito, pois somos um povo indígena, um povo guerreiro e forte, nunca desistimos de lutar pelo que é nosso. Entendo que o papel da educação escolar no meu povo é para que possamos socializar o crescimento e conhecimento e atuar na formação moral.

Minha experiência em participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola do meu povo, foi muito bom, aprendi muito mais do que pensei. Cada trabalho era uma nova aprendizagem, descobria cada vez mais minha capacidade de criar e confeccionar os cartazes para fazer a apresentação na escola. Cada sequência didática sugeria muita criatividade para fazer as atividades para os alunos, numa forma de fazer a explanação com clareza para que eles pudessem entender e compreender o assunto.

Eu acredito que contribuirá com os interesses coletivos da educação escolar indígena do meu povo. As próximas turmas podem obter inspiração através do nosso trabalho e criar outras atividades, da mesma forma que nós recebemos os conhecimentos do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola.

Quanto minha trajetória na educação escolar do meu povo é muito emocionante em falar, porque sou mãe de quatro filhos, um filho e três filhas, primeiramente antes de ser professora na escola, fui e sou professora da minha casa com minhas filhas e filho. Não ensinando conteúdos

de escola, mas ensinando meus filhos a respeitar os mais velhos, tios e tias e todas as pessoas ao redor, como também a ser carismático, humilde e ajudar o próximo. Tenho a missão de fazer com que elas e ele vão para a escola todos os dias, pedindo para que estudem, respeitem suas professoras ou professor e a todos da direção escolar, porque meu maior sonho é ver seguindo o caminho do bem.

Como professora não é diferente, quero bem a todos os meus alunos pois são como se fossem meus filhos. Não é nada fácil lidar com muitas crianças, por que no mundo em que vivemos hoje com tanta tecnologia, violência, drogas, falta de compreensão até mesmo com as próprias famílias, nós professores, temos que nos virar em dez para dar conta de nosso trabalho, quanto professores, temos que ser pais, médicos, psicólogos... para dar atenção e ser firme quando necessário, falar o que pode e o que não pode, e isso deve ser repetitivo para que eles possam discernir o certo do errado.

O meu tempo de estudante eram mais difíceis para as famílias manterem os filhos nas escolas Pankararu, já que na nossa aldeia existia apenas das séries iniciais (alfabetização) até a quarta série. Ao passar para a quinta série era preciso deslocar até a cidade mais próxima (Itaparica, Jatobá – PE ou Tacaratu - PE), que logo se tornava mais difícil pela distância a ser percorrida a pé, caminhadas que levavam muitas horas e chegávamos a noite em casa. O que no meu caso, ocasionou a desistência, só retornando meus estudos aos dezenove anos de idade, já casada e com minha primeira filha.

O retorno aos estudos para mim foi um sonho, sendo já mãe, sempre me esforcei para dar o exemplo de modo que ela pudesse seguir também. Voltei a estudar em meu próprio lugar, na Escola Pankararu, da aldeia Saco dos Barros, que começou a funcionar graças ao trabalho das lideranças indígenas e alguns professores da época em busca de educação diferenciada para o povo. É na escola em que me formei, que atualmente minhas filhas estudam. A minha filha mais velha já concluiu. Tenho muito orgulho de ter uma escola que proporciona uma educação diferenciada, com foco no conhecimento e na valorização do que é do nosso povo Pankararu.

### **Maria da Saúde Monteiro de Souza**

Sou a indígena Maria da Saúde Monteiro de Souza, nasci em 1967, filha das famílias-Binga, Teiú, Sarapó ou Serafim, Bomba e Julião. Meu pai é José Monteiro Filho e minha mãe, Maria Rosa Monteiro, nomes influenciados pelo catolicismo.

Nasci e moro na aldeia Serrinha Pankararu, espaço com série de montanhas de cumes variados, cada uma possui nome específico, como Serra dos Mocós, Serra da Coãn, Serra do Tarraxá, Serra da Sariema, Serra do Gato e Serra do Jacu. O nosso clima é semiárido, com 516 metros de altitude e estamos localizados na mesorregião do São Francisco, em Pernambucano. Nosso Território é o local que nossos ancestrais deixaram as tradições de pertencimento, patrimônio material e imaterial de nossa cultura. Nossos antepassados foram sucumbidos e a cada pinga de água lançada pela cachoeira, hoje, Paulo Afonso-BA, era o nascimento de um indígena que daria continuidade à geração Pankararu. E, na microrregião de Itaparica, espaço da cachoeira de Itaparica, atualmente encontra-se embaixo d'água – Lago de Itaparica, eram sepultados nossos ancestrais. Sendo encontrado muitos adornos e ossos de indígenas, provavelmente que tentaram usar a gruta da cachoeira como esconderijo, quando perseguidos pelos não indígenas.

A nossa área foi delimitada em 1940 pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio - Ministério da Guerra) para 14.294 hectares. Em 1988 sofreu mais uma redução para 8.100 hectares, um espaço geográfico que não era só 14.294 hectares, era todo o espaço que rodeavam os três rios: São Francisco – Opará, Moxotó e Pajeú, com valores e saberes tradicionais admiráveis. A Aldeia Serrinha é uma delas, com o legado deixado pelos nossos ancestrais, bem como a corrida do Imbu ou Dança do Cansação, a Dança dos Passos dos animais na Aldeia Brejo dos Padres e a Dança do Menino no Rancho, Dança dos Praiás.

Trago o meu território como um legado de cultura e tradição junto aos meus estudos a minha identidade. Vejo em cada componente do território como um bem precioso para vivenciar o conhecimento, os saberes indígenas Pankararu. A escolar como espaço dedicado a Mãe Natureza, um espírito de luz nos caminhos da vida, em espaços que sejam dos mais velhos, do barro, das fibras, das raízes, das sementes, da madeira, das rochas, das águas, da chuva, do sol,

da lua, dos animais, do colorido que tanto aflora a caatinga, com biodiversidade única do mundo, no sertão nordestino brasileiro. Também consideramos o barulho da mãe natureza que conta, espelho presente no tempo dos mais velhos, dos jovens e das crianças assim como descreve a geografia do espaço presente no tempo e histórias marcantes contadas nos livros reconhecendo a nossa identidade.

Ser professora é tarefa árdua, mas gratificante pelo retorno das boas ações exercidas pelos estudantes, retratando o valor do trabalho de virtudes nobre. “Educação se aprende é na comunidade”, frase citada pela professora Elisa Urbano em nossas produções. O conhecimento é a escola quem encaminha. O meu pai, Juza Binga, de origem sarapó, espírito de sabedoria, dialogava coletivamente e, encaminhou a mim, meus irmãos e outros indígenas, para os estudos na escola.

Minha primeira escola foi, a Escola Indígena Marechal Rondon, na aldeia Serrinha, feita para o indígena, mas sob regimento português, como vivenciava no país o regime militar, passei estudar em colégio de freiras, o Colégio Nossa Senhora da Saúde, com a modalidade de 5ª a 8ª série, colégio particular, que foi pago com o meu trabalho de roça junto da família. Em 1985, o município ofertou escola pública, a Escola João Batista de Vasconcelos, aonde concluí o fundamental e o magistério, tão sonhado. A minha primeira experiência em sala de aula foi com a turma de PAF (Programa de Alfabetização Brasileira), antigo MOBREAL. Conquistei o emprego ao ler uma placa na cidade, dizendo: “Precisa-se de professores para ensino do PAF”, a vontade de exercer o trabalho era imensa, logo fui dialogar com os gestores e fazer testes, obtive resultado satisfatório, assumi o cargo com êxito. Com o fim do projeto, assumi a substituição de uma professora em licença maternidade, funcionária da FUNAI, em 1987. Ao término da licença, com o reconhecimento do meu trabalho como docente, recebi um contrato pelo município como professora de creche, depois prestei concurso público e sou servidora municipal de Taracatu-PE, atuando na modalidade de educação infantil, na educação escolar indígena Pankararu.

Nossa família sempre buscou lutar por dias melhores e também participar de movimentos. O meu bisavô Sarapó, em 1938, recebeu nome dos portugueses de Serafim, foi representante Pajé, a pedido de Tia Quitéria, liderança Binga, Tio João Binga, Cacique, no movimento indígena para garantia de direitos na Constituição de 1988, conquistando os direitos indígenas nos artigos 231 e 232. Particpei de movimentos indígenas e sociais, passeatas, fórum, assembleia, conferências, roda de conversa nos terreiros, nas casas de lideranças, em outras etnias, pedidos de apoio, participação de projetos em prefeituras para o fortalecimento dos trabalhos sociais e escolar, no processo de tramitação de demarcação, homologação do Território

Pankararu. Também participei em atividades artesanais e nas políticas de melhoria da saúde, atuando como voluntária pelas instituições de saúde para o meu povo Pankararu, realizando coleta de sangue para o exame de malária na SUCAM (Superintendência a Campanha de Malária) e na FNS (Fundação Nacional de Saúde).

Participei do processo de repasse da educação escolar indígena dos municípios para o estado, visando a melhoria do ensino e aprendizagem e ser uma unificação no comando de governo estadual para tramitação e de reivindicação dos direitos e deveres do cidadão indígena em Pernambuco.

O Processo de estadualização das escolas indígenas teve início em 1994, na etnia Xucuru, na aldeia Pedra Santa, Pesqueira-PE, junto aos representantes da aldeia o inesquecível cacique Xicão, representante da APOIME (Associação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo), seus professores Aguinaldo, Lucineia... Liderança José de Santa, colaboradores do CIMI (Comissão Indigenista Missionários de Movimentos Indígenas) uma das representantes Eliene Amorim, eu, professora Pankararu, os parentes Clotilde e José Roberto a pedido dos caciques João Binga e João Tomas.

Seguindo o processo, conhecido na literatura dos índios do Nordeste, “emergência étnica”, escrito pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira, com objetivo de fortalecer as políticas indígenas, principalmente na educação escolar das etnias de PE. Recebi vários certificados, declarações, apoio e direitos a estudos. Em 2004, concluí a licenciatura plena em geografia, na faculdade superintendência de ensino superior do Vale do São Francisco, em Belém de São Francisco - PE. Cursei Pós-graduação em história e cultura indígena do nordeste, na Universidade Federal de Caruaru-PE, em 2016. Reforço que os meus estudos objetivam o fortalecimento das políticas indígenas e o desejo que meu povo seja contemplado com estudos e experiências em que tive participações.

Muito gratificante participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, uma das oportunidades fantástica que possibilitou antecipar um pouco as minhas experiências, através de escritos, que pretendo continuar a estudar e aprender, como também a escrita de meus livros, sonhadas produções. Minhas produções estão no RCNEI (Referencial Curricular Nacional Escolar Indígena) nos livros, no jornal criado por nós, professores, chamado de **Aborduna**, nos anos 90. Em documentos encaminhados ao Governo com solicitações de direitos indígenas, no processo de estadualização, a cada encontro dos povos escreviamos cartas de compromisso com nossas reivindicações e que transcreviam em Resoluções. Atualmente, estamos assegurados, principalmente com as Resoluções 05 e 12 para a continuação de Escola Indígena de Qualidade,

Específica, Diferenciada, Intercultural e Bilingue, reconhecida nos termos da lei que rege o país. Que conquistamos a partir da estadualização das escolas em 2003, e publicadas no Diário Oficial de Pernambuco em 25 de abril de 2005, o reconhecimento de um trabalho. Sinto-me representada pelos documentos de construção escolar do Regimento Escolar, do PPP (Projeto Político Pedagógico), do RCNEI (Referencial Curricular Nacional Escolar Indígena), da Instrução Normativa, trabalhando com o específico, diferenciado, intercultural e bilingue, com base nos documentos legais do Ministério da Educação, PCNs (Parâmetros Curricular Nacional), BNCC (Base Nacional Curricular Comum) entre outros.

Ao ler o material do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, como a Carta Pero Vaz de Caminha, viajei no tempo das lutas dos meus ancestrais, de suas resistências e conquistas. Da nossa territorialidade, comparando o meu hoje, o quanto somos fortes e resistentes, tenho muitas indagações. O que ainda não fizemos? Em salas de aula e em outros espaços, fiz comparações do conteúdo da carta com o aparecimento de um povo em nossas casas, como seriam o nosso sentimento? Provavelmente, responderíamos com medo, fechando portas, fugindo, com estratégias de espionagem para saber e conhecer quem seriam, poderiam surgir conflitos, bem como cita nos livros dos antropólogos. O projeto também proporcionou estar com outras pessoas, ampliando nossas relações e conhecendo novas pessoas.

O trabalho realizado foi de grande importância, tecendo uma rede com os cuidados a cada fio, na construção ou no fazer de uma esteira, um olhar especial a cada fibra colocada, assim fizemos, na interação da matriz curricular das escolas indígenas. Trabalhando a árvore etnológica e genealógica, descobrindo o grau de parentesco, com: quem sou eu? A história dos nomes com os pais dos estudantes, buscando encontrar os parentes nos estados brasileiros.

As Comidas típicas, em especificidade, a imbuzada, mandiocuera, o beiju de mucunã, o bró e a salada de frutos; a trilha para mapear os caminhos e locais das nascentes, onde fizemos uma limpeza de resíduos sólidos próximos as nascentes, construção de textos em sala de aula sobre as invenções com os resíduos; a brincadeira valorizando a ação lúdica e respeito ao cognitivo de cada criança; os rios, riachos, os espaços e percursos dos mais velhos e as tradições, tudo em linguagem que envolveu todos os componentes da matriz curricular, nos cinco eixos: terra, histórias, interculturalidade, organização e bilinguismo, buscando investigar e registrar lacunas e palavras que nos restou.

Agradeço por ter tido a oportunidade de participar do projeto, fazer análises, opinar, questionar, ler com intervenção, pesquisar o passado, vivenciar o presente e projetar o futuro. Meu muito obrigada.

### **Maria Girlene dos Santos Pereira**

Eu, Maria Girlene dos Santos Pereira Pankararu, 27 anos, casada, mãe de três filhos e residente na aldeia Brejo dos Padres, povo indígena Pankararu, sou professora do pré-escolar “1”. Atualmente estou gestora da escola estadual indígena Quitéria Maria de Jesus.

Minha história na educação escola indígena de Pankararu começou em 2015, no programa Mais Educação, na escola estadual indígena Pankararu, logo após a conclusão do ensino médio, e em 2017 quando tirei a licença de outra professora. No ano seguinte, assumi a responsabilidade de estar em uma sala de aula. Foi um ano de muito aprendizado, no cargo de professora regente, gosto muito da profissão e pretendo iniciar uma faculdade para aperfeiçoar a minha atuação como professora infantil.

Desde 2015 até os dias atuais tenho participado efetivamente de mobilizações, encontros, organizado pela COPIPE, conferências de educação na saúde, reuniões pedagógicas, manifestações realizadas nas cidades de Floresta-PE e Itaparica/Jatobá-PE, assim como, formações continuadas internas providas pelo modelo de gestão do povo Pankararu e professores COEPP. Dentre essas, destaco que algumas formações, cursos, oficinas proporcionaram novas aprendizagens e a reafirmação dos direitos conquistados na Constituição de 1988.

Em 2017, participei da conferência local de educação escolar indígena, promovido pelo povo Pankararu, na escola estadual indígena Pankararu, aldeia Saco dos Barros, e em 2018, do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola. Neste curso meu desempenho foi melhor do que eu esperava, pois adquiri novos conhecimentos, aprendi fazer muitos trabalhos, onde não tinha visto nem imaginava que conseguiria fazer.

Hoje vejo que é só ter vontade de aprender que conhecerá novos caminhos. O curso, proporcionou novas aprendizagens, e a expectativa de aprender mais e levar esse conhecimento para o dia a dia da nossa vida, como também fortalecer a interação com as minhas colegas.

Foi muito bom participar do programa, das idas a Floresta-PE, pena que foram poucos meses de curso. Mas, adorei ter lembrado das coisas dos nossos mais velhos, coisas que

lembramos todos os dias, ver o que Deus e a força encantada têm, são tão bonitos, nossas culturas e tradições, as fontes que a nossa Mãe Terra têm a oferecer para os Pankararu.

A minha participação nos movimentos pelas conquistas de nossos direitos, proporciona o reconhecimento da luta dos nossos antepassados e da afirmação da minha identidade, sou índia. Venho participando de todos os movimentos, manifestações promovidas pelas lideranças são horas de debates e de conhecimentos para nós, Pankararu. Sempre estou a ouvir e a participar das lutas para conseguir educação e saúde de qualidade para nossos Pankararu. Minha comunidade é para mim o lugar que tenho, por isso devo zelar por ela, para que possamos desfrutar de um lugar provido de beleza e não de mais violência, entre outras coisas, pois, sem educação de qualidade e saúde digna, um lugar pode se tornar ruim. Luto nesses movimentos, seja pela educação ou saúde, mas que minha aldeia seja sempre um lugar bom para se viver e as famílias possam criar seus filhos com dignidade, direitos e deveres conquistados, por isso, participo de movimentos para meu povo.

Minha trajetória no movimento indígena começou desde criança, comecei estudando na Escola Indígena, participando das tradições e movimentos nas nossas culturas. Nossos movimentos na casa da diretoria da CHESF, na cidade de Itaparica – PE, na GRE em Floresta-PE, para lutar pelos direitos dos nossos motoristas. Temos várias lutas e trajetórias pelos nossos direitos e conquistas. Fazendo manifestações pelos lugares onde passamos, mostrando o que o índio tem de valor, dançando, fumando.

A nossa trajetória na educação teve um longo caminho, até que as próprias sociedades indígenas constatassem que a educação escolar como “instrumento de opressão e integração forçada” poderia tornar-se uma aliada ferramenta de luta a favor de suas integrações, na dinâmica história de contato de cada um desses povos.

A conquista de direitos a uma educação escolar indígena é estabelecida por resoluções, que trazem entre outras diferenças, as “diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngue”, visando a valorização plena das culturas dos povos indígenas e afirmando de sua diversidade étnica. Na prática, isso significa, abrir espaço para a retomada da cultura, dos processos educacionais, de um tempo de relações vinculada as experiências do cotidiano, a vivência, dos alunos, e os professores mediadores do diálogo intercultural recriando a escola.

Assim, a minha trajetória na educação escolar do meu povo é emocionante falar, por que sou mãe de três filhos, um menino e duas meninas, primeiramente antes de ser professora na escola, fui e sou professora na minha casa dando aula para meus filhos como devemos tratar as pessoas, principalmente os mais velhos, tia, tio, irmão, avô e colegas, para saberem dar o devido

respeito e dignidade, pois hoje em dia é muito diferente, ninguém respeita mais ninguém, filhos não respeitam mãe nem professora.

O meu entendimento na educação escolar é trazer melhorias para educar, reafirmando que somos indígenas, apresentando o trabalhar para afirmar nossa tradição, não trabalhando o que vem de fora. Possuímos muitas atividades e histórias para passar aos alunos, que muitos não sabem, especialmente, os mais novos que não passaram pelo conhecimento dos mais velhos. Entendendo que na nossa escola, podemos trabalhar as modalidades do nosso povo.

O Programa Ação Saberes na Escola foi importante para valorizar os nossos saberes, que pode transformar um livro só em vários outros, pois o que passamos foi só a metade do que possuímos. Adorei compartilhar conhecimentos e vivenciar junto com meus curumins tudo de bom, eles gostaram das aulas diferentes, utilizando materiais didáticos com a nossa história, nossa luta e nossas tradições. Acredito que o trabalho realizado no Programa ajudará bastante na nossa escola, pois, construímos material didático de excelência que contribuirá para a nossa escola. Destaco a convivência com os grupos de monitores, os licenciandos. Foram momentos de aprendizagens, pois, destacaram que aprenderam com as histórias em estrutura de narrativa, sobre as lutas e as tradições que acontece em nossa vida.

### **Maria José da Silva Santos**

Eu, Maria José dos Santos Silva, tenho 48 anos, casada mãe de duas filhas e tenho uma neta, resido na aldeia Brejo dos Padres, território indígena Pankararu. As minhas primeiras experiências na educação escolar indígena Pankararu foi participando das reuniões na comunidade, conhecendo as histórias do povo e das famílias. Iniciei com estágios na escola Dr. Carlos Estevão, na minha aldeia, substituindo a professora Rita de Cássia, e na escola Nossa senhora Aparecida, na cidade de Jatobá – PE. A partir daí, comecei a sentir gosto pela profissão e no ano de 2006, substitui a professora Elizabete no 5º e 6º anos, do ensino fundamental.

Conclui meus estudos do ensino de normal médio (magistério) no ano de 2005, na escola estadual de Itaparica, Jatobá-PE. Sempre participei das mobilizações, encontro de professores, como convidada e como professora, fortalecendo meus conhecimentos sobre a história escolar indígena contribuindo na reafirmação da nossa história.

O povo Pankararu vem ao longo tempo enfrentando grandes conflitos pelos seus direitos, à saúde e a educação diferenciadas, reconhecimento e pela demarcação do seu território. Temos como exemplo uma mulher guerreira, Quitéria Binga, sempre lutando pelo nosso povo e por conquistas para o nosso povo que ainda hoje sofre com a retirada dos posseiros das terras indígenas. Como indígena participo ativamente das lutas e dos movimentos pelo nosso território.

A educação do povo indígena era ministrada pela FUNAI sempre com professores do próprio povo, seguida com Eliza Urbano e Auxiliadora, lutando pela estadualização com a COPIPE (Comissão de Professores Indígenas). Em 2003, as escolas indígenas foram estadualizadas, assim, seguimos a luta para educação específica e diferenciada a fim de que os nossos alunos possam aprender e reafirmar nossa cultura enquanto indígena.

Em 2008, antes de ser professora da educação infantil, atuei no programa Paulo Freire, realizado com sucesso, e continuei no programa Alfabetizar Brasil-jovens e adultos e segui como a educação infantil na escola indígena Pankararu Ezequiel, agora estadualizada. Iniciei com uma turma de creche, depois atuei em outras turmas, pré, primeiro ano e segundo ano.

Em 2009 iniciei a faculdade de Pedagogia, em Itaparica, município de Jatobá-PE. Tive vários colegas, professores Pankararu. Estudávamos todos finais de semana. Consegui com muita luta concluir a formação pedagógica, melhorando meus conhecimentos, para repassar aos meus alunos sempre o melhor de mim, dentro e fora da comunidade.

Minha história na educação escolar indígena Pankararu começou de forma mais efetiva em 2010 e segue até os dias atuais. Nesse período, participei das mobilizações, realizadas em Floresta-PE e Paulo Afonso-BA. Assim como, encontrões, realizados pela COPIPE (Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco) e de formações internas realizadas pela COEPP (Central de Organização das Escolas Públicas de Pankararu), sempre servindo de aprendizado e conhecimento dentro da nossa aldeia e em outras localidades.

Em 2010, participei da formação continuada do gestar I – língua portuguesa e matemática para professores da 1º e 2º fases de escolaridade da educação de jovens e adultos; da formação continuada para professores indígenas da educação infantil e séries iniciais; em 2011, das formações continuadas e encontrão da COPIPE. Em 2014 participei de evento sobre sexualidade e afetividade e em 2017 de eventos e movimentos do meu povo.

Através dos projetos de políticas e território, procuro no dia a dia da sala de aula realizar a dança do toré, fortalecendo a identidade étnica, de dentro de casa, porque educação vem de berço, com os valores e normas da família, podendo trocar conhecimentos com os familiares, em reuniões escolares, sistematizando o conhecimento que a criança traz de casa e de seu dia a dia. Isso devido a nossa autonomia conquistada para elaborar calendário, regimento curricular, mas ainda temos vários desafios.

A minha experiência no Programa Ação Saberes Indígenas na Escola contribuiu para a educação indígena Pankararu, fortalecendo o coletivo entre famílias, pessoas idosas, lideranças, toda comunidade, reafirmando as nossas histórias, através de entrevistas, pesquisas, atividade de desempenho, contação de história do nosso povo. Essas atividades aconteceram individual ou em grupo, objetivando o fortalecimento cultural, a troca de conhecimentos, reafirmando e valorizando a nossa história, buscando as nossas raízes, os “troncos velhos”, vivenciando a cultura e religião, de maneira que possa formar guerreiros Pankararu.

Enfim, ciente dos desafios, o ser índio/professor, está sempre buscando conhecimento do seu povo e de sua cultura. Das lutas dos ancestrais, na busca de renovar conhecimento para o fortalecimento da nossa identidade, através de conhecimentos tradicionais, e científicos, devido a importância para gerações futuras. Ciente dos desafios e das dificuldades existentes na

educação escolar em nosso país, a educação escolar indígena diferenciada, proporciona a vivência e garantia da nossa cultura, através da construção dos conhecimentos escolares.

### **Maria Marlene das Graças**

Meu nome é Maria Marlene das Graças, participo na luta a favor da minha comunidade desde 2000, quando fui convidada a ir para a Coroa Vermelha, Litoral Sul da Bahia, passei por Recife-PE e participei de algumas reuniões com parlamentares. Ao chegar em Porto Seguro-BA, participei de várias reuniões com lideranças das aldeias de Pernambuco e de outros estados brasileiros, além de outras lideranças, como o Movimento dos Sem Terra (MST), lideranças de países, como França, Angola, Espanha, Inglaterra, todos lutando pela causa indígena, pois, o que os governantes estavam fazendo não é certo.

Tínhamos que defender nossa causa, lutar com seriedade e cautela, pois estávamos sendo vigiados a todo momento por pessoas que queriam acabar com os indígenas. O que fizemos foi lutar para mostrar a força da nossa tradição e da nossa união. Naquele momento, era importante mostrar que existia sim uma nação indígena, que tinha história e tradição, denunciar o não reconhecimento por parte dos governantes. Mostramos lá que juntos somos mais fortes e não era por meio de ameaças que iríamos ficar escondidos em locais de pedras. Mostrando que Deus e a força encantada está do nosso lado. Lá a dormida no chão só nos fortalecia, tomar banho no mar também dava força, e as ameaças com bomba de gás não fazia com que a gente desistisse, e sim, eram os maus tratos que nos fortaleciam, porque a nossa força vem da natureza, do vento, da água e da nossa mãe Pindaé.

Voltamos para casa com a certeza de que as nossas lutas estavam apenas começando e que desistir, jamais. Nesse mesmo ano fui conhecer outras aldeias em Pernambuco, mesmo viajando em D20, com poeira, dormindo no chão, tomando banho em águas geladas, isso só fez com que tivesse mais força para continuar participando das lutas para a melhoria do meu povo.

Por isso, falar da educação escolar indígena não pode ficar de fora a história dos movimentos e da minha participação, tanto dentro como fora da minha comunidade. Os avanços que tivemos na área da educação foram graças aos movimentos de mobilização que fizemos durante longos anos e essa luta não parou, nem vai parar jamais.

A educação escolar indígena tem como objetivo o reconhecimento da importância da comunidade indígena, do respeito e do interesse em priorizar as necessidades educacionais, contemplando o nosso modo de vida, a preservação da nossa cultura, o cuidado com nossas riquezas, a demonstração das belezas existentes no Território Pankararu aos nossos curumins.

A importância é de lutar pelos nossos direitos, preservar nossas matas, fontes, pássaros, animais e nossa comida. Assim é que se faz uma boa educação indígena, valorizando as nossas danças, contos, mas sem deixar de ensinar outras coisas como o português, a matemática, a geografia e toda as histórias dos brancos ou dos portugueses. É importante ensinar os dois lados, tanto o indígena quanto o não indígena.

Aprender a formar índio crítico é o nosso mérito, crítico aquele que jamais negará sua origem, antes de qualquer coisa, ele é um indígena. Ser professora índia ou uma índia professora é bastante importante, pois ensino tudo aquilo que aprendi com meus avós e pais, aos meus filhos e outros curumins da aldeia, isso é gratificante. As crianças já começando a dançar o Toré, a balançar o Maracá, ensinar desde cedo a respeitar e conhecer as pessoas da nossa aldeia, como o Pajé, o Cacique, as lideranças locais. Saber identificar o som da gaita e do maracá, respeitar o dia em que os Praiás vão dançar, ou seja, reafirmar a nossa tradição, isso faz muita diferença, pois, antes a gente só via e não conhecia a história. Aprendíamos a valorizar a nossa história já éramos bem grandinho, hoje os curumins aprendem desde pequenos a importância da valorização da nossa tradição.

A nossa educação só acontece graças aos movimentos indígenas, reuniões, seminários, fora e dentro do povo, resistência e paciência são peças chaves da nossa educação diferenciada. Afirmo que fazer parte dessa história é muito agradável, participar de grandes reuniões fora da aldeia, viajar em Pau de Arara (caminhão com cobertura de lona e madeiras, estrutura de uma casa), é cansativo, mas tudo vale a pena quando você sabe que existem pessoas que dependem do seu esforço. As conversas, as risadas, o conhecimento com outras pessoas, com outras histórias, faz com que cada viagem seja momento de aprendizado, uma verdadeira socialização de todos os trabalhos que fazemos em nossas aldeias. As reuniões resultam em grandes projetos, servem de apoio pedagógico para nós e para as outras etnias, não deixando de ensinar também a proposta dos governantes de nosso país.

Fazer parte da educação escola indígena é um processo bastante importante, pois é estar ensinando e aprendendo com tudo isso. É viver uma nova esperança, é ter a certeza que tudo que a gente ensina vai ter continuidade, que nada é em vão. É viver e reviver, é saber que tudo valerá a pena. Vemos através das respostas das crianças, na aprendizagem da fala, na

curiosidade em querer saber o que cada objeto representa, como o pote, a panela de barro, o maracá, o arco e flecha e os Praiás, são sinais que significam a importância do nosso ensinar.

É também gratificante saber que a nossa tradição Pankararu vai ficar em boas mãos, que vão saber cuidar com respeito e valorização e que tudo que nossos antepassados fizeram não ficará perdido porque cada criança vai saber cuidar das nossas belezas, das matas, das nascentes, dos animais e da nossa mãe Pindaé. Nossas crianças sabem defender sua origem, sabem contar um pedacinho da sua história, por isso, valorizo e aproveito as oportunidades, dedico com afinco a minha tradição, para continuar cada vez melhor e fortalecida.

A educação escolar indígena é sistematizar conhecimentos e saberes tradicionais, o uso de matéria prima, adequada ao índio professor, para melhorar a aprendizagem dos alunos na prática do dia a dia, desde cedo aprender os rituais e valorizar cada momento de nossa tradição.

Sei que posso contribuir muito mais e esse Projeto só veio contribuir para aprimorar os nossos saberes, expor tudo aquilo que temos de belo e importante aqui em nossa terra. Esse Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, ajudou a mostrar o outro lado que ainda não tinha mostrado aos pequenos, sei que a partir dessa ação posso aprimorar os meus conhecimentos e assim passar para minhas futuras gerações. Essa ação veio mostrar um leque de oportunidades, mostrar para o mundo o nosso trabalho, cheio de boas oportunidades e espero que a minha contribuição tenha sido boa, cheio de intensões magníficas, para que possamos sempre mostrar para o mundo que nossos curumins são capazes de dar continuidade ao belo trabalho, favoráveis a nossa cultura e tradição. Não ter medo de enfrentar algo, ao contrário, saber defender sua origem e assumir com fé a nossa tradição, pois somos uma nação de cultura própria, rica em fé e tradição. E, sei que tudo o que fiz até hoje é pouco, posso fazer muito mais pelas nossas crianças indígenas. Sou uma índia forte e guerreira, iluminada pelo nosso Deus Tupã.

### **Maria Rejane da S. Félix**

Chamo-me Maria Rejane da Silva Félix, nasci no dia 06 de julho de 1987, filha de Maria Cícera da Silva Félix e José Antônio Félix, descendente indígena Pankararu. Resido na Aldeia Pankararu, município de Jatobá-PE. Tive uma infância até onde lembro muito bom, porque não dizer ótima. Fui criada livre, de pé no chão, brincando na terra; nossos brinquedos eram de confecção artesanal, pois as condições nos levavam a imaginar e sonhar muito, usávamos coisas retiradas da natureza, como balanços, comidas que preparávamos da tradição, danças indígenas e tradicionais.

A melhor notícia que tive foi quando minha mãe falou que eu iria para escola. Lembro como se fosse hoje, eu tinha 5 anos de idade, ela chegou da feira com uma lancheira azul com uma vaquinha branca no fecho da lancheira, entregou dizendo que eu iria para escola no dia seguinte. Quase não dormi naquela noite, pensando como seria, pois eu tinha colegas, vizinhas que também iriam pra escola. Acordei, tomei banho e acordei minha mãe e pedi a lancheira para ir logo a escola. A minha primeira escola era muito carente, era tipo creche, não tinha cadeira e nenhuma tecnologia, mesmo sentando no chão em papelão, me sentia bem. Os materiais didáticos eram folhas de papéis reaproveitados e lápis para fazer os rabiscos.

O nome da minha primeira professora era Maria das Dores, uma pessoa maravilhosa, carinhosa, apesar da situação, tinha força de vontade e prazer em estar ali. Tínhamos lanche da merenda escolar e complemento do que levávamos. Durou apenas 6 meses, porque era um programa. Quando terminou todos ficamos muito triste em não ir mais a escola. Eu imaginava mil coisas, porque tinha outras escolas e a gente não podia estudar, na época só entrava na escola, crianças com sete anos, para cursar a primeira série. Assim, o tempo passou e chegou o ano e idade certa de frequentar o ensino fundamental. Foi outra alegria, dobrada, pois já tinha sete anos e já entendia melhor as coisas, eu e minhas colegas da mesma idade fomos para a mesma escola, mesma sala de aula, pois só tinha para cada série uma turma, a antiga primeira série. Foi ótimo, porque no meio do ano já estava lendo e tirando do quadro, tinha regras, exigências: hora certa pra tudo.

Hoje agradeço a todos que me educaram com amor, pois até hoje nunca repeti o ano. Sempre tive notas boas, na escola estadual indígena Dr. Carlos Estevão, no alto do posto Pankararu, onde conclui o fundamental.

A 5ª série já foi mais difícil, porque fui fazer na escola estadual Sérgio Magalhães cidade de Tacaratu-PE, à 22 quilômetros, e faltavam condições. Meus pais não queriam que eu estudasse porque não tinha roupa, calçado ou materiais, mas, mesmo assim, insisti, chorava implorando, fui ter que trabalhar para ganhar roupa e material didático para estudar. Nunca pensei em desistir, passei até fome, mas para estudar eu não pensava duas vezes. As outras séries estudei na escola estadual de Itaparica/Jatobá-PE, hoje EREMI.

Sofrido, foi, mas conclui com orgulho. Sai de casa pra trabalhar em casa de família, para conseguir terminar os estudos. Estudei em outros estados, Bahia e Alagoas e voltei terminando meu magistério na escola estadual de Itaparica, em 2000. Graças a Deus, já estava melhor, pois fiz dois concursos e passei nos dois, já estava trabalhando, ajudando minha família e meu filho, um bebê nos braços, total dependente de mim.

Decidi não parar e ingressar na faculdade. Iniciei pedagogia, pois era o curso oferecido que me identifiquei, pois adoro criança. Assim, terminei em 2004. Um dia fui convidada pela gestora da escola onde trabalho desde 2010, para atuar na turma de EJA 1ª e 2ª fase, foi uma experiência maravilhosa, pois o meu estágio foi com jovens e adultos, trabalhei dois anos. Me encontrei com as pessoas, nos tornamos amigos. No ano seguinte, fui convidada para direcionar a escola estadual Caxiado, foi um desafio prazeroso, pois já conhecia um pouco da história da pequena escola, no entanto, como gestora responsável tive que ter um olhar diferente, pois a clientela é muito carente sempre voltado pra educação diferenciada e acolhedora, trabalhando funcionários, alunos por igualdade e transformando o ambiente prazeroso para todos.

Hoje me encontro como professora da educação infantil, outra experiência maravilhosa, onde descobri que a pedagogia que cursei me mostrou o quanto é bom estar com os pequeninhos, me sinto privilegiada em saber que aqueles rostinhos lindos dependem de mim para tudo, estão ali na escola comigo.

Tenho maior orgulho porque em alguns momentos eles me chamam de mãe, isso me deixa verdadeiramente certa que a educação infantil é minha praia.

Concluo com esse pensamento:

*“Quando fazemos com amor e carinho aquilo que nós gostaríamos que alguém fizesse por nós, tudo se torna mais prazeroso, harmonioso, tudo dará certo”.*

### **Mônica Maria da Conceição Antonio**

A minha Aldeia fica localizada no município de Jatobá-PE, povo Pankararu. A área do território foi demarcada e homologada pelo INCRA e FUNAI, dando direito a terra aos índios. Para que isso fosse possível, passamos por vários conflitos (lutas e movimentos) para que o nosso povo consiga usufruir constantemente do nosso espaço.

As lideranças, os mais velhos como representantes do povo, caciques e outros, sempre com coragem e respeito de guerreiro, orientam a comunidade para a luta pelo território de nosso povo. Assim, iniciamos novos movimentos com os mais novos dando assistência e continuidade na luta pelos direitos na terra. Então, eu, com bravura e coragem, sem medo de esconder a minha identidade em ser uma Pankararu, contribuo e participo dos movimentos para garantir o nosso espaço que é o território.

Particpei de vários movimentos para reivindicar nossos direitos presentes na Constituição de 1988, como fechamento de BRs, Todos contra a PEC 203, que tirava o direito indigenista, ocupação da casa da diretoria CHESF, reivindicando a presença de representantes para o esclarecimento das torres de energia elétrica dentro de nosso território, e outros movimentos dentro do nosso povo como: assembleias para discutir temas como: direito a terra, direito a saúde, direito a educação, conjuntura política na terra Pankararu, gestão territorial e segurança pública.

Os nossos encontros vêm sendo de suma importância para a garantia de nossos direitos como indígenas e dizer que os índios podem participar com os parlamentares e governantes para a discussão e elaboração de novas leis.

Em 2008 iniciei minha luta pela educação escolar indígena específica e diferenciada no meu povo, lutando pela estadualização da escola. Trabalhei voluntariamente por 2 anos e em 2010 assinei meu contrato como professora polivalente da educação infantil. Cada dia era uma conquista de aprendizado e novos conhecimentos como educadora na escola estadual Indígena José Luciano localizado no município de Jatobá-PE.

A Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada (EEIED), vem através da organização de um povo; povo Pankararu, que por meio de sua especificidade destaca-se a

cultura e suas práticas vivenciadas dentro de seu povo/aldeia. Na educação são ofertadas para as novas gerações a vida cultural, tradicional e sobretudo o respeito e valores para nossos Adedué, trabalhando e reafirmando a nossa tradição, buscando conscientizar os estudantes, que a nossa cultura é rica, na parte material e imaterial, e que precisamos resgatar valores para dar continuidade no processo ensino aprendizagem.

A escola tem desenvolvido trabalhos diversos, como a elaboração de situações didáticas e paradidáticas com as histórias de nosso povo (cartilhas, cordel, etc.) para o enriquecimento da nossa tradição, reafirmando os valores das nossas práticas culturais, vivenciando dentro do ambiente escolar e comunidade. Na criação de estratégias que possam fortalecer a identidade étnica do nosso povo, contribuindo na vida escolar do Adedué, os costumes a serem resgatados, na garantia da valorização das nossas práticas educativas.

O meu papel enquanto índia professora é de aprofundar meus conhecimentos, buscando pesquisar para repassar pra meus alunos, através de conversas com os mais velhos, ouvindo as histórias do nosso povo. Também através de pesquisas bibliográficas, de relatórios, entrevistas e roda de conversa. Buscando sempre compreender os nossos direitos, deveres e compromisso com o nosso trabalho de professora indígena do meu povo.

A minha experiência em participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi e será de suma importância. Foi muito gratificante e prazeroso, momentos que pude obter novos conhecimentos, e experiências compartilhadas com pessoas da nossa própria etnia. Assim, contribuindo tanto para nós como para os alunos, crescendo e conhecendo a própria história do nosso povo.

Nadja Maria Dos Santos

Eu, Nadja Maria dos Santos, nasci em 17 de agosto de 1987. Filha de Zenaide Maria dos Santos e João Aureliano Barros. Nasci em Pankararu e moro na aldeia Saco dos Barros. Estudei na escola indígena Pankararu, iniciei na creche de Quitéria (Sacos dos Barros), tive um bom começo da minha educação.

Iniciei minha experiência como professora em 2017, na escola estadual indígena Quitéria Maria de Jesus, atuo no Pré 1 'A'. Participo de reuniões na escola com a professora responsável e também liderança do nosso povo Pankararu. Ela nos orienta como lidar com as crianças na sala de aula porque temos crianças que fazem parte de dois povos, indígena e não indígenas.

Minha participação na luta pelo território do meu povo na minha comunidade foi intensa, em 17 de junho de 2018 fui a Recife, capital do estado de Pernambuco, junto com as lideranças do nosso povo Pankararu, para recorrer aos nossos direitos pelo território indígena. O julgamento judicial, foi finalizado dois dias depois (19/06), com a causa ganha. Depois de tantos anos lutando e reivindicando nossos direitos pelo território indígena, finalmente conseguimos vencer a luta, mesmo diante de muito conflito e ameaças.

Busco fazer com que as pessoas entendam/compreendam que essa conquista é um direito nosso. Tem pessoas do nosso povo que não aceitam a retirada do povo não indígena mesmo sendo nosso povo.

Particpei do movimento de Itaparica no ano de 2017, foram dez dias em busca de melhoria para nosso povo. Lá, dançávamos o Toré, cozinhamos nossa comida e dormíamos. Foram vários dias nessa luta. Particpei dos movimentos em Floresta-PE em prol dos motoristas escolares, reivindicando os seus direitos; particpei das conferencias na Aldeia Saco dos Barros, na escola Pankararu sobre pedidos e melhorias para nossos alunos, sendo escolhido delegado, presidente e o vice, para o evento da secretaria de educação do estado de Pernambucano, em Gravatá-PE, para inclusão de mais um eixo na educação escolar indígena do nosso povo.

A educação escolar indígena, trilhou um longo caminho, até que as próprias sociedades indígenas, reconhecessem que a educação escolar é 'instrumentos de opressão e integração

forcada', mas que poderia tornar-se uma aliada, ferramenta de luta a favor de suas integrações, na dinâmica histórica de contato de cada um desses povos.

A revolução estabelece entre outras diferenças, as 'diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngue, visando a valorização plena das culturas dos povos indígenas e afirmação de suas diversidade étnica. Na prática, isso significa, abrir espaço para a retomada da cultura, dos processos educacionais, de um tempo de relações vinculadas as experiências do cotidiano, buscar melhoria para meus alunos.

O meu entendimento sobre educação escolar está pautado em trazer melhorias para a educação, reafirmando que somos indígenas, afirmando nossa tradição, não trabalhando o que vem de fora, pois possuímos muitos conhecimento para repassar aos alunos, que nos foi passado pelos conhecimentos dos mais velhos. Entendendo que em nossa escola devemos trabalhar as modalidades do nosso povo. E, que para melhor educar, ter vontade e desempenho nas oficinas, devo ter um bom diálogo com os alunos.

O Programa Ação Saberes Indígena na Escola foi importante para valorizar os nossos saberes, pois podemos produzir vários livros. Nós, trabalhamos muito pouco da nossa rica cultura. Foi também importante por propiciar aos nossos curuminis aulas diferentes, utilizando todos os materiais didáticos que fazem parte do nosso Território, da nossa luta e das nossas tradições. Foi um prazer fazer parte desse programa, um curso muito bem orientado pelos orientadores e com boas histórias e conclusões mais ricas sobre as identidades e as histórias do povo Pankararu.

### Rejane Maria da Silva

Sou, Rejane Maria da Silva, filha de Antonio Manoel da Silva (*In memória*) e de Maria Ana da Silva (*In memória*). Resido na aldeia Brejo dos Padres, etnia Pankararu, no município de Tacaratu-PE. Fui criada por minha tia, irmã da minha mãe e por minha irmã mais velha.

Meu ingresso na escola foi com 6 anos de idade quando iniciei a alfabetização. Para estudar o ensino Fundamental II, 5ª a 8ª série, tive que ir para uma escola na cidade de Tacaratu-PE, pois na época não havia transporte escolar para deslocar os alunos, tínhamos que ir a pé, vários quilômetros, até a cidade.

Em 1991 iniciei o primeiro ano do magistério em Tacaratu, mas só consegui frequentar até o meio do ano e acabei desistindo porque tinha que dormir por lá e só voltar no dia seguinte, não me adaptei, passei duas semanas sem estudar. Mas, um dos meus irmãos que estava morando em Petrolândia-PE me convidou para ir terminar os estudos por lá, então eu fui e só voltava para a aldeia nos finais de semana, foi então que consegui concluir o magistério em 1993.

Ao concluir o curso do magistério voltei para a aldeia, e consegui tirar algumas licenças-maternidade de algumas professoras da escola. Lecionei em turmas de 1ª à 4ª série, e assim fui adquirindo experiência em sala de aula. Em 2003 iniciei o curso normal superior – habilitação para anos iniciais do ensino fundamental na cidade de Floresta-PE. Foi difícil pois enfrentei muitos obstáculos por conta das condições financeiras e também do deslocamento da aldeia para a cidade, mas graças a Deus, consegui concluir o curso normal superior no ano de 2007.

Sempre venho participando dos movimentos e manifestações indígenas. Desde 2008 vivencio ativamente as causas indígenas, tais como manifestações e mobilizações indígenas realizadas em Recife-PE, Floresta-PE, Paulo Afonso-BA e em Itaparica; como também de alguns encontros realizados pela COPIPE (Comissão de professores indígenas de Pernambuco).

Particpei de oficinas e formações realizadas em nosso povo Pankararu, como por exemplo: do seminário de educação escolar indígena sobre o tema: bases para a construção do político estadual escola indígena no período de 23 a 25 de setembro de 2003; do projeto arte na escola, em 2006 - o ensino de arte e educação física na educação escolar indígena. Cursei a

formação continuada para professores indígenas das séries iniciais, realizado em Pesqueira-PE entre 25 e 27 de outubro de 2010. Participei do encontro dos povos indígenas de Pernambuco realizado pela COPIPE na aldeia Entre Serras com o tema: análise da conjuntura política estadual de educação escolar indígena em junho de 2011. Em 2015 fiz parte da II socialização do projeto de educação para uma cultura de paz das escolas Pankararu, com o tema: "**Sexualidade**: um olhar para si e para o outro". Já em 2017 fui membro da conferência local de educação escolar indígena, movimento realizado pelo povo Pankararu por nossos direitos em Itaparica – Jatobá-PE.

O Professor indígena precisa assumir sua identidade, ter orgulho de demonstrar sua cultura, seus costumes e tradições, lutar pelos seus direitos com garra e autonomia, dando continuidade as lutas que foram iniciadas por nossos antepassados.

Nosso povo tem passado por muitos preconceitos e dificuldades, mas não desistimos porque quem tem amor a causa indígena vence qualquer obstáculo. E através de nossas lutas, dos nossos movimentos, e reivindicações contribuimos para as conquistas da educação escolar indígena do nosso povo e do futuro dos nossos alunos e das futuras lideranças.

Participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi muito importante, porque com a troca de experiências com os professores das outras aldeias de Pankararu pude aprimorar minha prática pedagógica, e que essa troca de experiência venha ampliar nosso conhecimento para fortalecer nosso povo através da educação, buscando sempre reafirmar a identidade indígena sabendo sempre se posicionar em qualquer momento.

O material construído por nós, será importante para o nosso trabalho pedagógico para as futuras gerações, e assim, nossa cultura seja verdadeiramente reconhecida e valorizada. Temos orgulho de ser índios, nós temos belíssimas histórias a contar e a publicar.

Muito obrigado, ao Programa Ação Saberes Indígenas na Escola pelo trabalho que tem desenvolvido conosco, a nossos formadores pelo apoio a nós professores, foi muito gratificante.

### **Simone Barros Cardoso**

Sou Simone Barros Cardoso, indígena da etnia Pankararu, casada, nasci em 17 de junho de 1989, na cidade de Paulo Afonso, no estado da Bahia. Sou de família indígena, filha de Romilda Jovelina de Barros e Valdomiro Cardoso Barros. Moro na aldeia Bem Querer de Cima Pankararu, município de Jatobá-PE.

Quando criança estudei na mesma escola em que hoje trabalho, que antes era do município de Jatobá e depois de tantas lutas e conquistas a estadualização aconteceu.

Minha história na educação escolar indígena começou em 2011. Quando comecei a trabalhar, faltava um ano para concluir normal médio. Em 2012, comecei a faculdade de licenciatura em letras, na Uniasselvi, em Paulo Afonso-BA, mas, ainda não conclui, penso em um dia terminar.

Estar dentro da educação escolar indígena diferenciada foi uma das coisas boas que aconteceu em minha vida. Depois de tantas lutas e conquistas, muitas coisas boas aconteceram, relevando coisas ruins também, que sempre têm mas não devemos nos precipitar de modo geral, pois foi através das lutas dos antepassados, valorizando os conhecimentos dos mais velhos que repasso para as gerações futuras para a valorização da cultura própria que é vivenciada dentro da comunidade e dentro da escola.

Uma motivação em participar é fazer realmente o que gosto. A educação indígena é para nos fortalecer como indígena Pankararu; e por ter esse comprometimento com a nossa cultura é que contribuo para nossa educação com ensino de qualidade.

A educação escolar indígena diferenciada Pankararu é abrangente, envolve muitas coisas vividas por nosso povo. Ela tem o papel de desenvolver atividades, com propostas pedagógicas boas, garantindo autonomia no que está fazendo e a conquista um espaço que é nosso por direito.

A escola indígena Pankararu é voltada para a própria cultura e sua forma de vida, partindo para a realidade de cada aluno, das suas vivências cotidianas, que o mesmo por vontade própria expressa, se desenvolve e vai além.

E muito importante ter esse compromisso sério com a causa indígena, vivenciando os movimentos na questão de retomada, sempre levando em consideração as atividades desenvolvida dentro da comunidade.

Uma das coisas que me aconteceu, foi participar dos movimentos indígenas. Foi a primeira vez como professora indígena, porque antes eu participava apoiando meu povo Pankararu. Estar dentro dos movimentos, para lutar por nossos direitos e melhorias para nossa educação diferenciada, estar presente com o pé batendo forte no chão, dançando o toré, participando de tudo um pouco, é não esquecer de quem sou, uma professora indígena.

Muitas vezes o cansaço chega, mas não desistimos de chegar aonde queremos. Pankararu é sempre assim. Ressalto que o movimento não é só pela educação e nem só de quem faz parte do povo Pankararu, porque não é só uma conquista nossa mas do geral. O movimento vem para nos fortalecer e a nossa educação específica e diferenciada.

A importância da educação escolar indígena é a sua força e o seu valor de lutar pela causa indígena com o campió, o maraca e o toré dançado. Destaco o nosso calendário específico e diferenciado, e o planejamento distribuído por eixos temáticos onde cada eixo tem um tema para se trabalha em cada unidade. O papel da educação escolar indígena Pankararu é ensinar assuntos relacionados a tradição para que percebam a importância do ser indígena para si mesmo e para o mundo.

Temos nossas formações que nos enriquecem. Aprendemos muito e sempre tiramos dúvidas de como se trabalhar em sala de aula. O professor sabe que tem o papel de participar dos eventos direcionados a si focando os valores tradicionais para a educação nas manifestações culturais. Pensar nos nossos direitos reservados é perceber a nossa vida cotidiana é mostrar ao mundo a nossa Natureza, e que é o espaço para a nossa aprendizagem. Educação indígena é um processo na etnia Pankararu, nas produções e transições de saberes dentro do povo.

A principal tradição oral, como uns dos princípios da educação e valores, são os conhecimentos científicos elaborados e transmitidos durante toda sua jornada, com seus pensamentos próprios, capacidade de se expressar, produzir e avaliar seus conhecimentos e as práticas transmitidos e enriquecidas a cada geração.

O nosso território entretanto, é o que mais chama a atenção daquelas pessoas que vêm em busca de conhecimentos, dos detalhes daquilo que faz a nossa especificidade cultural. Como professora indígena podemos afirmar o quanto é prazeroso a interação das crianças no nosso território, entretanto, é importante ressaltar que todo e qualquer assunto relacionado a questão indígena, nossos costumes, sentimos vontade pra participar. Reafirmamos nossa identidade como

professora indígena, identificamos que nossos saberes tradicionais são relacionados aos nossos antepassados, com o compromisso como povo étnicos e de valores.

Nós enquanto professores indígenas, temos nossos valores, nossos conhecimentos tradicionais. Mostramos como somos, nossas artes com desenhos inspirados na natureza, que são arquitetados pela própria natureza. Isso nos fortalece quanto povo. Esses valores que contribuimos dentro de nossa vivência, de nossas tradições, nos trazem a certeza e a reafirmação do quem somos, e isso é passado de geração em geração, perfazendo um conjunto de certezas, de reafirmações do ser indígena.

A nossa vivência dentro do povo, expressa um sentimento muito significativo, e isso nos fortalece na essência de ser Pankararu, sobretudo professora indígena. Toda essa essência nos fortalece como educadora de uma educação específica e diferenciada. Essa vivência é construída por formação continuada de acordo com a realidade e respeito a nossa especificidade cultural como ser indígena, que tem o lado intercultural de conviver com outros saberes e com outras culturas. Assim, tendo propriedade para falar dessa vivência, costume e tradicional com outros saberes da humanidade. Não importa onde você esteja, porque a identidade do ser indígena está relacionado a cultura, ao estereótipo, e toda essa troca de experiências só contribuem na construção de um novo saber.

Participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi uma das coisas boas que veio pra fortalecer o nosso trabalho, com a construção de sequências juntos com orientadores e cursistas, socializado o trabalho que foi construído com amor e dedicação. Sabemos que é nossa responsabilidade estar sempre avaliando os alunos quando estão participando para não passarem despercebido. Experiências muito boas em transformar um trabalho em outro relacionado a nossa cultura é gratificante para nos professores. Não fugindo do trabalho que a instituição propôs, trabalha a nossa realidade quanto povo, torna a aprendizagem dos alunos, melhor, trazendo estratégias de ensino, permitindo que vivenciem a aprendizagem mais rapidamente.

### **Simone Maria da Silva Cruz**

Eu, Simone Maria da Silva Cruz, solteira e residente na aldeia Tapera, povo Pankararu, sou professora do ensino infantil, na escola estadual indígena Santa Inês.

Minha participação na luta pelo território acontece dentro do processo de conscientização do meu povo, nos diversos direitos e deveres, além da participação nos espaços de reuniões com os meus familiares e toda comunidade indígena, para pensarmos estratégias e caminhos pelos quais possamos alcançar os nossos objetivos.

Desde 2003 venho participando de diversos movimentos que envolva os povos indígenas. Posso dizer que, nos movimentos de saúde, educação, território, sempre estive presente como membro comunitário e profissional. Inclusive, cito ter participado do movimento contra a Chesf em busca de nossos direitos já em andamento jurídico, entre outros movimentos que incluía a comunidade de Pankararu.

Há 5 anos venho atuando como professora indígena dando atendimento na educação infantil atualmente e também da 1º ao 5º ano, na escola de minha aldeia Tapera, povo Pankararu.

O professor indígena tem um papel muito importante para seu povo. Precisa ser indígena além de pesquisador, tem que se conhecer para educar as crianças, dentro de sua origem e educar para a vida. O professor precisa ser habilidoso para desenvolver um trabalho de qualidade para a comunidade escolar, onde ele é mágico por transformar o saber em conhecer.

O papel da educação indígena é buscar junto com o nosso povo qualidade na educação específica, além de nos fortalecer com nossa identidade, história, cultura e assuntos diversos que nos seja importante.

Meu interesse e perspectiva sobre o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola não foi apenas pela contribuição enquanto profissional da educação escolar indígena Pankararu, mas também enquanto “ser indígena” pertencente a um povo, que busca através do conhecimento e contribuição para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e capaz de abandonar seus preconceitos e compreender a cultura do outro, nesse país tão diverso, pois:

“A educação é um direito, mas tem que ser do nosso jeito”. (COPIPE).

**Sineide Cícera Maria da Silva**

Eu, Sineide Cícera Maria da Silva Pankararu, 33 anos, mãe de dois filhos e residente na aldeia Saco dos Barros, povo Pankararu, sou professora da educação infantil, trabalho na escola estadual indígena Caxiado, na qual venho atuando desde 2010. Sou formada em normal médio e atualmente curso licenciatura em letras e respectiva literatura, e pós-graduanda em educação infantil e anos iniciais.

Minha história na educação começou em 2007, ano em que estava preste a terminar o curso do normal médio. Foram 3 anos de luta, nos quais batalhei muito para chegar onde estou hoje. Algumas vezes participei de reuniões no povo, em movimentos que já existiam organizados pelo povo. Substitui professores indígenas, quando os mesmos precisavam ausentar-se para estudar fora da Aldeia, ou por outros motivos, e foi assim durante 3 anos. No espaço de trocas de experiências com os alunos fui conquistando meu espaço, na certeza de que eu estava no caminho certo e que realmente seria aquilo que eu queria e almejava.

Em 2009, a escola estadual indígena Caxiado, na qual trabalho hoje, veio a notícia que estava em processo de estadualização, a mesma pertencia ao município e em 2010 iniciava uma nova direção/administração da qual já fazia parte do estado. Depois Deus abriu as portas, oportunizando a conquista de uma vaga naquela escola, na qual hoje trabalho. Para minha surpresa, o convite foi feito pela professora Leuzenir Torres da Silva, uma das minhas alunas quando fui professora substituta. Assim, iniciei a primeira formação de planejamento, na qual começava uma nova jornada em minha vida, na escola estadual indígena José Luciano.

No mesmo ano, participei de duas formações continuadas, na cidade de Pesqueira-PE, onde ficávamos hospedados no Hotel Cruzeiro. Além de várias formações continuadas na Gerência Regional de Educação – GRE, em Floresta-PE, participei de um encontro da COPIPE (Comissão de Professores Indígena de Pernambuco), na aldeia Pankará, foi mais um momento de aprendizagem que vivenciei com outros professores indígenas. De 2013 a 2015, participei do programa PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), no tempo do curso fui colocando em prática, em sala de aula, tudo aquilo que aprendia no curso. Hoje posso dizer que o curso me ajudou a crescer profissionalmente, aprimorando ainda mais o meu conhecimento,

fazendo com que eu ganhasse mais experiência. Ganhávamos uma bolsa no valor de R\$ 200,00, como incentivo. O curso também proporcionava a realização de atividades complementares utilizando o sistema virtual do professor. Fazíamos sequências didáticas, relatórios e atividades para realizar em casa, e a cada encontro presencial compartilhávamos as experiências, destacando os pontos positivos e negativos. Destaco que todas as formações e cursos que participei contribuíram para a melhoria das práticas em sala de aula e da educação escolar Pankararu.

Em 2018 participei do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, mais uma oportunidade que abracei com muito orgulho, pois, sempre gostei de participar dos programas. Afirmando que nunca é tarde para aprender, a cada dia aprendo algo. Esse programa traz como um dos objetivos a divulgação dos nossos trabalhos e da nossa história. Em junho desse ano, o primeiro encontro foi realizado pela coordenação e equipe pedagógica do curso, no Museu Pankararu, com instruções de como seria nossa trajetória no curso.

O engajamento foi grande, incluímos como parte de outras rotinas e atividades. Os encontros aconteceram no povo Pankararu e no IF Sertão-PE, campus Floresta. Tais encontros foram para planejamento, oficinas e apresentação das atividades desenvolvidas em sala de aula. É um programa que contribuiu muito com meu desenvolvimento na sala de aula. Desde já agradecendo a toda equipe por ter acreditado no nosso trabalho. Sinto orgulho em fazer parte, confesso que veio para somar e enriquecer ainda mais o meu conhecimento.

### **Tereza Cristina de Oliveira**

Aos 11 de fevereiro de 1983, na aldeia Brejo dos Padres, povo Pankararu, nasceu a filha de Maria Helena de Oliveira e Antônio Manoel de Oliveira. Recebi o nome de Tereza Cristina de Oliveira, moro na aldeia Saco dos Barros do povo Pankararu. Tenho 35 anos, mãe de dois filhos, professora do polivalente. Concluí o curso de licenciatura intercultural indígena, na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, campus Agreste Caruaru-PE. Leciono na escola estadual indígena Dr. Carlos Estevão, localizada na aldeia Brejo dos Padres povo Pankararu no município de Tacaratu-PE.

Tive 13 irmãos, hoje se encontram 8 vivos, sendo 5 mulheres e 3 homens. Antigamente a situação era mais difícil, com muitos filhos para criar sem recursos, meus pais eram agricultores, as oportunidades de estudo eram escassas, principalmente para quem não tinha recursos, muitas vezes nós não tínhamos o que vestir, nossa alimentação era somente do que a natureza nos dava.

Quando conseguimos ir para a escola, nossos cadernos iam dentro de sacolas chiadeiras e o caderno embrulhado com papel de revista para permanecerem limpos. Vestíamos roupas que nossa mãe fazia, saias com retalhos de calças jeans e de guarda-chuva, que recebíamos de doações.

Quando passei a estudar no ensino fundamental na cidade de Tacaratu-PE, usei minha primeira calça, pois essa era uma das exigências. Outra dificuldade era andar seis quilômetros a pé da aldeia até a cidade, pois naquele tempo não havia carros para o deslocamento dos estudantes. Após alguns anos passei a estudar na escola estadual de Itaparica, onde iniciei o ensino normal médio por achar a profissão linda. Com o tempo me apaixonei mais e mais pela profissão de educadora, em cada estágio tinha certeza de que fiz a escolha certa. Passei a substituir as professoras, quando preciso, nas escolas do nosso povo, principalmente na escola Ezequiel Pankararu e na escola Dr. Carlos Estevão. Tendo a oportunidade em substituir a professora Vivian Barros de Oliveira, durante uma licença, na turma de 3º ano do ensino fundamental.

Em 2009 comecei a lecionar na turma de Pré I, até hoje guardo comigo uma lembrança dessa turma.

Sempre gostei de participar do movimento indígena, desde cedo. Minha primeira participação em uma atividade relacionada com a nossa causa foi em 2000 em Brasília, ainda não entendia muito sobre nossos direitos, mas nossa liderança indígena, Quitéria Binga, gostava de envolver os jovens nesse processo, hoje compreendo que essa era a forma que ela usava de preparação para formar vários guerreiros e guerreiras Pankararu.

Desde então quando tinha encontros ou formações, fazia o possível para estar presente nessas atividades, participei do grupo de jovens da aldeia, na qual representávamos os jovens nas diversas decisões que envolviam questões da comunidade, também estava presente nas atividades da igreja católica da aldeia.

Em 2009 participei da formação de projeto de Paulo Freire Educação de Jovens e Adultos no hotel Casa Grande em Gravatá-PE, na qual tive oportunidade de trabalhar com pessoas que me mostraram vários novos conhecimentos e formas de trabalho na área da educação, até hoje sou grata ao lembrar como aprendi naquele momento.

A partir do momento que comecei a lecionar, sempre participei dos encontros da COPIPE (Comissão de Professores Indígenas em Pernambuco), os planejamentos de propostas pedagógicas e formações de professores para poder cada vez mais conhecer nossa história, o legado que nossos sábios nos deixou, e podemos repassar para as novas gerações.

Em 2011 participei do encontro em Pipipã com as propostas de diário específico do povo Pankararu; P.P.P.; regimento; discutir a minuta de instrução normativa para educação escolar indígena.

Participei de atividades de encontro em Xucuru, Entre Serras Pankararu, Saco dos Barros, Brejo dos Padres, Truká, em Recife-PE, entre outros. Alguns dessas atividades em que participei foram:

- Formação de Professores Indígenas: o professor indígena pesquisador, que aconteceu em julho de 2011;
- Formação para Professores de Educação Indígena em Março 2013;
- Amostra dos Povos Indígenas de Pernambuco em setembro de 2014;
- Palestra de Sexualidade: um olhar para si e para o outro em setembro de 2015;
- Projeto de Extensão: Laboratório de Política, Filosofia e Direitos Humanos em Maio de 2016;
- 30º Encontro da COPIPE com o Tema Educação, Mobilização e Lutas, no fortalecimento do movimento indígena em junho de 2016;

- Palestra: Compartilhando Experiências e Vivências das Mulheres Indígenas de Pernambuco em abril de 2017;
- V Seminário de Educação Inclusiva e I Encontro de Educação Inclusiva nos Povos Indígenas. Tema: Educação Inclusiva nos Povos Indígenas Pankararu e Entre Serra: o Protagonismo das pessoas com Deficiências em agosto de 2017;
- Participação do Movimento de mobilização e ocupação do espaço na empresa Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF em setembro de 2017.

Estou também como fiscal do Museu Tronco Velho, realização da Organização Tronco Velho Pankararu, ela é uma organização fundada, presidida e formada por indígenas Pankararu, que visa fortalecer e valorizar nossa cultura através de ações, projetos, parcerias, etc., em vários âmbitos, a serviço do povo Pankararu.

Ao fazer o curso licenciatura intercultural indígena, pude passar por várias formações no contexto da oralidade para as escolas indígenas, sempre levamos em consideração o convívio na comunidade e esse conhecimento empírico para a sala de aula.

Educação escolar indígena é dimensionar estratégias didáticas para aproximar a comunidade, lideranças, professores e estudantes, propondo melhorias nos processos próprios de ensino aprendizagem do nosso povo, possibilitando aos estudantes indígenas o conhecimento mais amplo sobre nossa cultura, despertando o princípio de respeito e valorização, pois a educação indígena se aprende na comunidade com nossos anseios na participação da nossa tradição, nos movimentos e na realidade diferenciada, ou seja, retrata a dinâmica da aldeia para que possamos desde a educação básica mostrar de forma acadêmica o que se vive de forma empírica.

A educação escolar indígena tem o intuito de relacionar os dois temas com nossa realidade, transmitindo nossas tradições e vivências, com dimensão mais ampla, ou seja, novos conhecimentos da realidade do mundo, para onde nossos jovens guerreiros estiverem sabendo sobre seus direitos, não esquecendo dos deveres, e se prepararem para disputar nas universidades, para se formarem nas diversas áreas do conhecimento e poderem atuar na aldeia e contribuírem para o desenvolvimento do nosso território, por isso temos que repassar esses dois tipos de aprendizagem, universal e tradicional.

Sendo assim o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, está me proporcionando novos conhecimentos, pois em cada proposta posso reafirmar a minha identidade, o ser Pankararu. Também posso observar a participação de todos os presentes, contribuindo muito com o desenvolvimento desse trabalho, cada vez mais posso afirmar o quanto contribui para o

fortalecimento de nossas histórias, reafirmação de valores e vivências dos nossos Tronco Pankararu, pois cada temática estudada e apresentada retrata a realidade viva de nosso povo Pankararu e suas ramificações.

### **Thaise Yanara do Nascimento Dória**

Transmito diariamente aos meus alunos, familiares e amigos, a importância da nossa participação junto ao nosso povo, seja nas guerras ou nas vitórias. Busco sempre mostrar que somos um só povo e precisamos viver em harmonia. Além da importância das parceiras para em momentos de dificuldade estarmos ao lado dos nossos irmãos Pankararu, conhecendo, reconhecendo e defendendo a luta. E, que não devemos de forma alguma ajudar os brancos a denegrir a imagem dos índios. Sempre propagar os motivos e objetivos das nossas lutas.

Ao trabalhar na educação infantil, mais precisamente no Pré I, estímulo sempre as crianças a participar das lutas, como também dos rituais e tradições dentro do nosso território indígena. Sabemos que praticar a nossa cultura resulta no fortalecimento, ainda mais da identidade e do Ser Pankararu. Procuramos mostrar o valor de cada movimento corporal na hora do Toré, a força que tem o pisado do pé no chão ao som do toante, momento que arranca arrepios e lágrimas de emoção, pois é nesse momento tão forte que sentimos a energia pura e positiva, recebemos as bênçãos e proteções dos nossos Encantados. Sempre enfatizando o respeito que devemos ter nesses momentos como também a preparação corporal e espiritual para poder participar.

A luta de um povo retrata sua força, sua garra e união, enxergando nos desafios, uma possibilidade de melhora de vida para toda a nação Pankararu, buscando seus direitos, sem esquecer dos direitos e obrigações quanto cidadão índio Pankararu.

Minha trajetória tem como princípio meu ser Pankararu, pois muito antes de me tornar professora na educação diferenciada indígena, já tinha minha participação na comunidade, não de forma intensa como agora, que a cada dia aprendo mais a história do nosso povo, através de vivências, conhecimento e reconhecimento para a minha melhoria como membro da comunidade e mais ainda como professora indígena. Sinto diariamente a necessidade de aperfeiçoamento e atualização, no intuito de melhorar o desempenho em sala de aula, tendo segurança e clareza. Na certeza de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

Sinto-me lisonjeada em participar dos eventos que acontecem dentro do nosso Território, sabendo que cada gotinha de conhecimento adquirido faz diferença nas nossas vidas como membro de um território indígena. Vejo a falta de interesse por parte de pessoas da comunidade,

pois nas suas visões devem e têm obrigação de participar desses eventos apenas quem está trabalhando em alguma instituição indígena, não sabendo eles que são nesses momentos que se adquire conhecimentos múltiplos, com benefícios não só como membro de uma instituição, mas sim como membro de uma comunidade.

Minha trajetória na educação escolar do meu povo começou a aproximadamente três anos atrás, através de substituições. Mesmo sendo apenas substituta busquei sempre o envolvimento no processo de ensino aprendizagem dos alunos, com a intenção de melhorar as metodologias, participando da maioria dos eventos promovidos pela educação, como seminários, conferências, planejamentos entre outros, que contribuísse para o meu currículo como pedagoga.

Ao ter a oportunidade de fazer parte do corpo docente de uma escola indígena, entrei para somar, pois participo ativamente de tudo que contribua para a melhoria da educação do meu povo.

A educação tem um papel fundamental para o nosso povo, pois é através dela que podemos levar o conhecimento da nossa história, das nossas lutas.

A criança já vem para escola tendo contato com a história do seu grupo, por intermédio dos pais, avós ou outros que, na aldeia se encarregam de contá-la; daí cabe ao professor, valorizar essas histórias trazidas pelas crianças e usar essas para aprimoramentos em sala de aula. Acredito que dessa forma, essa troca de experiências e saberes contribuem para o crescimento do profissional, como também do cidadão que ali na escola está começando formar, como também reformular suas ideias como ser Pankararu.

Tendo em vista que a educação diferenciada contribui muito, pois pode-se adequar a realidade e as necessidades do nosso povo, de forma a ampliar o conhecimento e vivência acerca da nossa cultura, nossos costumes e tradições, não deixando a desejar na aprendizagem, e sim contemplando com mais saberes, para que os estudantes reafirmem sua identidade indígena em qualquer meio que venha a fazer parte.

Ao assumir o papel de professor indígena, vem junto a responsabilidade, compromisso e lealdade para com seu aluno, pois vai muito além da escola, comunidade, passa a ser parte importante da vida de muitas crianças, sabendo que por onde andar será avaliado e servindo de referência na construção daquele cidadão que você informa, orienta e molda dependendo do contexto.

É gratificante você ser reconhecido por aluno perante suas conquistas, você fazer parte da história de pessoas que não imaginava nem conhecer, da mesma forma, os alunos sentem-se

gratificados quando sua lealdade, seu reconhecimento com ele vai além das paredes da sala de aula, e que o seu maior orgulho é ver o desempenho dele em pequenas e grandes conquistas.

Temos que ter a consciência que somos formadores de opinião, mas também estamos construindo formadores de opiniões, que podem ser diferentes das nossas, mas que jamais podemos julgar, e sim buscar compreender o caminho que percorreu para se chegar ela.

Participar do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola foi um prazer imenso, misturado com a insegurança em não saber como meu trabalho contribuiria para o desenvolvimento do programa. Porém, cada desafio dado, foi um desafio cumprido, com muito esforço e dedicação.

Acredito que a ação contribuiu e contribuirá muito mais com os interesses coletivos da educação escolar indígena do meu povo, pois trouxe temas que reafirmaram ainda mais a identidade Pankararu de forma ampla.

Podemos afirmar que trouxe para algumas crianças, o autorreconhecimento como índio Pankararu e suas crenças e tradições, conhecendo a história do povo de forma lúdica facilitando o seu entendimento, e tendo conhecimento necessário para defender o seu povo. Lutar de forma coletiva para garantir os direitos e cumprir com os deveres, como também o conhecimento do Território onde vivem.

Contribuiremos cada vez mais para formação de cada etapa da educação diferenciada indígena, buscando melhoras para o nosso povo.

**Thaize M. S. Silva Oliveira**



Eu, Thaize Nazaré, sou indígena e professora. Nasci e cresci em meu território Pankararu, pertencente a três municípios: Jatobá, Tacaratu e Petrolândia, no sertão do estado de Pernambuco.

Lembro-me que no meu tempo de criança a escola era muito diferente da nossa escola de hoje, eram dois mundos contraditórios, onde os saberes indígenas foram ignorados e totalmente excluídos, lembrados apenas no “19 de abril”, tendo como referência outros povos. E, se a minha identidade étnica não fosse preservada por minha família, hoje, talvez estivesse perdida no tempo e espaço, com minhas raízes abaladas, sem nenhuma possibilidade de brotar e florescer.

Mas graças a força do movimento indígena, do qual faço parte, tudo foi renovado. A força do movimento indígena atravessou os perigosos “abismos” e reconstruiu outro mundo com outras perspectivas de resistência, no qual os saberes, as histórias são as riquezas e as referências da pedagogia.

Fomos privilegiados com a contemplação deste programa, pois contribuí de forma valiosa no contexto da educação escolar indígena do povo Pankararu, despertando para o mundo que tanto queremos, um mundo que tenha como referência nossa própria história territorial. Este trabalho representa para nós um merecido investimento na lógica da oralidade, leitura, compreensão, escrita e opiniões.

A minha participação neste programa enriqueceu minhas experiências profissionais, estimulou a criatividade a partir de outras metodologias que orientaram a reflexão e o entendimento com base nas memórias e histórias da vida do nosso povo. Este incentivo deve ser vivenciado desde a base educativa. Motivo este que iniciamos com a modalidade infantil, o ponto inicial para trilhar o caminho da oralidade, leitura, entendimento e escrita no universo das crianças. Neste seguimento, a prática de diferentes jogos foi essencial, proporcionando a turma um envolvimento mais concreto e significativo com base no entendimento e no conhecimento sobre os conteúdos trabalhados.

Recém-formada na 2ª turma da licenciatura intercultural indígena, turma de linguagens e artes da UFPE, campus do Agreste, também uma conquista das lutas e movimentos indígenas. Minha experiência neste segmento de educação faz ter certeza da relevância obtida através dos diferentes jogos, mostrando a riqueza poderosa das crianças aprenderem com jogos e brincadeiras, num clima de segurança e participação.

Cresci ouvindo a nossa historicidade Pankararu, as pessoas sempre ficavam juntas nos terreiros, nas casas e conversavam muito sobre os assuntos das lutas pelo território. Até hoje gosto muito de ouvir dos mais velhos as histórias do passado, cada um deles têm as orientações relacionadas a cultura para se prevenir das situações que acontecerão, essas pessoas sábias da nossa nação são os guardiões da memória viva, dessas histórias que não foram escritas.

Hoje faço parte da continuidade dessa luta pelo direito de uma Educação Escolar Indígenas Específica, Diferenciada, Bilingue e Intercultural para uma prática educativa de qualidade, escola essa que tem como objetivo manter viva nossa cultura e nossa história onde luta pela contemplação de formação para todos os indígenas professores.

Essa é a escola que queremos e que fazemos acontecer com a especificidade e a diferença estão nos conteúdos, importantes para nossa reafirmação de valores étnicos. O nosso

território, a nossa história, nossas tradições, nossas próprias organizações, nosso ser Pankararu, são nossos referenciais da escola indígena Pankararu, fruto de muitas batalhas.

O papel da educação escolar indígena é levar nossos próprios saberes indígenas para dentro da escola, que é a escola dentro do povo, através da valorização e realização de pesquisas, entrevistas, envolvendo os nossos sábios dentro desses diversos ensinamentos. Este é o nosso papel dentro desse universo.

Falar de nós mesmos, de cada tempo, a cada espaço do nosso território e envolver as crianças, com muita clareza e propriedade para compreender a nossa realidade, vivenciando e construindo nosso universo indígena. Para isso, precisamos arregaçar as mangas mesmo, sonhar e acreditar nessa educação escolar que queremos, com todos os elementos dessa riqueza cultural e tradicional que estão dentro do nosso próprio território, com nossos tesouros, que guardam todos os saberes, que são nossos sábios. Então, o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola contribuiu muito, é de uma grandeza metodológica que foi de grande ajuda em nossos processos educativos.

Sinto a necessidade dos demais professores fazerem parte deste programa, pois, entendo que esta dinâmica é uma forma de registrar um pouco da nossa vida, que é de grande interesse nosso.

**Tamires Natana de S. M. Oliveira**

Eu, Tamires Natana de Souza Monteiro Oliveira, filha de David Monteiro Neto e Terezinha Maria Barboza da Luz, sou do povo Pankararu, moro na aldeia Brejo dos Padres. Nosso território é localizado nos municípios de Jatobá, Tacaratu e Petrolândia, no sertão pernambucano, com mais 8.100 hectares e mais de 8.000 habitantes indígenas. A nossa área é entrecortada por montanhas e serras, com formatos significativos, diferentes e emblemáticos desenhos em pedras. Quando chove, a natureza apresenta-se exuberante e bela. Há algumas nascentes de água cristalinas que abastecem uma parte da comunidade. Pankararu significa serras de muitas cabeças e também o local que comporta o imenso patrimônio material e imaterial e a nossa identidade étnica.

A luta pelo território Pankararu vem sendo disputada judicialmente desde 1993. Esse processo é respeitado e lembrado sempre, devido a importância para nosso povo. Iniciado pelas lideranças que já não estão mais vivas, como o meu avô, Cacique João Binga, uns dos protagonistas nessa luta pela homologação, demarcação e desintrusão das terras indígenas Pankararu. E, como demonstração da morosidade dos marcos legais ou do desrespeito que o governo tem para com povos indígenas, restou a nossa geração dar continuidade ao legado e a luta empreendida por nossos antepassados. Assim, participei das rodas de conversas com as lideranças políticas para fortalecer a nossa luta pelo nosso território. Nós, sem território não temos história e cultura da nossa mãe terra.

Lembro que quando criança, meu pai, liderança tradicional, participava de reuniões com meu avô, o Cacique João Binga, líder daquela época e com seus companheiros, outras lideranças, debaixo do pé de quixabeira, no terreiro da casa de meu avô, João Binga, para conversar sobre o nosso povo Pankararu, enquanto eu brincava, ouvia as conversas. Depois as conversas eram repassadas para o povo, mostravam a importância da união dentro e fora do nosso povo, na luta por melhorias para os Pankararu. Então, desde cedo aprendi a vivenciar minha cultura, participando dos movimentos indígenas interno, da organização política e escolhas das lideranças por aldeias, do reconhecimento do papel desempenhado pelos zeladores de Praiás, que escolhem junto aos encantados, o Cacique, Pajé e as lideranças tradicionais do povo. É na vivência e prática

nos rituais sagrados, nas tradições, na participação das mobilizações e eventos da educação escolar indígena e a saúde indígena que reafirmamos a nossa identidade. Ressalto a importância do movimento indígena, nos encontros da COPIPE, no contexto social em busca de melhorias, garantia aos nossos direitos, que muitas vezes foram e são violadas. Trago como bagagem os ensinamentos e trocas de experiências vivenciadas nos movimentos indígenas para a nossa educação escolar indígena, escola de múltiplos saberes com os povos indígenas de Pernambuco.

Minha participação na educação escolar indígena vem através da história de luta no processo da estadualização das escolas que eram do município, ouvia relatos das lideranças. Bem, quando meu filho tinha idade de entrar na escola, não pensei duas vezes, logo o matriculei, pois sabia que os ensinamentos transmitidos seriam de acordo com nossa educação indígena.

Durante o curso normal médio pude realizar minhas atividades, observações, regências e estágio. Após um bom resultado de comprometimento, esforços e laços de amizade, passei a substituir alguns professores, fazendo uso da teoria e práticas. Sou agradecida aos companheiros de trabalho, pois graças à confiança dos mesmos, consegui a minha primeira oportunidade de emprego, em 2011. Com a oportunidade em substituir uma professora em licença maternidade, na escola estadual indígena Dr. Carlos Estevão, aldeia Brejo dos Padres. Agarrei com as duas mãos, pois tive oportunidade de fazer o meu melhor e somar dentro do processo de aprendizagem dos alunos. No ano seguinte, continuei na escola, quando no mês de março de 2012, fui encaminhada para escola estadual indígena Pankararu, na aldeia Saco dos Barros para outra substituição de licença maternidade e atuo até hoje como professora de polivalente, vivencio os projetos didáticos, seminários, reunião, formação continuada, planejamento bimestral e todo trabalho desenvolvido pela escola e coletivos de todas as escolas Pankararu.

A educação escolar vem a partir da educação indígena, me refiro aos ensinamentos que são passados pela família, considerando sempre os saberes dos mais velhos, que são os sábios da aldeia, os detentores dos saberes tradicionais. No espaço escolar sistematizamos esses saberes, pedagogicamente nas atividades propostas em sala de aula e nos espaços da aldeia.

O cotidiano na educação escolar deve ser dinâmico e a nossa cultura sempre presente. Nós, professores indígenas, devemos envolver as práticas escolares com nossos alunos, respeitando o tempo e espaços de aprender ensinar, buscar, pesquisar e vivenciar as tradições, os rituais sagrados, festividades religiosas do povo, trabalhar os espaços sagrados, fazer uso da arte indígena, explorar o plantio e colheita, contação de história, o espaço geográfico do povo, fazer relação com os diversos elementos da natureza, trabalhar nossos toantes e Toré, colaborar na sustentabilidade e organização dos eventos.

Ser professor indígena é exercer vários papéis, ser amigo, família, cuidar da saúde e ajudar fora das paredes da escola, doar-se, exercer múltiplas funções. Buscar sempre o papel de transformador na educação específica e diferenciada, na sistematização da Interculturalidade, pois, a escola faz parte do projeto societário, cabe a nós, professores indígenas, e a comunidade escolar a quebra alguns paradigmas educacionais.

O Programa Ação Saberes Indígenas na Escola, foi de grande relevância no contexto da interculturalidade a ser sistematizado dentro da educação escolar indígena, assim relacionando com a educação Indígena do povo Pankararu. Minha trajetória no programa e como cursista, participei desde a apresentação da ementa do programa no povo, aos encontros locais no povo, momentos de construção das temáticas que seriam desenvolvidas nas sequências didáticas, as produções de texto relacionado com o tema proposto, atividades lúdicas fazendo uso das brincadeiras e jogos indígenas e relação entre ambas. No trabalho coletivo com os monitores (estudantes de química), outros cursistas e com equipe pedagógica, as trocas de experiências dos grupos e nos encontros no IF Sertão-PE, campus Floresta. A socialização dos trabalhos realizados no povo, no desenvolvimento das atividades e nos relatórios, possibilitou a oportunidade em narrar, relacionar e transcrever os nossos saberes indígenas, vivenciados na comunidade escolar e no povo, de mostrar um pouco da nossa história sobre o nosso bem viver de Pankararu, sistematizado na escola.

**Viviane Maria dos Santos**

Meu nome é Viviane Maria dos Santos, tenho 29 anos, casada, nasci no dia 24 de setembro de 1989, sou filha de Maria das Dores dos Santos e Luiz Carlos dos Santos, ambos índios Pankararu, nascidos e criados na aldeia Logradouro, hoje denominada Entre Serras Pankararu. Tenho sete irmãos, todos, assim como eu foram nascidos na aldeia. Porém, por necessidades, nos mudamos para Jatobá-PE, quando crianças, por volta de 1993. Foi uma adaptação sofrida, pois éramos acostumados na aldeia vivendo livres, comendo fruta do pé, subindo e descendo em árvores, correndo e brincando em meio a mãe Pindaé. E, por mais que nossa casinha fosse tão humilde e por muitas vezes nos faltasse o que comer, ali eu era feliz.

Em 1994 iniciei a vida minha escolar em Jatobá, fui matriculada na escola municipal Ayrton Sena, aonde estudei até 1996. Amava a ideia de estudar e era uma boa aluna, no entanto, tímida e isolada no meu cantinho, tipo bichinho que veio do mato. Eu e os meus irmãos fomos nos familiarizando ao lugar que também na época era bem pequeno e conhecido como cidade livre, mas, contava os dias para que eu saísse de férias, pois passaria as minhas férias na aldeia catando caju, colhendo pinha e manga, para mãe vender na feira de Jatobá e isso, sem dúvida, era a minha felicidade.

No ano de 1997 comecei o ensino fundamental na escola estadual Nossa Senhora Aparecida, Jatobá-PE, onde estudei a 1ª série, e em 1998 a 2ª série. Continuava sendo uma boa aluna e me desenvolvendo bem. No final do ano de 1998 minha irmã mais velha casou-se foi morar em Petrolândia-PE e me levou para morar com ela. Lá eu continuei meus estudos, então em 1999 fui matriculada na escola municipal Sete de Setembro, nesta escola estudei a 3ª e 4ª séries, sendo assim em 2000 conclui o fundamental I.

Em 2001 passei a fazer o fundamental II na escola estadual Delmiro Gouveia, em Petrolândia-PE. Estudei a 5ª e 6ª séries. Sempre que dava, passava minhas férias na Aldeia. No entanto, em 2003 minha irmã mudou-se para Juazeiro-BA e me levou junto, lá eu iniciaria a 7ª série, porém meus documentos foram perdidos e fiquei dois anos sem estudar. Mãe apesar de não ter muito estudo, sempre foi preocupada com a vida escolar dos filhos, me fez retornar para casa pois me colocaria de volta na escola.

No ano 2005 retornei para casa da minha mãe em Jatobá-PE, fui matriculada na escola Nossa Senhora Aparecida, na modalidade EJA, cursando a 7ª e 8ª séries no mesmo no ano. E, assim consegui concluir o ensino fundamental II. Para mim e minha família foi uma conquista importantíssima pois todos haviam ficado muito triste por que eu havia perdido 2 anos da minha vida escolar. Nesse tempo eu aproveitei para pensar no que eu queria ser no futuro, que profissional eu idealizava ser. Optei por ser professora por reconhecer que sem o conhecimento não somos nada, e por querer satisfazer a minha mãe pois ela sempre dizia que queria filhos formados para serem professor e enfermeiro. Foi aí então que em 2006 comecei a fazer o normal médio, antigo magistério na escola estadual de Itaparica, atual EREMI.

Quando estava no terceiro ano do normal médio (2008) alguns familiares me informaram que haveria uma seleção para professores indígenas na aldeia Caldeirão, há 3 Km de Jatobá. Procurei os responsáveis para saber a fundo sobre. Já existia um grupo de pessoas para esta seleção e eu fui inclusa. A seleção foi na GRE Floresta-PE, com entrega de documentos pessoais e entrevistas, após isso, fomos avaliados e selecionados. Enfim, para minha felicidade fui aprovada com média 7.

A minha trajetória na educação escolar indígena começou em 2008, ao ser selecionada e contratada, porém, a escola que eu lecionei ainda estava em processo de estadualização, então foi uma luta grande pois tivemos que conquistar a comunidade, pais e alunos e brigar pelo nosso espaço pois a escola ainda era do município e os responsáveis da época estavam fazendo vistas grossas para esta causa, mas não desistimos e fomos a luta.

Participei de vários movimentos para reivindicar nossos direitos que estavam na constituição de 1988, como fechamento de rodovias, todos contra a PEC 203 que tirava o direito indigenista, ocupação da casa da Diretoria CHESF reivindicando a presença de representantes para o esclarecimento das torres de energia elétrica dentro de nosso território, e outros movimentos dentro do nosso povo como: assembleias para discutir temas como: direito a terra, direito a saúde, direito a educação, conjuntura política na terra Pankararu, gestão territorial e segurança pública.

Em 2013 participei de mobilizações, encontros organizados pela COPIPE, conferências de educação, reuniões, formações continuada, cursos, oficinas onde professores aprendem, proporcionando e adquirindo novos conhecimentos e o mais importante conhecendo e aprendendo o que é do nosso povo, se envolvendo, reafirmando a nossa cultura e tradição.

Enfatizo que participei do encontrão da COPIPE, vila de Cimbrus, Xucuru, Pesqueira-PE, em 2014. Em 2016, da I socialização do projeto de educação para uma cultura de paz, nas escolas Pankararu, tendo como tema “casa comum, nossa responsabilidade”.

Particpei também do 30º encontrão da Comissão de Professores Indígena de Pernambuco (COPIPE) que aconteceu entre os dias 16 a 19 de junho de 2016, na aldeia Carrapateira, território do povo Entre Serras Pankararu, Tacaratu-PE; do V seminário de educação inclusiva e do 1º encontro de educação inclusiva dos povos indígenas, realizado nos dias 03 e 04 de agosto de 2017; da 1ª oficina com o tema biomas brasileiros e defesas da vida (guardar e cuidar a criação) no dia 16 de junho de 2017 na aldeia Saco do Barros, povo Pankararu; da conferência local de educação escolar indígena do povo Pankararu, realizada na escola indígena Pankararu, em Jatobá-PE, no dia 23 de setembro de 2017.

Todos nossos encontros vêm sendo de suma importância para a garantia de nossos direitos como indígenas e dizer que os índios podem participar com os parlamentares e governantes para a discussão e elaboração de novas leis.

## **PARTE 03 – Experiências Didáticas do Programa Ação Saberes Indígenas Nas Escolas Indígenas Pankararu**

## SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Edivania Granja da Silva Oliveira<sup>7</sup>

Maria do Socorro Tavares Cavalcante Vieira<sup>8</sup>

O termo **sequência didática** utilizado como recurso nos procedimentos educacionais pode ser definido como um encadeamento de estágios ou etapas atreladas entre si para dar maior significado e eficiência às metodologias de ensino e aprendizagem. Essa terminologia foi estabelecida nos documentos oficiais brasileiros a partir da implementação do Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, em 1997, denominadas "projetos" e "atividades sequenciadas", abertas a diferentes objetos do conhecimento. Corresponde a um conjunto de atividades articuladas cuja intenção é atingir determinado objetivo didático, e são organizadas a partir de um gênero textual (oral ou escrito) ou de um conteúdo específico, sem descartar o envolvimento de diferentes componentes curriculares, incluindo os transversais.

As sequências didáticas devem ser planejadas e desenvolvidas pautadas na realização de objetivos educacionais, com início e fim conhecidos por professores e alunos, (ZABALA, 1998). Para compreender o valor pedagógico e as razões que justificam uma sequência didática é fundamental identificar suas fases, as atividades que a constitui e as relações que estabelecem com o objeto de conhecimento, visando atender as verdadeiras necessidades dos alunos. A determinação do padrão de *sequência didática* a ser utilizado deve ter íntima relação com os objetivos que o professor acredita que deve ser alcançado, considerando as necessidades dos alunos. Independentemente do padrão escolhido, esses objetivos e necessidades são baseados em alguns princípios pedagógicos, dentre eles: reconhecimento dos conhecimentos prévios dos alunos; ensino centrado na problematização de conhecimentos formais e informais; abordagens de ensino reflexivas, com ênfase na verbalização; estratégias de ensino centradas na interação e na sistematização dos saberes; utilização de atividades didáticas diversificadas, que desafiem e oportunizem a progressão das atividades mais simples às mais complexas e dê ênfase em atividades que podem mobilizar diferentes áreas de conhecimentos, além de estimular diferentes habilidades.

---

<sup>7</sup>Professora de História do IF Sertão-PE, campus Petrolina. Mestre em História – PPGH/UFCG, Campina Grande/PB e Doutoranda em História Social – PPG em História Social USP, São Paulo/SP.

<sup>8</sup>Professora Pedagoga do IF Sertão-PE, campus Petrolina. Mestre em Psicologia – PPGPSI/UNIVASF, Petrolina/PE.

Para efetivar o planejamento das sequências didáticas com os saberes indígenas nas escolas onde os professores atuam, foi necessário seguir passos fundamentais, ou seja, os mesmos seguidos em quaisquer outras situações que envolvam esse procedimento. Para o êxito de qualquer sequência didática faz-se necessário:

- a) Apresentação da proposta aos colegas e aos alunos. Espaço em que o professor apresenta detalhadamente as tarefas, atividades e estudos que realizarão. Faz a escuta das possibilidades e dos limites de execução.
- b) Produção inicial. Os alunos, já informados sobre as ações que serão desenvolvidas, irão expor o que sabem e pensam sobre o assunto, por meio de conversas ou produções escritas (imagens ou textos). Essa produção constitui-se de uma avaliação prévia e possibilita que o professor conheça ou reconheça as dificuldades dos alunos além de prover meios necessários para estabelecer quais atividades poderão ser empregadas na sequência didática.
- c) Atividades. Os exercícios, jogos e pesquisas deverão ser planejadas metodicamente, intencionando desenvolver as capacidades do aluno. As atividades devem ser direcionadas às dificuldades detectadas na produção inicial dos alunos intencionando que sejam superadas. Devem propor situações de aprendizagem diversificadas e adaptadas às particularidades da turma.
- d) Produção final. Avaliação do que conseguiram aprender no decorrer da sequência didática (comparação entre produção inicial e produção final). Pode acontecer através de rodas de conversas, dramatizações, jogos e brincadeiras ou produções escritas (textos, imagens, colagens).

Muitos são os benefícios de utilizar propostas baseadas em sequências didáticas destaque-se a possibilidade de integrar criatividade, imaginação e conteúdos programáticos necessários ao desenvolvimento dos estudantes.

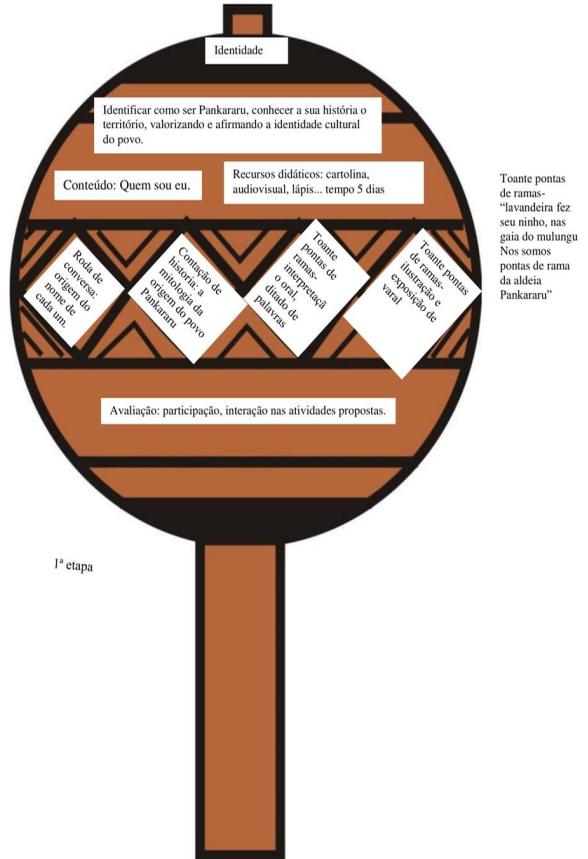
#### REFERÊNCIAS

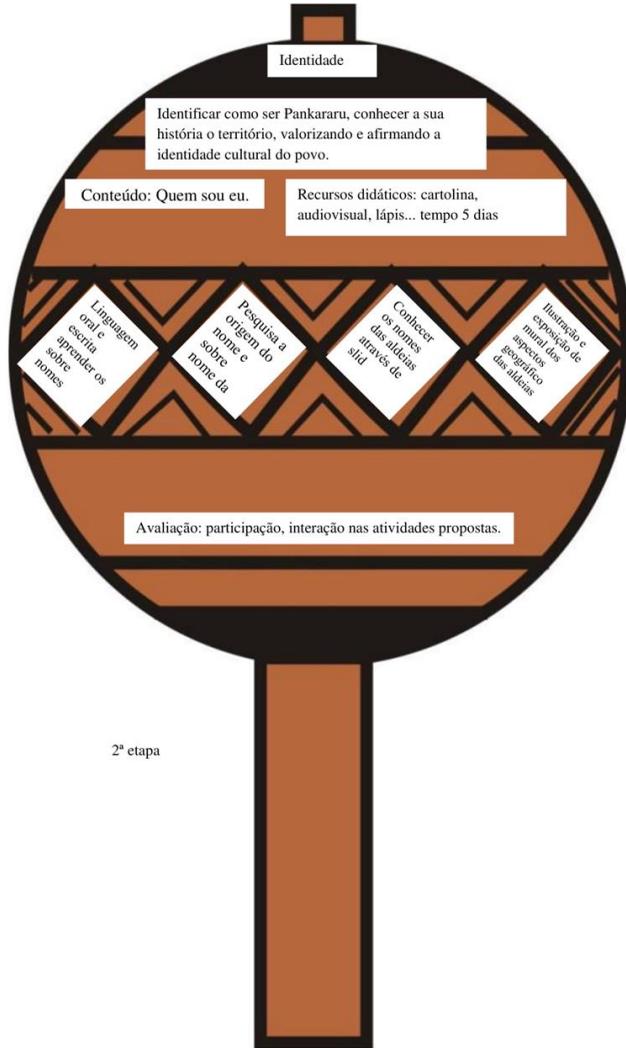
DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Penso Editora, 2015.

## Sequências Didáticas

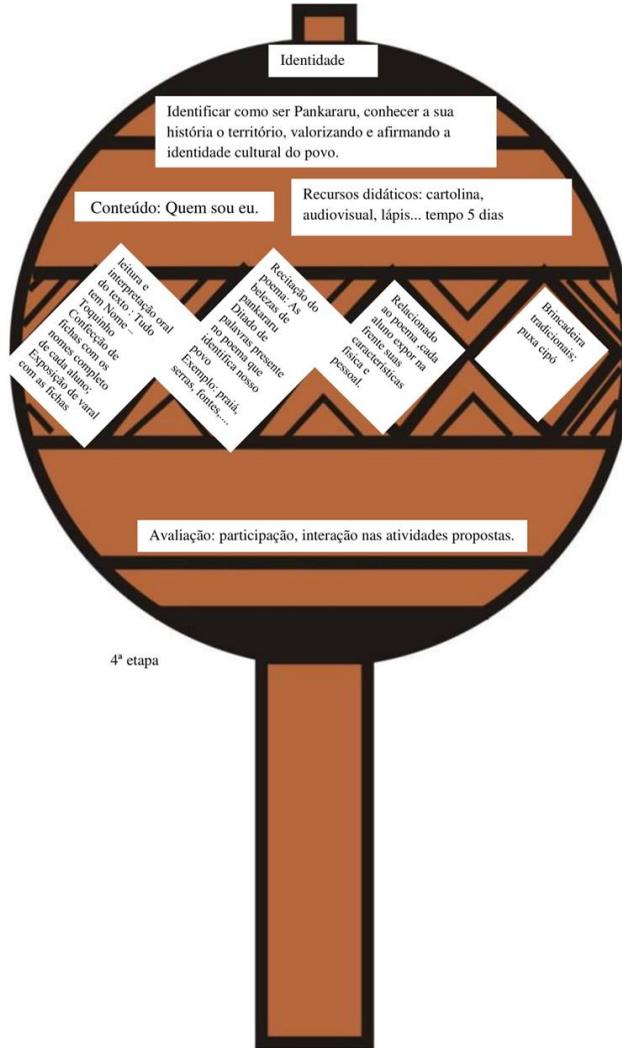
Orientadora: Maria José





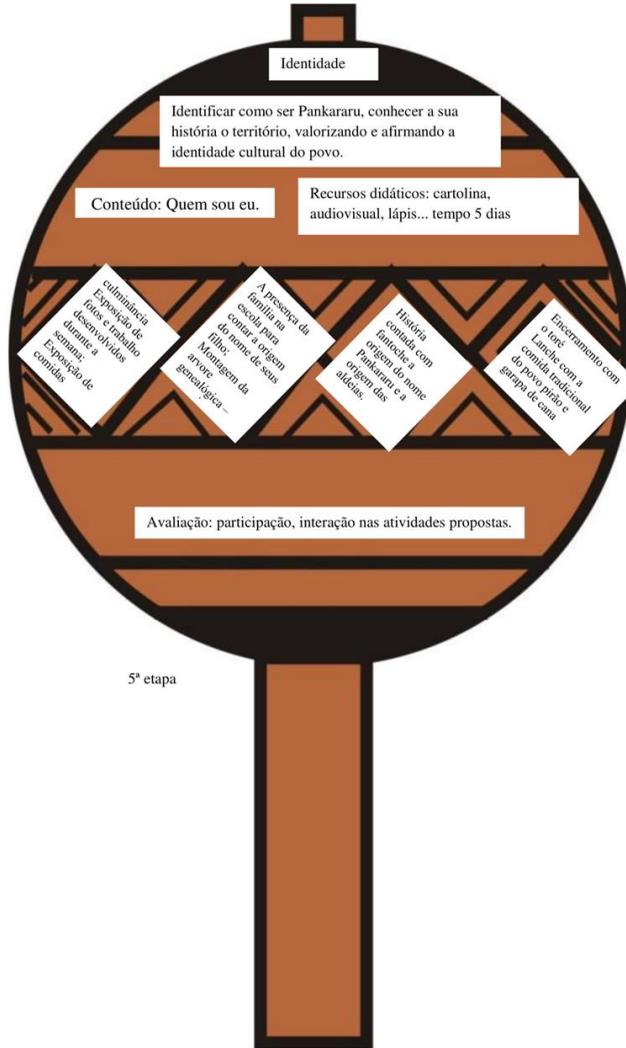


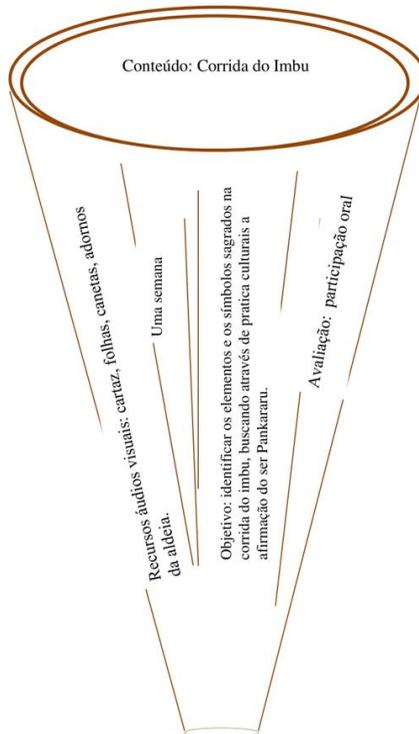
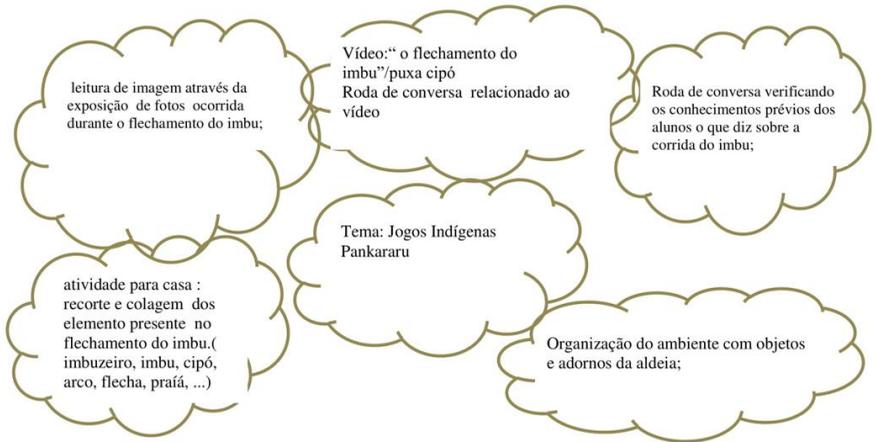
Toré: Urubu da Serra Negra  
"urubu de serra negra de velho caiu as penas de comer mangaba verde olé coã na baixa da jurema."



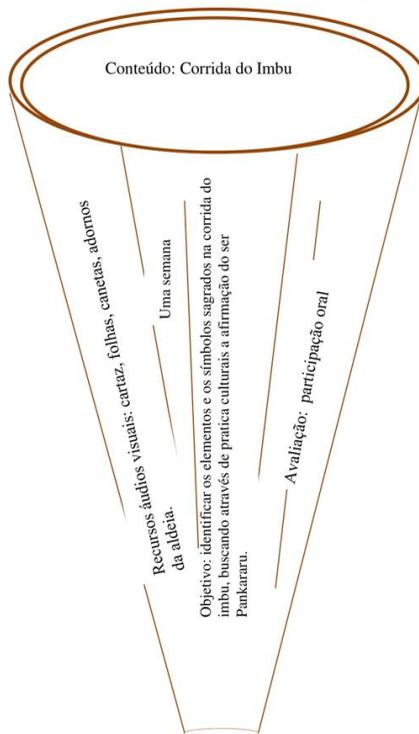
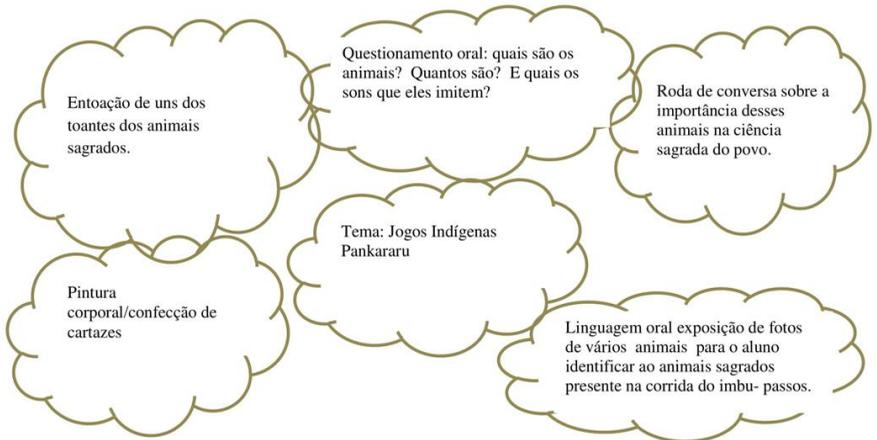
"tem uma história  
Da serra da Leonor  
Conta-se que uma  
linda índia  
Lá se encantou  
Por desobedecer seus  
pais  
Na loca d e uma pedra  
ela ficou  
E até hoje morra lá  
O tempo todo a grita  
Esper-me que eu  
também vou  
Esper-me eu sou a  
Leonor"

4ª etapa





1ª Etapa:



“ quando eu vim  
Da minha terra  
Eu passei no serrote da  
coã  
Olê coã, como vem tão  
bonitinha  
Olê coã! ”

2ª Etapa:

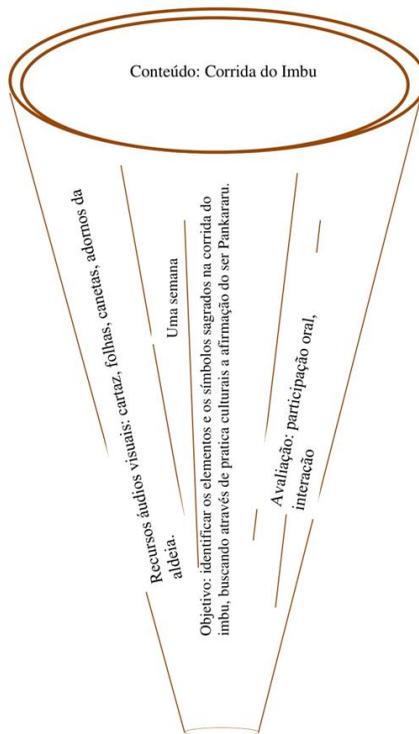
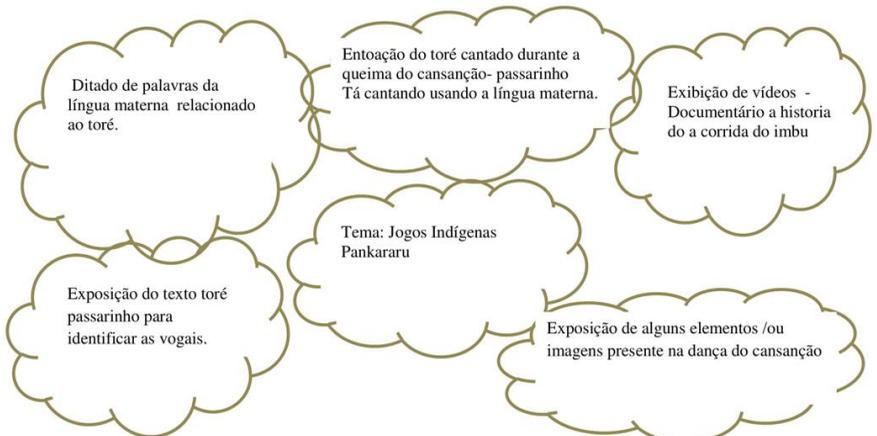


Alguns animais sagrados presente na corrida do imbu: lavadeira, urubu, sapo, formiga, papagaio, coã, boi, ema, cachorro, peixe, abelha... e outros,

3ª Etapa:

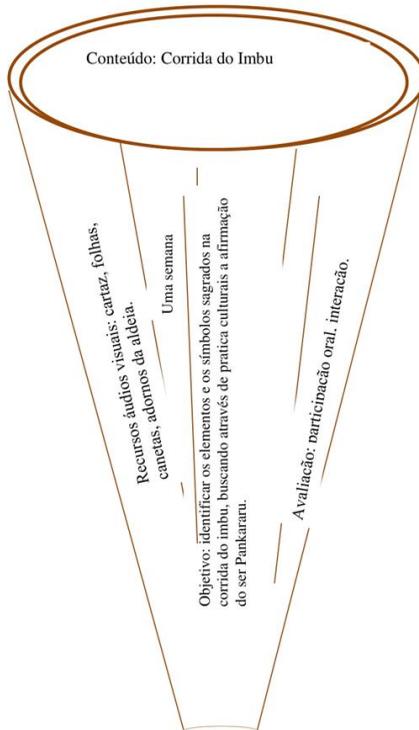
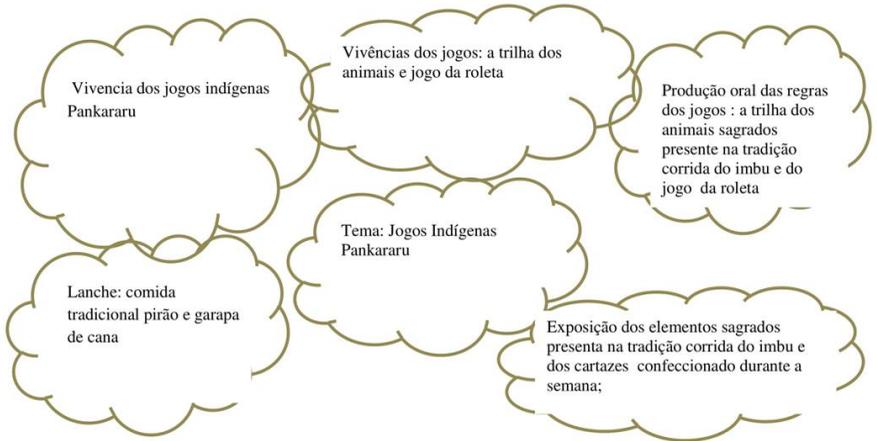


Desenvolvimento: dividir as equipes, esconder os desenhos dos animais no espaço da escola, pedi para os alunos procurarem . o jogo acaba quando encontrar todos os animais e vence a equipe que encontrar mais animais.



Os elementos sagrados presente na corrida do imbu: praia ou tonante de caroá, campió, maracá, imbu , cansaño, cipó, arco, flecha, barro branco, cestos ,frutas, garapa de cana, pirão e jiroquiá.

4ª Etapa:



Vivência dos Jogos Indígenas Pankararu :  
arremesso de lança  
, fechamento do imbu,  
, puxa cipó, Luta corporal  
, bate gancho, corrida de tora , caminhada de pote na cabeça, corrida de feixe de lenha, arremesso de fuga , corrida com pote no ombro , corrida com feixe de palha e construção do chapéu do menino rancho

5ª Etapa:

**Imagens ilustrativas – Jogos indígenas Pankararu**



**Caminhada com o pote de água**



**Caminhada com o feixe de lenha**



**Arremesso de lança**



**Caminhada com o pote de água**



**Corrida com o pote de água**



### Corrida com a tora



### Flechamento de imbu (arco e flecha)



**Bate gancho**



**Luta corporal**



Lanche tradicional: Pirão



Lanche tradicional: garapa



**Lanche tradicional: garapa**



**Ritual tradicional: toré**



**Pintura corporal**



## Sequências Didáticas

Orientadora: Rita de Cássia

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA

#### Eixo - Identidade

#### Conteúdo - A grande árvore etnológica Pankararu e Suas Ramificações

**Objetivo Geral** - Reafirmar a identidade étnica, os valores, histórias, memórias, no contexto territorial que identifica na nossa cultura física e espiritual em suas mudanças que interferem no modo de vida do nosso povo e de nossas pontas de ramos existente em vários estados brasileiro.

**Modalidade** - Educação Infantil | **Tempo estimado** - 1 semana

O que as crianças vão aprender com essa sequência didática?

- Saber que nossa terra tem diversos nomes;
- Conhecer a história dos nomes;
- Identificar a letra inicial do nome das pontas de ramos;
- Transcrever os nomes dos povos e onde estão localizados;
- Perceber e identificar características da sua aldeia;
- Conhecer a história e a importância do imbuzeiro em nossa tradição;

**Materiais necessários:** fotos, DVD's, datashow, som, papel, lápis, pincel, tinta guache, lápis grafites, mapa e material concretos (areia, folhas, etc).

#### DESENVOLVIMENTO

Nessa perspectiva de trabalho diz respeito a estrutura de tudo o que envolve o território Pankararu, partindo da grande árvore etnológica Pankararu e suas ramificações.

**1º dia** - Exposição do mapa da terra, roda de conversa, sobre os traçados e as organizações do ontem e do hoje. Escuta da música "Sou Pankararu", questionamentos sobre as mesma, listagem dos nomes das pontas de ramos e das famílias.

**2º dia** - Contação da história os nomes da minha terra, questionamentos orais recontação pelos alunos, produção de texto ilustrados e reescrita do texto, leitura coletiva.

**3º dia** - Expor os nomes em tarjetas das etnias pontas de ramos, fazer a leitura dos nomes, construir a grande árvore, dinâmica dos nomes da etnia.

**4º dia** - Pesquisar sobre os nomes e sobrenomes. Em círculo fazer a escrita do canto lavadeira fez um ninho.

**5º dia** - Exposição dos trabalhos construídos, para apresentação e destaques dos diversos nomes. Contação das histórias e seus significados para os visitantes e convidados, teatro e por fim o grande toré e comer pão com garapa.





Quadro Árvore Genealógica









## Cartão Postal de Pankararu

(Gean Ramos)

A cara do índio tem numa

Pedra

No pé da ladeira da

Serrinha

Quem não viu tem que ver

O que a natureza pode fazer

Nas terras indígenas de

Pankararu

Tomar banho de bica lá no

Jitó

Dançar um toré pendurar um

Aió

Botar uma corrente de licuri

Fazer pade de feijão de corda

Assistir as tubiba e o menino

No rancho

A garapa de cana na festa do

Imbú

Admirar os praiás com a

Roupa de croá

Fumar um campião com folha

De arara

Oi da tontura em quem nunca fumou

Tem cacique zé Alto com o

Tronco que herdou

Tem cultura e riqueza aqui

Sim sinhô

Somos filhos da terra somos

Pankararu

Somos índio de guerra sopra

O rabo de tatu

Tem o ritual que é do

Cansação

Tem Francisco e Fernando com o

Maracá na mão

E fechando a festa tem o

Mestre guia

Em Joaquim Serafim na aldeia

Serrinha

Ôh ôh ôh ôh

Hum dê hum dô...

2

## Canto: Ramificações de Pankararu

Lavadeira fez um ninho  
Nas gaias do mulungu  
Nós somos pontas de ramas  
Da aldeia Pankararu





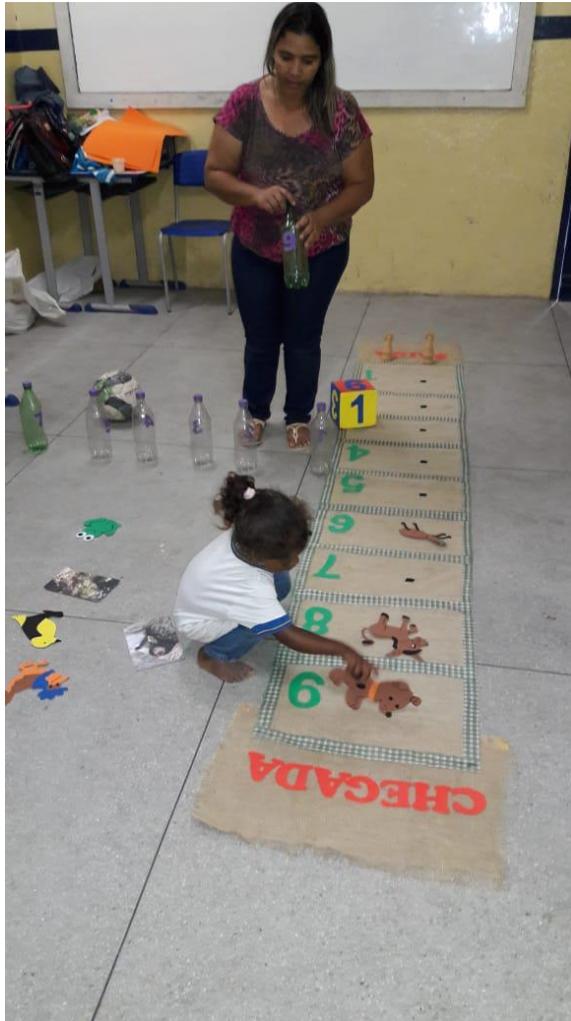


## Exposição - Jogos didáticos









## Seqüências Didáticas

Orientador: Fernando Monteiro

### SEQÜÊNCIA DIDÁTICA

Eixo - Identidade

Conteúdo - Alimentação Tradicional

Objetivo - Valorizar os alimentos que identificam a nossa nação cultural levando a leitura e escrita de forma real.  
Público Alvo - 1º ano do Ensino Fundamental I

#### Desenvolvimento

Nessa seqüência didática foi trabalhada a importância dos contos dos tuantes e danças que se relaciona com os pássaros, valorizando os princípios, regras da nossa cultura, através do canto dos pássaros, trabalhando a percepção e coordenação motora, leitura e escrita.

- 3º Momento - Exposição das receitas trazidas pelos alunos.
- Visita a uma cozinha tradicional.
  - Apresentação das receitas de pirão de carneiro.
  - Produção ilustrativa para construção de varal.
  - Oficina com os pais "história do nome de seu filho.

- 1º Momento - Roda de conversa explanatório sobre o nome de cada um.
- Exploração oral do texto, em seguida a entoação do tuante "estava na mata" para explorar o entendimento sobre os alimentos sobre os alimentos preparados na tradição.
  - Listagem, leitura e escrita de alimentos tradicionais.
  - Ordenação de palavras listadas em ordem alfabética.

- 2º Momento - Exposição de fatos de alimentos tradicional do nosso povo.
- Construção de gráfico trabalhando o preço dos alimentos.
  - Pesquisar uma receita de um prato tradicional do nosso povo.

- 4º Momento - Aula passeio no terceiro sagrado do nascente.
- Momento avaliativo em que os alunos interagiram e se mostraram conhecedores do assunto abordado durante a semana.

- 5º Momento - Culminância com uma aula de culinária.
- Lanche coletivo foi farofa de murici.
  - Encerramento o grande toré com as demais turmas dos alunos do mesmo horário da manhã.

Cortina Didática



**Crianças em momento de atividade e Pannel história em quadrinhos (ao fundo) –  
Produção Didática do Programa Ação Saberes Indígena na Escola**





**Exposição de Materiais Didáticos e Alimentação Tradicional – IF Sertão-PE, Campus Floresta**





Exposição de Materiais Didáticos – IF Sertão-PE, Campus Floresta



Exposição de Materiais Didáticos – IF Sertão-PE, Campus Floresta









## Seqüências Didáticas

Orientadora: Maria Jacielma



## Árvore Genealógica (Gerações)

Identificar a relação de parentesco em sua família e pesquisa sobre a origem e evolução das gerações das famílias Pankararu.

### 1° dia

- \* Conversa informal sobre o Tema;
- \* Desenho de uma família no quadro;
- \* Perguntas orais sobre a temática;
- \* Recorte e colagem de figuras de diferentes famílias;
- \* Desenho das pessoas que vivem em casa;
- \* Apresentação dos desenhos.

### 2° dia

- \* Apresentação de diversas figuras sobre famílias;
- \* Exibição de filme: A família;
- \* Contação de História avental: A família do jardim. Perguntas orais.
- \* Tarefa pintar as pessoas que moram em sua casa.

### 3° dia

- \* O percurso de sua casa até a escola;
- \* Roda de conversa sobre a temática;
- \* Exposição dos desenhos representando a aldeia;
- \* Produção do percurso da sua casa para a escola;
- \* Dinâmica: Tocar e sentir objetos da aldeia;
- \* Produção de desenhos.

### 4° dia

- \* Roda de conversa sobre o sobrenome das famílias da nossa aldeia;
- \* Exposição de cartazes com os sobrenomes das famílias dos alunos;
- \* Exibição do toante "Passarinho";
- \* Toré.

### 5° dia

- \* Apresentação da árvore genealógica com os nomes das primeiras famílias de Pankararu;
- \* Contar a história e a importância dessas famílias para o nosso povo.

### Socialização

- \* Exposição do material trabalhado durante a semana;
- \* Trilha com o tema;
- \* Dinâmica - Caça Tesouro.

### Avaliação

Através da participação dos alunos nas atividades solicitadas.

Tudo tem nome  
Identidade  
(Quem sou eu?)

Identificar o ser indígena e a história do povo  
afirmando e reafirmando a cultura

**Avaliação**  
Participação dos estudantes em todas  
as atividades com os familiares

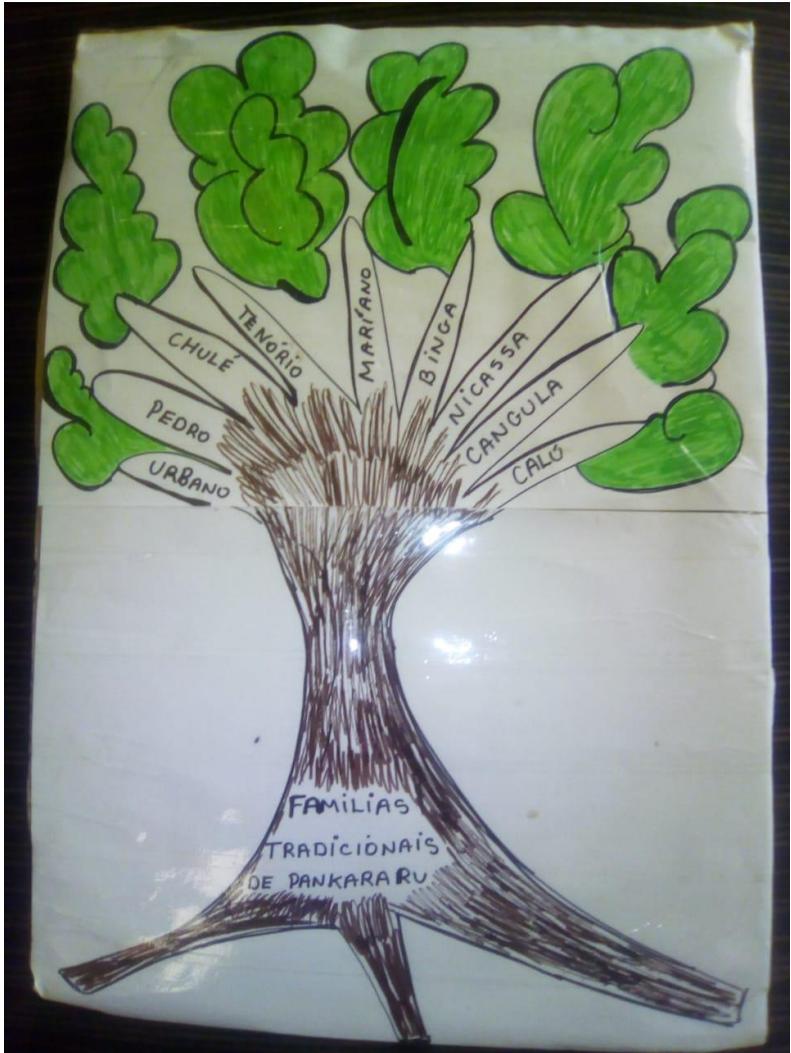
**2º Dia**  
- Roda de conversa  
- Dramatização da história (Tudo  
tem um nome)  
- Conversação com perguntas  
orais sobre a história

**Socialização**  
Apresentação dos trabalhos para os pais  
dos alunos e foi servido comidas  
típicas do povo

**3º Dia**  
- Exposição de bonecos, para retirar os  
membros e identificar.  
- Música da Xuxa (Cabeça...)  
- Pintura do desenho sobre  
corpo humano

**1º Dia**  
- Exploração da música e leitura  
do cartaz (todas  
as coisas tem nome)  
- Exibição de diferentes objetos  
- Apresentação de fichas com  
nomes dos alunos

**4º Dia**  
Roda de conversa  
- Falar o nome e o local onde mora  
- Contar história do patinho feio  
- Atividade sobre o tema



Painel: As famílias - Gerações

Professora e autora da foto: Tereza Cristina de Oliveira

Escola: E.E.I.Dr Carlos Estevão



**Alunos(as) da Escola Dr Carlos Estevão – Atividade Famílias/Gerações**  
Autora da foto: Professora Tereza Cristina de Oliveira



**Alunos(as) da Escola Dr. Carlos Estevão**  
**Atividade: Carta Pero Vaz – As pessoas que visitam Pankararu**  
Autora da foto: Professora Tereza Cristina de Oliveira



**Alunos(as) da Escola Dr. Carlos Estevão**  
**Atividade: Carta Pero Vaz – As pessoas que visitam Pankararu**  
**Autora da foto: Professora Tereza Cristina de Oliveira**



**Alunos(as) da Escola Dr. Carlos Estevão**  
**Atividade: Carta Pero Vaz – As pessoas que visitam Pankararu**  
**Autora da foto: Professora Tereza Cristina de Oliveira**



**Alunos(as) da Escola Dr. Carlos Estevão**  
**Atividade: Carta Pero Vaz – As pessoas que visitam Pankararu**  
**Autora da foto: Professora Tereza Cristina de Oliveira**



**Alunos(as) da Escola Agreste – Lanche Tradicional Pankararu**  
**Autora da foto: Professora Géssica**



**Alunos(as) da Escola Agreste**  
**Atividade de Campo: Visita a liderança da Aldeia Caxiado**  
**Autora da foto: Professora Gêssica**

## Animais Sagrados para o Povo Pankararu

Luzinete Maria Silva<sup>9</sup>

Apresento a sequência didática sobre os animais sagrados para o povo Pankararu desenvolvido durante uma semana. Teve como objetivos conhecer e identificar o toante<sup>10</sup> “A Coã”, nomear os pássaros de acordo com a ordem alfabética e destacar os gestos corporais apresentados no Toré<sup>11</sup>.

No primeiro momento o toante foi cantado para toda a turma e destacado todos os pássaros existentes na aldeia e na tradição Pankararu. Foi feita uma listagem com os nomes dos pássaros e foi solicitado aos(as) alunos(as) executarem uma atividade ilustrativa com a temática dos pássaros em destaque.

No segundo momento iniciou com o toante cantado por todos(as). Em seguida foi apresentada a imagem do passado Coã, as histórias sobre os mistérios do Coã, as características relacionadas aos animais vertebrados e ovíparos. Destacado o habitat e a alimentação. No final foi proposta atividade avaliativa na forma escrita, com recortes e colagens.

No terceiro momento foi entoado e dançado o toante “Gavião”. Foi promovido aula passeio para pesquisar locais possíveis de ninhos e ovos de pássaros. E por fim, foi construído pelos(as) alunos(as) uma árvore, pássaros, ninhos e ovos, utilizando materiais recicláveis e do ambiente natural do território indígena Pankararu.

A culminância aconteceu com revisão sobre todos os conteúdos didáticos da temática proposta. Foi realizada a dinâmica “Dança do Gavião”, que consiste em propor perguntas sobre a temática em questão e a cada erro é solicitado o pagamento de uma prenda, envolvendo a tradição Pankararu.

---

<sup>9</sup>Professora Indígena Pankararu e Cursista do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola.

<sup>10</sup>Músicas sagradas dos Pankararu.

<sup>11</sup>Dança ritualística.

## **Parte 04 – Exemplos de Atividades Discentes Pankararu**

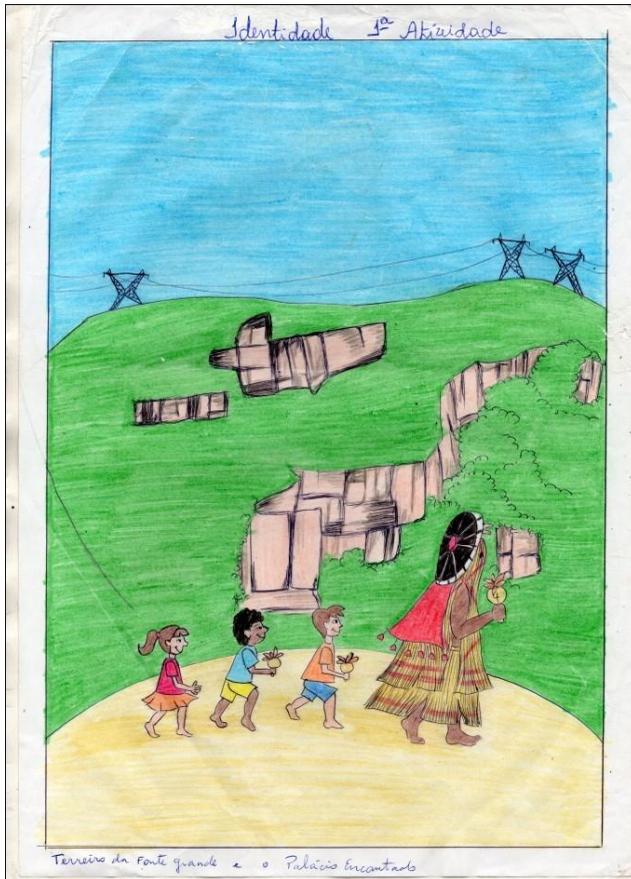
### ATIVIDADE SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1



ATIVIDADE SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1



ATIVIDADE SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2





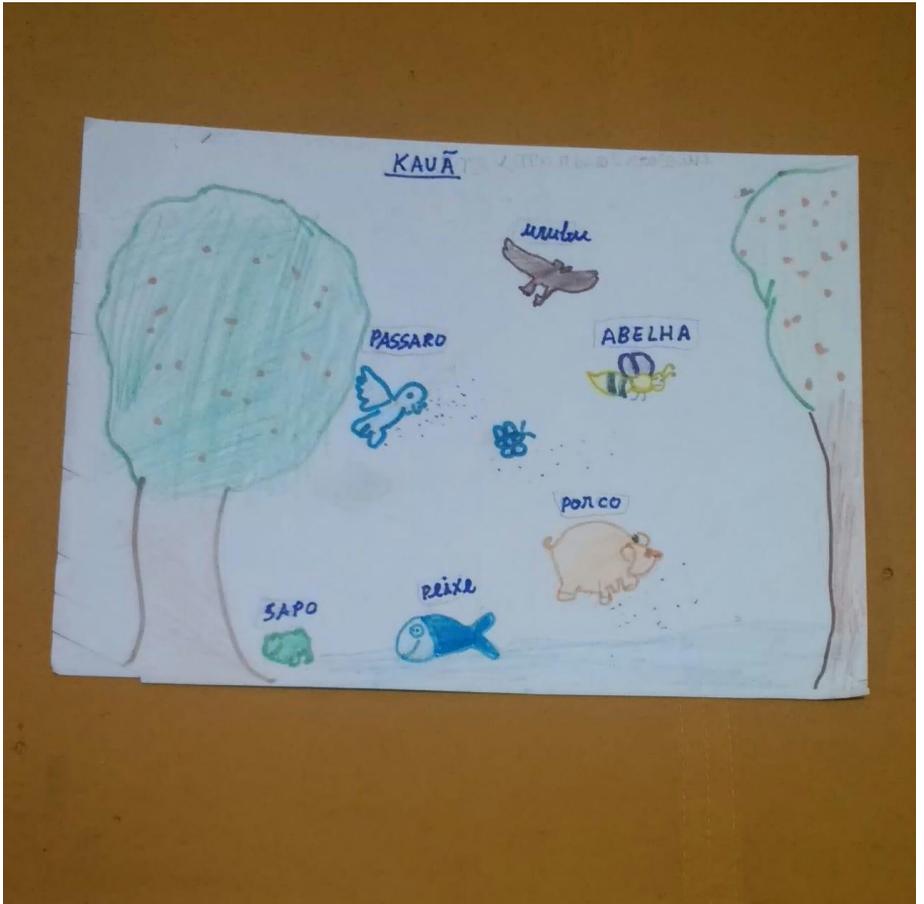


ATIVIDADE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3



Orientadora: Maria José  
Escola Ezequiel  
Professora Cursista: Rejane Silva

Sequência Didática 3 – Jogos Indígenas







Segundo Geiciany o cachorro é um animal que faz parte dos animais sagrados, que ela gosta de ver quando ele sai.



